

Herói da Nossa Época



MIKHAIL LÊRMONTOV

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Herói da Nossa Época



MIKHAIL LÊRMONTOV

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Herói da Nossa Época



MIKHAIL LÊRMONTOV

 EDITORA
LUME

Herói da Nossa Época

MIKHAIL LÊRMONTOV

Tradução e notas: OLEG ALMEIDA

Posfácio: MARCELO CAETANO



NOTAS DO EDITOR

- I. Todas as ideias, falas e descrições constantes neste livro são de total responsabilidade do autor, cujas obras refletem naturalmente o contexto histórico e sociocultural de sua época. Tendo por objetivo uma reprodução adequada, sempre autêntica e fiel, da literatura clássica, a Editora publica-o na íntegra, sem alterações ou adaptações de qualquer espécie, para que o público leitor o conheça tal como foi originalmente escrito e tire suas próprias conclusões a respeito dele.
- II. Esta edição buscou, em todas as suas etapas, prezar pela integralidade do texto, municiando o leitor com notas explicativas e mantendo a originalidade de termos estrangeiros e remotos no decurso da obra. A pontuação, também com suas particularidades, remete à especificidade e à estilística da língua russa e do autor, com o uso amplo e recorrente de dois-pontos, por exemplo, bem como diálogos apresentados guardando a estrutura do romance idealizado por Lêrmontov. O mesmo se aplica aos termos raros, arcaicos e inusitados que o tradutor tem feito questão de usar, no intuito de transpor o texto autoral, escrito naquele russo do século XIX que torna inconfundíveis tanto a letra como o espírito dele, para o português brasileiro do século XX.

SUMÁRIO

Prefácio

Primeira parte

I. Bela

II. Maxim Maxímytch

Diário de Petchórin

Prefácio

I. Taman

Segunda parte (fim do diário de Petchórin)

II. A princesinha Mary

III. O fatalista

Posfácio de Marcelo Caetano:

Da Cólquida ancestral à nossa época: os caminhos de um herói verdadeiro

PREFÁCIO

Em qualquer livro que houver, o prefácio é a primeira e, ao mesmo tempo, a última coisa, a qual se destina ora a explicar o propósito da obra, ora a justificá-la e a servir de resposta às críticas. Mas, de ordinário, os leitores não se interessam pelo propósito moral nem pelas invectivas das revistas e, portanto, não leem prefácios. É pena que seja assim, sobretudo aqui conosco. Nosso público está ainda tão jovem e ingênuo, que não compreende uma fábula se não encontrar uma moralidade que a conclua. Não adivinha gracejo nem percebe ironia: está simplesmente mal-educado. Não sabe ainda que, numa sociedade decente e num livro decente, não pode haver uma injúria explícita, que a instrução moderna inventou uma arma mais afiada, quase invisível e, não obstante, letal, uma arma que, travestida de lisonja, acaba desferindo um golpe certo e indefensável. Nosso público se parece com um provinciano que fique convencido, ao escutar sorrateiramente uma conversa de dois diplomatas pertencentes às cortes hostis, de que cada um deles engana seu governo em prol de sua amizade mútua e delicadíssima.

Este livro chegou a experimentar, ainda há pouco, essa infeliz confiança no significado literal das palavras por parte de certos leitores e até mesmo de algumas revistas. Uns se quedaram sentidos, terrível e seriamente, por verem um homem tão imoral quanto o Herói da Nossa Época que lhes era oferecido como exemplo a imitar; os outros, por sua vez, notaram com muita sutileza que o autor tinha pintado seu próprio retrato e os retratos de seus conhecidos... Que piada antiga e lamentável! Mas, pelo visto, a Rússia foi criada de modo que tudo se renova nela além de tais disparates. Nem o conto de fadas mais fádico é que deixaria, aqui conosco, de ser censurado como uma afronta pessoal em potencial!

O Herói da Nossa Época, meus prezados senhores, é um retrato, sim, mas não o de um homem só: é um retrato composto dos vícios, desenvolvidos a pleno, de toda a geração nossa. Tornarão a dizer-me que um homem não pode ser tão mau assim, e eu cá perguntarei por que, tendo acreditado que fosse possível a existência de todos aqueles vilões trágicos e românticos, os senhores não acreditam que meu Petchórin seja real? Tendo admirado as fantasias bem mais horribéis e disformes, por que é que não se compadecem deste caráter, nem que seja fictício? Será porque há nele mais verdade do que desejariam que nele houvesse?...

Os senhores dirão porventura que a moral não ganha nada com isso? Vejam

se me desculpam. Já chega de alimentarmos as pessoas de doces, que seu intestino fica desarranjado: precisa-se de remédios amargos, de verdades acerbadas. Todavia, não pensem depois que o autor deste livro tenha tido, nalgum momento, aquele sonho altivo de se tornar um corretor de vícios humanos. Deus o livre de uma bronquite dessas! Apenas se comprouve em pintar um homem moderno, tal como ele o compreende e tal como o tem encontrado, para nossa desgraça comum, com demasiada frequência. Basta apenas ter apontado a doença, mas de que maneira se pode curá-la... só Deus é que sabe disso!

PRIMEIRA PARTE

I. BELA

Eu regressava de Tiflis¹. Ia mudando de cavalos, e toda a carga da minha charrete consistia numa só mala, não muito grande, que estava cheia, pela metade, de minhas notas sobre a viagem pela Geórgia. A maior parte daquelas notas se perderia, felizmente para os senhores; quanto à própria mala com os demais pertences, ei-la intacta, felizmente para mim.

O sol já se escondia atrás de uma serra nevada quando entrei no vale Koichaúrskaja. Meu cocheiro osseta² não se cansava de fustigar os cavalos, para subirmos a montanha Koichaúrskaja antes que anoitecesse, e cantava com toda a força de sua goela. Que lugar admirável é aquele vale! De todos os lados da montanha ficam aqueles rochedos avermelhados, inacessíveis que são, revestidos de hera verde e coroados de platanais, aquelas escarpas amarelas, riscadas por ravinas, e lá em cima, bem alto, vê-se a franja dourada das neves, e lá embaixo, entrelaçado com outro riacho anônimo que jorra, estrepitoso, de uma garganta escura, transbordante de neblina, é o rio Aragva que se estende qual um fio prateado e brilha como uma serpente coberta de escamas.

Acercando-nos do sopé da montanha Koichaúrskaja, paramos ao lado de um *dukhan*³. Reuniam-se lá, barulhentas, umas duas dezenas de georgianos e de montanheses: uma caravana de camelos ia passar a noite por perto. Eu teria de arranjar os bois que puxassem minha charrete até o topo daquela maldita montanha, a qual tem cerca de duas verstas⁴ de comprimento, pois já estávamos no outono e havia gelo pelas estradas.

Fazer o quê? Aluguei seis bois e contratei alguns ossetas. Um deles pôs minha mala nos ombros; os outros se puseram a ajudar os bois, resumindo-se essa ajuda praticamente à sua gritaria.

Atrás da minha charrete, quatro bois vinham puxando uma outra; se bem que estivesse abarrotada, puxavam-na como se de nada se tratasse. Tal circunstância me deixou surpreso. Era seu dono que a seguia a pé, tragando, vez por outra, a fumaça de um cachimbo cabardino, pequeno e marchetado de prata. Usava uma sobrecasaca de oficial, sem dragonas⁵, e uma *chapka*⁶ circassiana toda felpuda. Aparentava ter uns cinquenta anos de idade; sua tez amorenada mostrava que o sol transcaucásio era, havia muito tempo, familiar ao seu rosto, e seu bigode precocemente grisalho não combinava com seu andar firme e ar vigoroso. Aproximei-me dele e saudei-o com uma mesura; calado, ele me retribuiu a saudação e soltou uma enorme baforada.

— Seguimos o mesmo caminho, pelo que parece...

Calado como estava, ele tornou a inclinar a cabeça.

— Decerto o senhor vai para Stávropol?

— Exatamente... com estes bens públicos.

— Diga-me então, por favor: por que quatro bois puxam a sua charrete pesada como que brincando, enquanto seis bestas mal conseguem mover a minha, vazia, com a ajuda daqueles ossetas?

Ele sorriu maliciosamente e olhou para mim de modo significativo:

— Faz pouco tempo, sem dúvida, que está no Cáucaso?

— Mais ou menos um ano — respondi.

Ele sorriu outra vez.

— Por quê?

— Por nada. Aqueles asiáticos são canalhas horríveis!

O senhor acha que eles ajudam com seus gritos? Mas sabe lá o diabo o que estão gritando! Só que os bois os entendem, sim: a gente pode atrelar uns vinte, mas, se eles gritarem algo naquela sua língua, os bois não vão dar um passo sequer... São velhacos horríveis! E o que é que se cobraria deles?... Gostam de esfolar os viajantes... Mimaram demais aqueles patifes! O senhor vai ver que ainda lhe pedirão gorjeta para comprar vodca. Eu cá os conheço bem: não me enganarão mais a mim!

— Pois o senhor está servindo aqui há muito tempo?

— Sim: ainda na época de Alexei Petróvitch⁷ é que servia aqui — respondeu ele, apurando-se. — Quando ele chegou à Linha⁸, eu era subtenente — acrescentou — e recebi, sob o comando dele, duas patentes pelas operações contra os montanheses.

— E agora o senhor...

— Agora fico inscrito no terceiro batalhão de linha. E o senhor, se me atrevo a perguntar?...

Contei-lhe sobre mim.

A conversa terminou nisso; continuamos a caminhar, calados, um junto ao outro. Uma vez no topo da montanha, encontramos a neve. O sol se pusera, e a noite sucedera ao dia sem intervalo algum, como sói ocorrer no Sul, porém, graças ao brilho das neves, conseguíamos facilmente discernir a estrada que ainda subia, embora nem tão íngreme assim, ladeira acima. Mandeí colocar minha mala na charrete e substituir os bois pelos cavalos, depois olhei, pela última vez, para o vale que ficara embaixo, mas aquela neblina espessa, cujas ondas tinham irrompido gargantas afora, encobria-o por inteiro, e nem um único som que viesse de lá chegava mais aos nossos ouvidos. Os ossetas me cercaram buliçosos,

reclamando sua gorjeta para comprarem vodca, mas o capitão de estado-maior deu um grito tão ameaçador que eles se dispersaram num átimo.

— Mas que povo! — disse ele. — Nem sabe como se chama o pão em russo, mas já aprendeu: "Me dá aí, oficial, pra comprar vodca!". Gosto mais de tártaros, quanto a mim: pelo menos, não bebem...

Ainda nos restava percorrer cerca de uma versta até a estação. Estava tudo silencioso ao nosso redor, tanto assim que daria para acompanharmos o voo de um mosquito pelo seu zumbido. Um desfiladeiro profundo negrejava do lado esquerdo; os cimos das montanhas, azul-escuros, todos enrugados, cobertos de camadas de neve, desenhavam-se, além dele e diante de nós, sobre o pálido firmamento no qual se mantinha ainda o último reflexo do arrebol. As estrelas começavam a repontar naquele céu escuro, e, algo estranho, pareceu-me que elas estavam bem mais alto do que em nosso Norte. As rochas se elevavam, nuas e pretas, de ambos os lados da estrada; alguns arbustos transpareciam, aqui e acolá, debaixo da neve, mas não se movia nem uma só folhinha seca, apenas era divertido ouvirmos, em meio àquele sono de pedra da natureza, o bufar da nossa cansada troica⁹ de posta e o tilintar entrecortado de uma sineta russa.

— Amanhã fará um bom tempo! — disse eu. O capitão de estado-maior não respondeu com uma palavra sequer, apontando para uma alta montanha que se erguia logo em nossa frente.

— O que é aquilo? — perguntei.

— A montanha Gud¹⁰.

— E daí?

— Veja como está fumegando.

A montanha Gud fumegava mesmo; leves correntes de nuvens se arrastavam à sua volta, e um nimbo preto jazia em seu topo, tão preto que parecia uma mancha no céu escuro.

Já estávamos enxergando a estação de posta, os telhados das *sáklias*¹¹ que a circundavam, e suas luzinhas afáveis já cintilavam em nossa frente, quando soprou um vento frio e úmido, o desfiladeiro rugiu, e um chuvisco veio caindo. Mal tive tempo de jogar minha *burka*¹² por cima dos ombros, e começou a nevar. Foi com veneração que olhei para o capitão de estado-maior...

— Teremos de pernoitar aqui — disse ele, aborrecido: — não dá para cruzar as montanhas com uma nevasca dessas. Pois bem: será que houve avalanches na Krestóvaia? — perguntou ao cocheiro.

— Não, meu senhor — respondeu o cocheiro osseta —, mas tem muita neve pendendo, muita!

Por falta de quarto para viajantes naquela estação, deixaram-nos pernoitar

hospedados numa *sákliá* esfumaçada. Convidei meu companheiro de viagem a tomarmos juntos um copo de chá, visto que minha chaleira de ferro-gusa, o único regalo que tinha nessas jornadas pelo Cáucaso, estava comigo.

Um dos lados da tal *sákliá* estava grudado num rochedo; três degraus escorregadios de tão molhados levavam à sua porta. Entrei às apalpadelas e me deparei com uma vaca (o curral substitui, no meio daquele povo, o quarto dos lacaios). Não sabia onde me meteria, berrando umas ovelhas aqui, rosnando um cão acolá. Por sorte, foi uma luz tênue que surgiu de um lado, ajudando-me a encontrar outro orifício semelhante a uma porta. Ali se abriu um quadro assaz interessante: a espaçosa *sákliá*, cujo telhado se sustentava em dois pilares fuliginosos, estava repleta de gente. Uma fogueirinha acesa no solo estalava no meio dela, e a fumaça, que o vento empurrava de volta por um buraco no teto, espalhava-se ao redor, tão densa que passei muito tempo sem ver nada naquela bruma. Duas velhas, muitas crianças e um magro georgiano, todos esfarrapados, estavam sentados perto do fogo. Não tendo escolha, também nos acomodamos perto do fogo, acendemos nossos cachimbos, e minha chaleira logo se pôs a chiar afavelmente.

— Que gente miserável! — disse eu ao capitão de estado-maior, apontando para nossos anfitriões sujos que nos encaravam, calados, numa espécie de torpor.

— Um povo estupidíssimo! — respondeu ele. — Não sabem de nada, não são aptos para nenhuma instrução, acredita? Pelo menos, nossos cabardinos ou chechenos são corajosos até dizer chega, posto que sejam ladrões sem eira nem beira, mas estes daqui não têm nem vontade de pegar numa arma qualquer: não se vê um punhal decente em nenhum deles. São ossetas mesmo!

— E o senhor passou muito tempo na Chechênia?

— Sim: fiquei lá por uns dez anos, numa fortaleza com minha companhia, junto ao Vau de Pedra. Sabe onde é?

— Já ouvi falar.

— Pois bem, meu caro: a gente se cansou daqueles facínoras. Agora, graças a Deus, está mais tranquilo por lá, mas então bastava dar uma centena de passos além do aterro, e já havia um demônio peludo nalgum lugar, espreitando. Quem vacilasse, já era: um laço no pescoço ou uma bala na nuca. Mas são valentes!...

— Teve, pois, muitas aventuras, hein? — perguntei, instigado pela curiosidade.

— Como não teria? Tive...

Então ele abaixou a cabeça e se ficou pensativo, beliscando seu bigode esquerdo. Tanto me apetecia tirar alguma historinha dele: um desejo próprio de todos os que viajam e tomam notas. Enquanto isso, o chá ficou pronto; tirei dois

copinhos de campanha da minha mala, enchi-os e coloquei um deles na frente do capitão. Ele tomou um golinho e disse, como quem se dirigisse a si mesmo: "Tive, sim!". Essa exclamação me deixou muito esperançoso. Sei que os velhos caucasianos gostam de conversar, de contar histórias, pois tão raramente conseguem fazê-lo: há quem passe, com sua companhia, uns cinco anos algures nos cafundós, onde ninguém lhe dá, por cinco anos inteiros, bom-dia (visto que o suboficial diz: "Saúde ao senhor!"). Teríamos, aliás, sobre o que prostrar: o povo é selvagem, bizarro por toda parte; há algum perigo todo santo dia; os casos que acontecem são extraordinários, de sorte que a gente lamenta, queira ou não, tão poucos daqueles casos serem anotados.

— Não gostaria de verter um pouco de rum? — disse ao meu interlocutor. — Tenho um branco de Tiflis aqui... Faz frio agora.

— Não, obrigado: eu não bebo.

— Por que será?

— Por nada. Fiz uma promessa a mim mesmo. Quando era ainda um subtenente, ficamos farreando, um dia, entre amigos, sabe? Mas houve um alarme de noite, e fomos assim mesmo, pingados, às fileiras, e apanhamos para valer quando Alexei Petróvitch soube daquilo! Guarde-me Deus nosso Senhor de como ele se enfureceu: por pouco não nos mandou para a corte marcial! Pois é verdade que, quando se vive, por vezes, o ano todo sem ver mais ninguém, a vodca vem tão a calhar que a gente se perde logo.

Ouvindo isso, quase perdi a esperança.

— Veja, por exemplo, os circassianos — prosseguiu ele: — mal se fartam de sua *buzá*¹³ num casório ou num enterro qualquer, saem cortando uns aos outros. Um dia, fui visitar um príncipe pacífico¹⁴ e, se me safei então, foi só por um triz.

— Mas como isso aconteceu, hein?

— Pois bem... (ele encheu seu cachimbo, deu uma tragada e se pôs a contar). — Digne-se o senhor a notar que eu estava então, com minha companhia, numa fortaleza além do rio Têrek: já vai para cinco anos que aquilo se deu comigo. Certa vez, no outono, chegou um transporte com provisões; era um oficial que acompanhava aquele transporte, um jovem que tinha uns vinte e cinco anos. Veio apresentar-se a mim, plenamente fardado, e declarou que lhe fora ordenado ficar em minha fortaleza. Era um rapaz tão fininho e tão branquinho, com uma túnica tão novinha, que logo adivinhei que ele estava em nosso meio, no Cáucaso, havia pouco tempo. "Decerto", perguntei-lhe, "o senhor foi transferido para cá da Rússia?" — "Exatamente, senhor capitão", respondeu ele. Segurei a mão dele e disse: "Muito prazer, muito prazer. O senhor ficará um pouquinho entediado, mas não faz mal: viveremos como bons companheiros. Chame-me, por favor,

simplesmente de Maxim Máxymtch e – para que é que serve essa farda completa? – venha sempre, por gentileza, tratar comigo de casquete." Deram-lhe um apartamento, e ele se alojou lá na fortaleza.

— E qual era o nome dele? — perguntei a Maxim Máxymtch.

— O nome dele era... Grigóri Alexândrovitch *Petchórin*. Era um ótimo rapaz, se é que ousou assegurá-lo ao senhor, apenas um pouco esquisito. Passamos, por exemplo, um dia inteiro a caçar: está chovendo, faz frio; todos batem queixo, ficam cansados, mas ele não se importa com nada. E, noutra ocasião, garante que está resfriado porque o vento assoprou nele em seu quarto; um contravento estala, e eis que ele estremece e fica pálido... só que já o vi caçar sozinho um javali; às vezes não dá para arrancar meia palavra dele por horas a fio, só que, noutras vezes, começa a contar tais coisas que a barriga da gente estoura de tanto rir... Pois é: tinha grandes esquisitices e era, por certo, um homem rico: tantas coisinhas diversas e caras é que levava consigo!...

— E viveu muito tempo ao seu lado? — tornei a perguntar.

— Por um ano. Mas foi bem por isso que aquele ano me ficou na memória: quantos problemas o rapaz me causou, que não me lembre mais deles! É que existem, palavra de honra, tais pessoas a quem ocorre, por obra do fado, muita coisa inusitada.

— Inusitada? — exclamei, com ares de curiosidade, vertendo mais chá em seu copo.

— Pois vou contar ao senhor. Era um príncipe pacífico que morava a umas seis verstas da fortaleza. Seu filhinho, um garoto de uns quinze anos, costumava visitar a gente. Vinha cada dia, ora por uma razão, ora por outra, e, na verdade, nós o mimávamos bastante, Grigóri Alexândrovitch e eu mesmo. E que valentão era aquele, hábil no que se quisesse: quer em apanhar uma *chapka* a todo o galope, quer em disparar uma espingarda. Só havia um traço ruim nele: gostava demais de dinheiro. Certa vez, por brincadeira, Grigóri Alexândrovitch prometeu que lhe daria um *tchervónetz*¹⁵ se ele furtasse o melhor bode do rebanho de seu pai, e o que o senhor acha que ele fez? Logo na noite seguinte, trouxe aquele bode, puxando-o pelos chifres. E quando, às vezes, começávamos a bulir com ele, seus olhos se injetavam de sangue, e ele se agarrava ao seu punhal. "Ei, Azamat, mas tu vais perder a cabeça, hein!", dizia-lhe eu. "Essa tua cachola estará *yaman*¹⁶."

Certa vez, foi o velho príncipe em pessoa quem veio convidar a gente para um casamento: ia casar sua filha mais velha, e éramos *kunaks*¹⁷, ele e eu, de sorte que não dava para recusar o convite, apesar de ser um tártaro, sabe? Fomos então.

Muitos cachorros nos receberam, ali na aldeia, com um latido sonoro. As mulheres se escondiam quando nos avistavam; as que podíamos ver de mais perto estavam longe de ser lindas. "Tinha uma opinião bem melhor sobre as circassianas", disse-me Grigóri Alexândrovitch. "Espere!", respondi com um sorrisinho. Tinha algo peculiar em mente.

Muita gente estava já reunida na *sákliá* do príncipe. Os asiáticos têm aquele costume de convidar todos os parentes e aderentes para o casamento, sabe? Receberam-nos com todas as honrarias e conduziram-nos até a sala dos *kunaks*. Entretanto, não me esqueci de notar onde eles tinham deixado nossos cavalos... por via das dúvidas, sabe?

— Como é, pois, que eles celebram um casamento? — perguntei ao capitão de estado-maior.

— De maneira comum. Primeiro um mulá¹⁸ lê algo do Alcorão para eles, depois os presentes são entregues aos noivos e a toda a sua parentela; ficam comendo, bebendo *buzá*; depois começa uma *djiguitovka*¹⁹, e há sempre algum maltrapilho sebooso, montado num cavallinho manco e sem valor, que se requebra, bancando o palhaço, e faz todo o respeitável público rir; depois, quando tiver escurecido, começa, como se diria em nosso meio, um baile na sala dos *kunaks*. Um velhote dedilha, coitado, aquela coisa com três cordas... não lembro como se chama na língua deles... pois bem: algo como uma balalaica da gente. As moças e os rapazes se postam em duas fileiras, uma defronte à outra, batem palmas e cantam. Eis que uma das moças e um homem vão até o meio do cômodo e ficam dizendo versos um ao outro, como que cantando de qualquer jeito, e os outros repetem em coro. Estávamos sentados, Petchórin e eu, num lugar de honra, e eis que se aproximou dele a filha mais nova do anfitrião, mocinha de uns dezesseis anos, e lhe cantou... como é que diria? Algo parecido com um elogio.

— Mas o que foi mesmo que ela cantou: será que o senhor lembra?

— Parece que foi assim: "Esbeltos são, digamos, nossos jovens *djiguits*, e seus cafetãs²⁰ estão bordados de prata, só que o jovem oficial russo é mais esbelto do que eles, e seus galões são de ouro. É como um álamo no meio deles, só que não vai crescer nem florescer em nosso jardim". Petchórin se levantou, fez uma medida, apertando a mão à testa e ao coração, e me pediu que respondesse à moça; eu, que conheço bem a língua deles, traduzi a sua resposta.

Quando ela se afastou de nós, sussurrei a Grigóri Alexândrovitch: "O que acha, pois, dela?".

— Uma gracinha! — respondeu ele. — E como se chama?

— O nome dela é Bela — respondi.

Era bonita mesmo: alta, fininha, e seus olhos negros, como aqueles de uma cabrita montesa, olhavam bem para dentro da alma. Petchórin ficou pensativo, sem mais despregar os olhos da moça, e ela também olhava amiúde, assim de esguelha, para ele. Contudo, não era somente Petchórin quem admirava a linda princesinha; era outro par de olhos que a fitava, imóvel e flamejante, do canto daquela sala. Olhei com mais atenção e reconheci Kázbitch, um conhecido meu de longa data. Não é que fosse pacífico, nem belicoso tampouco, sabe? Havia muitas suspeitas quanto a ele, se bem que não o tivessem visto metido em pândega alguma. De vez em quando, trazia carneiros para nossa fortaleza e vendia-os baratinho, mas sem nenhuma barganha: pague-se o que cobrar, pois, nem que o degolem, não cederá nunca. Contava-se a respeito dele que gostava de vaguar, com os *abreks*²¹, além do Kuban, e, para dizer a verdade, aquela sua carantonha era a mais malvada possível: era um homenzinho enxuto, de ombros largos... E como era esperto, esperto que nem um demônio! Sempre usava um *bechmet*²² esfrangalhado, todo remendado, mas suas armas estavam banhadas de prata. E seu cavalo era famoso em toda a Cabárdia, e, realmente, não daria nem para inventar algo melhor do que aquele cavalo. Não era à toa que todos os cavaleiros tinham inveja de Kázbitch; já haviam tentado, mais de uma vez, furtar seu cavalo, mas não conseguiram. É como se eu olhasse agora mesmo para aquele bicho: murzelo que nem azeviche; as pernas, como duas cordinhas; os olhos, nada piores do que os de Bela; e quanta força, nem que galope por cinquenta verstas, e já está amestrado, correndo atrás do seu dono feito um cachorro, conhecendo até mesmo a voz dele! Kázbitch nem sequer o amarrava, por vezes. Era um cavalo de ladrão mesmo!...

Naquela noite, Kázbitch estava mais sombrio do que nunca, e percebi que usava uma cota²³ por baixo do seu *bechmet*. "Não foi à toa que vestiu essa cota", pensei: "decerto está tramando alguma coisa."

O ar da *sákliá* ficou abafadiço, então saí para me refrescar ao ar livre. A noite já vinha pousando sobre as montanhas, e uma neblina começava a espalhar-se pelos desfiladeiros.

Tive a ideia de passar sob o toldo, onde ficavam nossos cavalos, para ver se tinham forragem ali. De resto, a cautela jamais atrapalha: tinha, eu mesmo, um excelente cavalo, e não era um só cabardino que lhe lançava olhares melosos, dizendo: "*Yakchi tkhê, tchek yakchi!*"²⁴.

Esgueirava-me, pois, ao longo da cerca e, de repente, ouvi duas vozes; logo reconheci uma delas: era aquele patusco do Azamat, o filho de nosso anfitrião; quanto à outra, falava mais raro e baixo. "De que será que estão falando?", pensei.

"Por acaso, do meu cavallinho?" Então me agachei ao pé da cerca e fiquei escutando, buscando não perder nem uma palavra. Às vezes, o barulho do canto e das vozes que conversavam irrompia da *sákliá* e abafava aquela conversa que me interessava.

— Que bom cavalo é que tens aí! — dizia Azamat. — Se eu estivesse mandando em casa e tivesse uma manada de trezentas éguas, daria metade dela pelo teu corcel, Kázbitch!

"Ah, mas é Kázbitch!", pensei eu, recordando-me da tal cota.

— Sim — respondeu Kázbitch após uma pausa —, não se acha um desses em toda a Cabárdia. Um dia, fui arrebatá-lo, com os *abreks*, umas manadas russas daquele lado do Têrek; não tivemos sorte e nos dispersamos todos por lá. Eram quatro cossacos que galopavam atrás de mim; já ouvia os gritos daqueles cafres²⁵, e havia uma floresta cerrada em minha frente. Então me deitei sobre a sela, confiei meu destino a Alá e, pela primeira vez na vida, ofendi meu cavalo com uma chicotada. E ele mergulhou na floresta, voando, qual uma ave, por entre os galhos; os espinhos agudos me laceravam as roupas, os ramos secos de *karagatch*²⁶ me batiam no rosto. Meu cavalo saltava por cima dos cepos, rasgava as moitas com o peito. Seria melhor tê-lo abandonado à ourela, indo a pé esconder-me naquela floresta, porém me separar dele faria tamanha pena, e eis que o Profeta me recompensou. Algumas balas passaram guinchando acima da minha cabeça; já ouvia os cossacos, que tinham apeado, correrem ao meu encalço... De chofre, uma ravina profunda surgiu diante de mim: meu corcel hesitou um pouco e... saltou. Seus cascos de trás deslizaram da margem oposta, e ele ficou pendurado nos da frente. Larguei as rédeas e caí ravina adentro; foi isso que salvou meu cavalo: ele escapou. Os cossacos viram aquilo tudo, mas nenhum deles desceu para me procurar a mim; acharam, por certo, que a queda me tivesse matado, e ouvi-os irem correndo apanhar meu cavalo. Meu coração ficou sangrando, e me arrastei pela relva espessa, ao longo daquela ravina, e vi que já era o fim da floresta, e que alguns cossacos saíam cavalgando dela, indo até uma clareira. E eis que meu Karaguioz²⁷ veio bem ao encontro deles, e todos o perseguiram aos gritos, e passaram muito, mas muito tempo galopando atrás do corcel (sobretudo um dos cossacos, que por pouco não laçou, umas duas vezes, o pescoço dele), e fiquei tremendo, abaixei os olhos e me pus a rezar. Tornei a erguê-los, instantes depois, e vejo: lá se vai voando meu Karaguioz, de cauda trepidante, livre que nem vento, enquanto os cafres rastejam pela estepe, bem longe, um atrás do outro, no lombo dos seus cavalos exaustos. Glória a Alá! É verdade, verdade pura! Fiquei escondido naquela ravina até altas horas da noite. Então, de repente... o que estás pensando, hein, Azamat? Ouço, na escuridão, um cavalo correr pela

beira da minha ravina, bufando e relinchando, batendo os cascos no solo, e reconheço a voz do meu Karaguioz: era ele, meu companheiro!... Desde então, nunca nos separamos.

E se podia ouvi-lo afagar, com a mão, o pescoço liso de seu corcel, que ele chamava de vários nomes carinhosos.

— Pois se eu tivesse uma manada de mil éguas — disse Azamat —, entregá-la-ia toda a ti em troca do teu Karaguioz.

— *Yok*²⁸, não quero — respondeu Kázbitch, indiferente.

— Escuta, Kázbitch — dizia Azamat, adulando-o —: és um homem bondoso, um *djiguit* corajoso, e meu pai tem medo dos russos e não me deixa ir para as montanhas! Dá-me teu cavalo, e farei tudo o que quiseses, furtarei a melhor espingarda do meu pai ou a melhor *chachka*²⁹ dele para ti, tudo o que desejares... Pois aquela *chachka* dele é uma verdadeira *gurda*³⁰: basta encostares sua lâmina na mão, e ela se cravará sozinha na carne, e uma cota igual à tua não a deterá.

Kázbitch se mantinha calado.

— Quando vi teu cavalo pela primeira vez — continuava Azamat —, quando ele rodopiava, contigo na sela, e saltava inflando as ventas, e as pedrinhas jorravam, feito respingos, debaixo dos seus cascos, foi algo incompreensível que se fez em minha alma, e nada mais me agrada desde então: olhava com desprezo para os melhores corcéis do meu pai e me envergonhava em aparecer montado num deles, e eis que uma aflição se apoderou de mim. Assim, aflito como estava, passava eu dias inteiros sentado num penhasco qualquer, e era teu corcel murzelo, com seu lindo andar, com seu dorso liso e reto como uma flecha, que ressurgia a cada minuto em meio aos meus pensamentos, e me encarava com seus olhos audazes como se quisesse dizer alguma coisa. Vou morrer, Kázbitch, se não o venderes para mim! — disse Azamat com uma voz trêmula.

Pareceu-me que ele estava chorando, e preciso dizer ao senhor que Azamat era um rapazinho muito teimoso, tanto assim que nada o fazia derramar, vez por outra, uma lágrima sequer, nem mesmo quando era ainda mais novo.

Foi algo semelhante a uma risada que se ouviu em resposta ao seu choro.

— Escuta! — proferiu Azamat, com firmeza. — Disponho-me ao que der e vier, estás vendo? Queres que eu rapte minha irmã para ti? Como ela dança, como canta, como borda a ouro — uma maravilha! Nem um padixá³¹ turco já teve uma mulher como ela... Queres? Pois espera por mim amanhã à noite, naquela garganta onde corre uma torrente: passarei por perto com ela, indo à aldeia vizinha, e ela será tua. Será que Bela não vale esse teu corcel?

Por muito, mas muito tempo é que Kázbitch se quedou calado; afinal, em vez

de responder, entooou, a meia-voz, uma antiga canção:³²

Em nossas plagas, há moças tão belas:
Seus olhos fulgem iguais às estrelas!
Doce é fruíres seu amor ardente,
Mas é melhor seres livre e valente.
Podes comprar até quatro mulheres,
Mas não se compra, tão logo o quiseses,
Um só dos nossos velozes corcéis
Cheios de fogo, mas sempre fiéis!

Foi em vão que Azamat implorou, com prantos e lisonjas e juramentos, pela sua anuência. Impaciente, Kázbitch acabou por interrompê-lo:

— Vai embora, garoto maluco! Será que conseguirás montar meu cavalo? Com os primeiros três passos é que ele te fará cair, e quebrarás essa tua nuca sobre as pedras!

— A mim? — bradou Azamat, enraivecido, e o ferro de um punhal infantil tiniu ao roçar nas malhas da cota.

Um braço vigoroso afastou-o com um empurrão, e ele se chocou contra a cerca com tamanha força, que ela ficou tremendo. "Haverá uma farra!", pensei. Corri à cavalaria, enfreei nossos cavalos e conduzi-os até o pátio dos fundos. Dois minutos depois, já havia uma algazarra horrível naquela *sákliá*. Eis o que tinha ocorrido: Azamat entrara lá correndo, de *bechmet* rasgado, e dissera que Kázbitch queria apunhalá-lo. Todos se arrojaram para fora, com as espingardas nas mãos, e... começou uma farra mesmo! Celeuma, barulho, tiros... só que Kázbitch já estava a cavalo e rodopiava no meio da multidão reunida na rua, qual um demônio, brandindo uma *chachka*. "Não é boa a ressaca num festim alheio"³³, disse eu a Grigóri Alexândrovitch, segurando-lhe a mão. "Não seria melhor a gente dar logo o fora?"

— Mas espere aí: vamos ver como tudo acaba!

— Acabará mal, com certeza, que esses asiáticos fazem sempre o mesmo: enchem-se de *buzá* e começam a carnificina!

Então montamos e fomos cavalgando para casa.

— E Kázbitch? — perguntei, com impaciência, ao capitão de estado-maior.

— Nada se faz com aquele povo ali! — respondeu ele, terminando de tomar seu chá. — Escafedeu-se.

— E nem foi ferido? — indaguei.

— Só Deus sabe! Aqueles ladrões são vivazes! Já vi alguns deles em combate,

por exemplo: está todo furado, como uma peneira, por baionetas, mas continua, ainda assim, a brandir sua *chachka*. — Após uma pausa, o capitão deu uma patada no solo e prosseguiu: — Só uma coisa é que nunca perdoarei a mim mesmo: foi o diabo que me levou a contar a Grigóri Alexândrovitch, quando voltamos para a fortaleza, de tudo quanto tinha ouvido lá, agachado atrás daquela cerca. Ele ficou rindo — tamanha astúcia! —, mas acabou tramando alguma coisa.

— E qual foi essa coisa, hein? Conte-me, por favor!

— Pois bem: fazer o quê? Já comecei a contar... tenho que continuar.

Uns quatro dias depois, Azamat veio à fortaleza. Foi, como de praxe, até Grigóri Alexândrovitch, que sempre o regalava com vários quitutes. Eu mesmo estava lá. Travou-se uma conversa sobre cavalos, e Grigóri Alexândrovitch se pôs a elogiar o corcel de Kázbitch, tão rápido assim, tão bonito como uma cabrita montesa... pois bem: simplesmente não havia mais, pelo que ele dizia, outro cavalo daqueles no mundo inteiro.

Os olhinhos do tartarozinho ficaram brilhando, só que Petchórin fazia de conta que nem reparava nisso e, quando eu puxava conversa sobre outras coisas, tornava logo, a olhos vistos, a falar daquele cavalo de Kázbitch. E a mesma história se repetia todas as vezes que Azamat vinha à fortaleza. Ao cabo de umas três semanas, passei a notar que ele andava pálido e languescia, como se languescesse por amor nos romances. Que milagre é que era aquele?...

Pois foi apenas mais tarde, veja o senhor mesmo, que soube da coisa toda: Grigóri Alexândrovitch bulira tanto com o garoto que já lhe cabia afogar-se. Disse-lhe, certa vez: "Percebo, Azamat, que tu gostas muito daquele cavalo, porém não vais vê-lo como a tua nuca! Vem cá, diz-me aí: o que é que darias a quem te presentasse com o Karaguioz?...".

— Tudo o que ele quisesse — respondeu Azamat.

— Nesse caso, vou consegui-lo para ti, mas com uma condição... Jura que a cumprirás...

— Eu juro... Jura tu também.

— Está certo! Juro que aquele cavalo te pertencerá a ti, mas tu deves entregarme, por ele, tua irmã Bela: o Karaguioz será o *kalym*³⁴ dela. Espero que nossa barganha te seja proveitosa.

Azamat se quedou calado.

— Não queres? Pois bem: como quiseses! Eu achava que fosses um homem, mas és ainda uma criança: ainda é cedo montares...

Azamat ficou rubro. "E meu pai?", disse.

— Será que nunca se ausenta?

— É verdade...

— Concordas, hein?...

— Concordo — sussurrou Azamat, pálido como a morte. — Quando será?

— Na primeira ocasião em que Kázbitch vier para cá: ele prometeu trazer uma dezena de carneiros... e o restante é meu negócio. Pois fica de olho, Azamat!

Foi assim que eles tramaram aquele negócio, e foi um negócio ruim, para dizer a verdade! Depois falaria disso com Petchórin, mas ele me responderia que uma circassiana selvagem devia ser feliz tendo um marido tão simpático quanto ele, pois de qualquer maneira, pela lei deles, era seu marido, sim, enquanto Kázbitch não passava de um ladrão que se devia punir. Julgue o senhor mesmo: o que eu poderia responder a tal argumento? Só que, àquela altura, não sabia nada daquela sua conspiração. Pois bem, certa feita, Kázbitch veio e perguntou se não precisávamos de carneiros e de mel; eu mandei que os trouxesse ambos no dia seguinte. "Azamat!", disse Grigóri Alexândrovitch. "Amanhã terei o Karaguioz nas mãos, mas, se Bela não estiver aqui hoje à noite, tu não verás o cavalo..."

— Está bem! — disse Azamat, galopando de volta à aldeia.

Ao anoitecer, Grigóri Alexândrovitch se armou e saiu a cavalo da fortaleza; não sei como eles fizeram aquilo, mas à noite retornaram juntos, e a sentinela viu uma mulher deitada sobre a sela de Azamat, assim de atravessado, com os braços e as pernas atados, com a cabeça envolta num véu.

— E o cavalo? — perguntei ao capitão de estado-maior.

— Já vou contar. No dia seguinte, de manhã cedo, Kázbitch veio trazendo uma dezena de carneiros para vender. Amarrou seu cavalo à cerca e entrou em meu quarto; servi-lhe chá, porque, mesmo sendo um ladrão, ele era, ainda assim, meu *kunak*³⁵.

Ficamos proseando sobre isto e aquilo; de repente, vi Kázbitch estremecer, mudar de cor e correr até a janela, que dava, infelizmente, para os fundos. "O que tens?", perguntei.

— Meu cavalo... meu cavalo! — disse ele, todo trêmulo.

Ouvi, de fato, um tropel de cascos. "Deve ser algum cossaco que chegou..."

— Não! *Urus yaman, yaman*.³⁶ — rugiu ele, arrojando-se para fora, rápido que nem uma pantera selvagem. Em dois pulos, já estava no pátio; a sentinela, que estava ao portão da fortaleza, barrou-lhe a passagem com seu rifle, mas ele saltou por cima daquele rifle e foi correndo pela estrada... A poeira turbilhonava ao longe: era Azamat que cavalgava o veloz Karaguioz; correndo ainda, Kázbitch

tirou sua espingarda do estojo e atirou, depois se quedou imóvel por um minuto, até se certificar de não ter acertado o alvo; então rompeu a guinchar, bateu a espingarda numa pedra e despedaçou-a, tombou no solo e ficou soluçando como uma criança... As pessoas vindas da fortaleza reuniram-se ao seu redor, mas ele não reparava em ninguém; ficaram lá por um tempo, falaram um pouco e retornaram; mandei colocar o dinheiro pago pelos carneiros ao seu lado, mas Kázbitch nem tocou nele, deitado de bruços como um cadáver. Ficou deitado assim até bem tarde da noite; assim passou a noite toda, o senhor acredita?... Apenas na manhã seguinte é que veio à fortaleza e pediu que lhe apontassem o raptor. A sentinela, que vira Azamat desamarrear o cavalo e partir montado em seu lombo, não achou necessário ocultá-lo. Tão logo Kázbitch ouviu esse nome, seus olhos fulgiram, e ele foi à aldeia em que morava o pai de Azamat.

— E o pai dele?

— Pois o problema todo é que Kázbitch não o encontrou: ele tinha ido para algum lugar, por uns seis dias. Não fosse assim, teria Azamat conseguido raptar sua irmã?

E, quando o pai voltou, nem sua filha nem seu filho estavam mais lá. O rapaz era tão astuto: adivinhou, pois, que perderia mesmo a cabeça se acaso o apanhassem. Desde então, tem andado sumido... Envolveu-se, por certo, com um bando de *abreks* e perdeu essa sua cabeça de vento além do Têrek ou do Kuban: bem feito para ele!...

Confesso que eu também sofri um bocado. Mal soube que a circassiana estava na casa de Grigóri Alexândrovitch, pus as dragonas, peguei a espada e fui tratar com ele.

Ele estava no primeiro cômodo, deitado na cama, pondo uma das mãos debaixo da nuca e segurando, com a outra, um cachimbo apagado; a porta do segundo cômodo estava trancada, e não havia chave na fechadura. Logo reparei nisso tudo. Comecei a pigarrear e a bater de leve os saltos no limiar, porém ele fingia que não ouvia.

— Senhor alferes! — disse eu, no tom mais severo possível. — Não vê porventura que vim visitá-lo?

— Ah, bom dia, Maxim Maxímytch! Será que quer um cachimbo? — respondeu ele, sem se soerguer na cama.

— Desculpe: não sou Maxim Maxímytch, sou capitão de estado-maior.

— Tanto faz. Será que quer chá? Se o senhor soubesse que aflição me tem atormentado!

— Sei de tudo — respondi, achegando-me à cama.

— Tanto melhor: não estou disposto a contar.

— Cometeu uma falta, senhor alferes, pela qual eu também posso ser responsabilizado...

— Chega disso! Que falta? Já faz muito tempo que a gente divide tudo ao meio.

— Que brincadeiras são essas? Entregue, por gentileza, sua espada!...

— Mitka³⁷, traz a espada!

Mitka trouxe a espada. Ao cumprir meu dever, sentei-me na cama dele e disse: "Escute, Grigóri Alexândrovitch: confesse que fez uma coisa ruim".

— Que coisa ruim?

— Esse seu rapto de Bela... E com aquele patife do Azamat!... Confesse, pois, venha! — disse-lhe eu.

— E se eu gostar dela?

Pois bem: como o senhor me mandaria responder a tanto? Fiquei num impasse. Contudo, após uma pausa, disse-lhe que, se o pai reclamasse Bela de volta, ele teria de devolvê-la.

— De jeito nenhum.

— E se ele souber que sua filha está aqui?...

— Como é que vai saber?

Foi um impasse a mais. "Escute, Maxim Maxímytch!", disse Petchórin, soerguendo-se. "O senhor é um bom homem, e, se entregarmos a filha àquele selvagem, ele vai degolá-la ou vendê-la. Está tudo feito, só não se precisa estragá-lo assim, de bom grado... Veja o senhor se deixa a moça comigo, e minha espada, consigo..."

— Mas veja se a mostra para mim — disse eu.

— Ela está atrás desta porta, só que eu mesmo quis vê-la agorinha em vão: fica sentada num canto, envolta em sua manta, não fala nem olha, que é tímida como uma cabrita selvagem. Contratei uma mulher do nosso *dukhan*; ela entende o tártaro, vai cuidar dela e acostamá-la, aos poucos, àquela ideia de que é minha e não pertencerá a ninguém que não seja eu — acrescentou ele, dando uma punhada na mesa.

Dei-lhe razão nisso também. O que o senhor me mandaria fazer? Há pessoas a quem se dá infalivelmente razão.

— E depois? — perguntei a Maxim Maxímytch. — Será que ele a acostumou mesmo a si, ou então ela ficou definhando no cativeiro, saudosa da sua pátria?

— Misericórdia, por que saudosa da pátria? As mesmas montanhas se viam da sua aldeia e da fortaleza, e aqueles selvagens não precisam de mais nada. E, além disso, Grigóri Alexândrovitch lhe oferecia alguma coisa todo santo dia; nos primeiros dias, ela rejeitava, calada e orgulhosa, aqueles presentes que cabiam então à mulher do *dukhan*, excitando a sua eloquência. Ah, os presentes! O que não faria uma mulher por um trapinho colorido?... Pois bem: deixemos isto de lado... Grigóri Alexândrovitch se esforçou por muito tempo com ela; enquanto isso, aprendia o tártaro, e ela mesma já começava a entender nossa língua. Pouco a pouco, habituou-se a olhar para ele, primeiro de soslaio, assim de viés, mas estava triste, o tempo todo, cantarolando suas canções a meia-voz, de sorte que eu também me entristecia, por vezes, quando a ouvia ali, no quarto vizinho. Nunca me esquecerei de uma cena. Passava por perto e olhei de relance pela janela: Bela estava sentada na *lejânka*³⁸, curvando a cabeça até o peito, e Grigóri Alexândrovitch estava postado em sua frente. "Escuta, minha *péri*³⁹", dizia, "é que tu sabes que, mais cedo ou mais tarde, haverás de ser minha. Então por que é que me atormentas apenas? Será que amas algum checheno ali? Se for assim, vou deixar-te, agora mesmo, ir para casa". Ela estremeceu, quase imperceptivelmente, e abanou a cabeça. "Ou então", prosseguiu ele, "tu me detestas completamente?" Ela suspirou. "Ou tua fé te proíbe de me amar?" Ela empalideceu, calada como estava. "Acredita em mim: Alá é o mesmo para todas as tribos, e, como Ele me permite amar-te, por que te proibiria de compartilhar meu amor?" Bela fitou o rosto dele, como que espantada com essa ideia nova; foram sua desconfiança e seu desejo de se certificar disso que se expressaram em seus olhos. Que olhos eram aqueles! Estavam ardendo que nem brasas.

"Escuta, minha querida, minha bondosa Bela!", continuou Petchórin. "Tu vês como eu te amo; estou pronto a gastar tudo para te alegrar; quero que sejas feliz e, se ficares triste de novo, vou morrer. Diz-me se ficarás mais alegre!" Ela se quedou pensativa, sem despregar seus olhos negros dele, depois sorriu carinhosamente e inclinou a cabeça como quem consentisse. Ele segurou sua mão e se pôs a exortá-la para que o beijasse; ela se defendia, fraquinha, e repetia apenas: "Pod favod, pod favod... na faças, na faças!". Ele passou a insistir; ela ficou tremendo, chorando. "Sou tua cativa", dizia, "tua escrava... é claro que tu podes forçar-me", e chorava de novo.

Grigóri Alexândrovitch deu uma punhada em sua própria testa e correu ao quarto vizinho. Entrei em sua casa: ele andava de lá para cá, sombrio, de braços cruzados. "Pois então, meu caro?", disse-lhe eu. "Não é uma mulher, é um diabo!", respondeu ele. "Mas lhe dou minha palavra de honra: ela será minha, sim..." Balancei a cabeça. "Quer apostar?", disse ele. "Será dentro de uma

semana!" — "Se for de seu agrado!" Feita a aposta, separamo-nos.

Logo no dia seguinte, ele mandou um homem de confiança para Kizliar, incumbindo-o de fazer várias compras, e foi trazida tamanha profusão de diversos tecidos persas, que nem se poderia contá-los todos.

— O que está achando, Maxim Maxímytch? — disse-me ele, mostrando os presentes. — Será que uma beldade asiática vai resistir a uma bateria dessas?

— O senhor não conhece as circassianas — respondi eu —; elas não são, nem de longe, como as georgianas ou aquelas tártaras transcaucásias: são bem diferentes. Têm suas regras próprias, são criadas de outra maneira.

Grigóri Alexândrovitch sorriu e ficou assobiando uma marcha.

Pois acontece que eu tive razão: os presentes surtiram apenas metade do efeito: ela se tornou mais amável, mais confiante, e nada além disso, de sorte que ele resolveu lançar mão do último recurso. Certa manhã, ordenou que selassem seu cavalo, vestiu-se à circassiana, armou-se e entrou no quarto da moça. "Bela!", disse. "Tu sabes como te amo. Ousei raptar-te achando que te apaixonarias por mim, quando me conhecesses, porém me enganei. Adeus! Sê a única dona de tudo o que tenho; se quiseses, volta para teu pai: estás livre! Sou culpado para contigo e devo castigar a mim mesmo. Adeus, pois! Para onde é que estou indo? Como vou saber? Tomara que não perca muito tempo correndo atrás de uma bala ou um golpe de *chachka*: lembra-te então de mim e perdoa-me." Voltou-se para ela e lhe estendeu a mão para se despedir. Ela não segurou sua mão e ficou calada. Só que eu consegui, postado atrás da porta, ver seu rosto através de uma fresta e senti pena dela, tanta palidez mortal é que cobrira aquele rostinho bonito! Sem ouvir nenhuma resposta, Petchórin deu alguns passos em direção à porta; estava tremendo, e — será que contarei ao senhor? — creio que era capaz de cumprir mesmo a intenção da qual falava brincando. Assim é que era aquele homem: só Deus o conhece! No entanto, mal tocou na porta, ela se levantou num pulo e, soluçante, atirou-se ao seu pescoço. E eu, postado atrás da porta, também desandei a chorar, o senhor acredita? Quer dizer, não é que ficasse chorando, mas assim... uma bobagem, sabe?...

O capitão de estado-maior se quedou calado.

— Pois sim, confesso — disse em seguida, puxando seu bigode —: fiquei desgostoso porque nenhuma mulher nunca me amara tanto assim.

— E a felicidade deles foi duradoura? — perguntei eu.

— Sim: ela nos confessou que, desde aquele dia em que tinha visto Petchórin, dormia volta e meia sonhando com ele, e que nenhum homem nunca lhe causara uma impressão dessas. Eles foram felizes, sim!

— Que tédio! — exclamei sem querer. Na verdade, esperava por um desfecho trágico, só que me vi, de chofre, tão inesperadamente frustrado naquelas minhas esperanças! — Mas — prossegui — será que o pai não adivinhou que ela estava em sua fortaleza?

— Parece, digamos assim, que chegou a suspeitar. Alguns dias depois, soubemos que o velho fora assassinado. Eis como aquilo se deu...

Minha atenção despertou novamente.

— Preciso dizer ao senhor que Kázbitch imaginou que Azamat lhe teria furtado o cavalo com anuência de seu pai; pelo menos, é o que suponho. E eis que esperou por ele, certa vez, junto a uma estrada, a umas três verstas daquela aldeia. O velho voltava para casa depois de procurar em vão pela sua filha; seus capangas haviam ficado para trás — era ao escurecer —, e ele vinha pensativo, a passo, quando Kázbitch emergiu de repente, feito um gato, de trás de uma moita qualquer, saltou à garupa de seu cavalo, derrubou-o com uma punhalada, agarrou as rédeas e se esvaiu. Alguns dos capangas viram aquilo tudo do topo de um outeiro; foram cavalgando atrás dele, mas não o alcançaram.

— Ele se recompensou pela perda de seu cavalo e se vingou — disse eu, para incitar meu interlocutor a opinar sobre o assunto.

— É claro que sim — disse o capitão de estado-maior —, e teve, à moda deles, toda a razão.

Fiquei involuntariamente pasmado com esta capacidade do homem russo, a de se adaptar aos costumes daqueles povos em cujo meio lhe acontece viver. Não sei se tal faculdade merece censura ou elogio, mas ela comprova a incrível flexibilidade de sua mente e a presença daquele bom senso nítido que perdoa o mal onde quer que se aperceba de ser um mal necessário ou impossível de se extinguir.

Enquanto isso, o chá estava tomado; nossos cavalos, atrelados havia muito tempo, estavam com frio em meio à neve; a meia-lua empalidecia no poente, já prestes a mergulhar naquelas nuvens negras que pendiam, como pedaços de uma cortina dilacerada, sobre os cimos distantes. Saímos da *sákliä*. Apesar do prognóstico de meu companheiro, o tempo estava mais claro e nos prometia uma manhã serena; as rondas de estrelas entrelaçavam-se em arabescos maravilhosos no firmamento longínquo e apagavam-se, uma por uma, à medida que o reflexo um tanto pálido do nascente espalhava-se por sobre aquela abóbada lilás-escura, alumando, pouco a pouco, as encostas íngremes das montanhas cobertas de neves virgens. Eram os precipícios lúgubres e misteriosos que negrejavam à direita e à esquerda; eram as neblinas que desciam rastejando, espiralando-se e retorcendo-se como serpentes, pelas rugas dos rochedos vizinhos, como que

pressentindo a chegada do dia e tendo medo dela.

Estava tudo silencioso no céu e na terra, como no coração de um homem que rezasse ao amanhecer, apenas de vez em quando é que um vento friacho vinha do leste, soerguendo as crinas geadas dos nossos cavalos. Pusemo-nos em marcha; cinco magros rocins penavam em puxar nossas charretes por uma estrada sinuosa que levava à montanha Gud; nós mesmos caminhávamos atrás, colocando pedras debaixo das rodas quando os cavalos ficavam exaustos; parecia que a estrada levava para o céu, pois ia subindo o tempo todo, até onde o olho pudesse enxergar, e acabava sumindo naquele nimbo que repousava, ainda desde o anoitecer, no topo da montanha Gud, qual um milhafre a espreitar sua presa; a neve rangia sob os nossos pés; o ar chegava a ficar tão rarefeito que doía respirarmos; o sangue me afluía, a cada minuto, à cabeça, mas, apesar disso tudo, foi uma sensação agradável que se espalhou por todas as minhas veias, e me senti, de certa forma, alegre por estar tão alto acima do mundo. Foi uma sensação infantil, não estou discutindo, mas acontece que, afastando-nos das conveniências sociais e aproximando-nos da natureza, nós nos tornamos involuntariamente crianças, e tudo quanto temos adquirido desprende-se da nossa alma, e ela volta a ser como já foi outrora e decerto ainda será algum dia. Quem teve, igual a mim, o ensejo de perambular pelas montanhas desertas, de examinar, por muito, muito tempo, as suas imagens bizarras e de tragar, com avidez, o ar vivificante a encher seus desfiladeiros, compreenderá, com certeza, este meu desejo de relatar, de narrar, de pintar aqueles quadros fabulosos. Eis que subimos enfim ao topo da montanha Gud, paramos e olhamos ao nosso redor: um nimbo cinza pendia nela, e seu alento gelado ameaçava-nos de uma tempestade iminente, porém, lá no nascente, estava tudo tão claro e dourado, que a gente, quer dizer, o capitão de estado-maior e eu mesmo, esqueceu-se completamente dele... Pois sim, o capitão também se esqueceu: a sensação de beleza e de majestade da natureza está cem vezes mais forte e mais viva naqueles corações simples do que em nós, contadores extáticos que se valem da fala e do papel.

— Acho que o senhor já se acostumou a esses quadros esplêndidos? — disse-lhe eu.

— Pois é: a gente se acostuma até ao silvo da bala, ou seja, acostuma-se a esconder as batidas involuntárias do seu coração.

— Ouvi dizerem, pelo contrário, que havia uns velhos guerreiros a quem essa música chegava mesmo a agradar.

— É claro que agrada, se o senhor quiser, mas apenas porque o coração passa a bater mais forte. Olhe só — acrescentou ele, apontando para o leste — que país é aquele!

E, realmente, é pouco provável que eu possa ainda ver igual panorama em qualquer outro lugar: era o vale Koichaúrskaja, atravessado pelo Aragva e por aquele outro riacho como por dois fios prateados, que jazia embaixo de nós; era uma neblina azulada que resvalava por sobre ele, fugindo do quente raiar da manhã para as gargantas vizinhas; as cristas das montanhas, umas mais altas do que as outras, estendiam-se à direita e à esquerda, entrecruzadas, cobertas de neves e de arbustos; as mesmas montanhas se viam ao longe, conquanto não houvesse ali sequer dois rochedos que se parecessem entre si, e todas aquelas neves fulguravam com um brilho corado, tão lépido, tão intenso, que a gente queria, quem sabe, ficar lá para todo o sempre; o sol se entremostrara por trás de uma montanha azul-escura, que apenas um olho habituado conseguiria distinguir de um nimbo tempestuoso, mas, acima do sol, havia uma faixa da cor do sangue na qual meu companheiro prestou uma atenção especial. "Bem que lhe disse", exclamou, "que faria um tempo daqueles hoje! Temos que nos apressar, senão a tempestade nos atingirá, talvez, na Krestóvaia. Vamos indo!", gritou aos cocheiros.

Colocamos umas correntes debaixo das rodas, à guisa de freios, para elas não deslizarem, seguramos os cavalos pela cabeçada e fomos descendo; havia, do lado direito, um penhasco e, do lado esquerdo, um precipício tal que todo um vilarejo de ossetas, que moravam ali no fundo, parecia um ninho de andorinha. Estremeci ao pensar que frequentemente, em plena noite, um mensageiro qualquer passava, umas dez vezes ao ano, por aquela estrada, em que duas carroças não poderiam rodar juntas, sem sair da sua carruagem sacolejante. Um dos nossos cocheiros era um mujique⁴⁰ russo, nativo de Yaroslavl, o outro, um osseta; o osseta conduzia o cavalo do meio, preso aos varais, pela cabeçada, com todas as precauções possíveis, tendo desatrelado, de antemão, a parelha da frente, e nosso russinho despreocupado nem sequer descia da boleia! Quando lhe sugeri que poderia cuidar, pelo menos, da minha mala, atrás da qual não me apetecia nem um pouco descer àquele abismo, ele me respondeu: "Ih, meu senhorzinho! Chegaremos tão bem quanto eles, se Deus quiser, que não é a primeira vez" e teve razão nisso: poderíamos, de fato, não chegar ao nosso destino, mas, nada obstante, chegamos lá, sim, e, se todas as pessoas raciocinassem mais, acabariam por se convencer de que não vale a pena cuidarmos tanto assim desta nossa vida.

Mas pode ser que os senhores desejem conhecer o fim daquela história de Bela? Em primeiro lugar, não escrevo uma novela e, sim, o diário da minha viagem, por conseguinte, não posso obrigar o capitão de estado-maior a contar antes que comece na realidade. Logo, esperem um pouco ou, se quiserem, virem algumas páginas, só que não os aconselho a fazê-lo, porquanto minha travessia da

montanha Krestóvaia (ou, conforme a chama o tal cientista Gamba, *le Mont St.-Christophe*) é digna da sua curiosidade. Pois bem... Estávamos descendo da montanha Gud para o vale Tchertova⁴¹. Que nome romântico, hein? Os senhores já estão vendo o ninho do espírito maligno no meio daqueles rochedos inexpugnáveis, mas não é nada disso: o nome do vale Tchertova provém da palavra *tchertá*⁴² e não da palavra *tchiort*⁴³, pois ali ficava antigamente a divisa com a Geórgia. Aquele vale estava atulhado de montes de neve, os quais nos lembravam assaz vivamente Sarátov, Tambov e outros lugares *queridos* da nossa pátria.

— Eis ali a Krestóvaia! — disse-me o capitão de estado-maior, quando descemos para o vale Tchertova, apontando para um morro envolto numa bruma nevosa; era uma cruz de pedra que negrejava em seu topo, e um caminho mal perceptível, usado só quando a estrada lateral ficava obstruída pela neve, passava ao lado dela; nossos cocheiros anunciaram que ainda não houvera avalanchas e foram dando um rodeio conosco para poupar os cavalos. Uma vez à curva daquele caminho, encontramos uns cinco ossetas, que nos ofereceram seus serviços e se puseram, agarrando-se às rodas e gritando, a puxar nossas charretes e a arrimá-las. E o caminho era perigoso mesmo: do lado direito, pendiam, acima das nossas cabeças, montes de neve que pareciam prestes a despencar, com a primeira rajada de vento, garganta abaixo. Estreita como era, a passagem estava parcialmente coberta de neve, a qual se afundava, debaixo dos nossos pés, aqui, ou se transformava, com a ação dos raios solares e das friagens noturnas, em gelo acolá, de sorte que penávamos em caminhar por sobre ela; nossos cavalos iam caindo, e uma fenda profunda se escancarava do lado esquerdo, e uma torrente rolava nela, ora sumindo embaixo de uma crosta de gelo, ora saltando, cheia de espuma, pelas pedras negras. Mal conseguimos contornar a montanha Krestóvaia em duas horas: percorremos, em duas horas, tão só duas verstas! Enquanto isso, as nuvens vieram descendo; caiu muito granizo, houve muita neve; irrompendo nos desfiladeiros, o vento bramia, silvava como o Rouxinol do Mal⁴⁴, e logo a cruz de pedra desapareceu na neblina cujas ondas, cada vez mais densas e cerradas, acorriam do leste... A propósito, existe uma lenda estranha, mas notória, acerca daquela cruz, a de ter sido erguida pelo imperador Piotr I, quando ele viajava pelo Cáucaso; todavia, em primeiro lugar, Piotr visitara apenas o Daguestão, e, em segundo lugar, está escrito naquela cruz, em letras garrafais, que foi instalada por ordem do general Yermólov, precisamente no ano de 1824. Não obstante tal inscrição, a lenda ficou tão enraizada, que não se sabe mais, palavra de honra, em que se acreditaria, ainda menos que a gente não costuma acreditar nas inscrições.

Ainda tínhamos umas cinco verstas a percorrer, descendo pelos rochedos

cobertos de gelo e por aquele atoleiro de neve, até chegarmos à estação de Kóbi. Os cavalos estavam extenuados, nós mesmos tiritávamos de frio; a nevasca uivava cada vez mais forte, como aquela do Norte, da nossa terrinha, porém suas melodias selvagens eram mais tristes, mais plangentes. "E tu, desterrada", pensava eu, "estás prateando as tuas estepes tão amplas, tão vastas! Tens onde desdobrar tuas asas frias por lá, mas aqui te sufocas e te sentes apertada, qual uma águia que se choca gritando contra as grades da sua gaiola de ferro".

— Estamos mal! — dizia o capitão de estado-maior. — Olhe só: não se vê nada ao redor, apenas essa neblina e essa neve; a qualquer momento é que podemos cair num precipício ou ficar atolados nalgum lugar, e lá embaixo, quem sabe, o Baidara se desenfreou tanto que não se pode mais atravessá-lo. Ora bolas, mas essa Ásia! Quer sejam as pessoas, quer sejam os rios: não dá para confiar neles, de jeito nenhum!

Gritando e praguejando, os cocheiros chicoteavam os cavalos, que bufavam, teimavam em ficar parados e não queriam por nada no mundo, fosse qual fosse a eloquência dos chicotes, ir para a frente. "Ó, Senhora", disse, por fim, um dos cocheiros, "é que não vamos chegar a Kóbi hoje; será que nos manda, enquanto pudermos, dobrar à esquerda? Alguma coisa fica negreando ali, naquela encosta: devem ser umas *sáklia*s; os viajantes sempre se detêm lá quando faz mau tempo... Eles dizem que vão guiar a gente, se o senhor lhes pagar a vodca", acrescentou, apontando para um dos ossetas.

— Sei disso, maninho, sei já sem ti! — disse o capitão de estado-maior. — Ora, mas esses canalhas! Sempre se metem no meio para arranjar sua vodca!

— Confesse, porém — disse eu —, que a gente estaria pior sem eles.

— Pois é, pois é... — murmurou ele. — Arre, mas esses guias! Logo farejam onde se pode aproveitar, como se nem desse mais para achar o caminho sem eles.

Dobramos, pois, à esquerda e, bem ou mal, após muitos esforços, alcançamos um abrigo miserável, composto de duas *sáklia*s construídas de lajes e pedras rústicas, cercadas de um muro feito do mesmo material, cujos donos esfarrapados nos receberam de modo cordial. Eu saberia mais tarde que o governo lhes dava dinheiro e comida com a condição de abrigarem os viajantes surpreendidos pela intempérie. "É tudo para melhor!", disse, sentando-me perto do fogo. "Agora o senhor me contará o fim da sua história sobre Bela: tenho certeza de que ela não terminou nisso."

— Por que é que tem tanta certeza assim? — respondeu-me o capitão de estado-maior, com uma piscadela e um sorriso brejeiro.

— Porque não está na ordem das coisas: o que começou de maneira extraordinária deve terminar da mesma maneira.

— Pois o senhor adivinhou...

— Fico muito contente.

— O senhor fica contente, sim, mas eu cá me sinto tão triste, palavra de honra, assim que me lembro dela. Foi uma boa garota, aquela Bela! Acabei por me apegar tanto a ela, como se fosse uma filha minha, e ela também me amava. Preciso dizer ao senhor que não tenho família: já faz uns doze anos que não recebo mais notícias de meu pai nem de minha mãe, e, como não tive antes a ideia de arranjar uma esposa, agora tal coisa não me cabe mais, sabe? Até mesmo fiquei feliz de encontrar alguém que pudesse mimar. Ela cantava para nós, vez por outra, ou então dançava *lezguinka*⁴⁵... E como dançava! Vi muitas das nossas donzelas provincianas e já estive uma vez, há uns vinte anos, em Moscou também, numa assembleia fidalga, mas... elas não têm nem comparação, e não é nada disso!... Grigóri Alexândrovitch a vestia como uma bonequinha, tratava-a com amor e carinho, e ela ficou tão bonita conosco que se tornou uma maravilha: o bronzeado sumiu do seu rosto e das suas mãos, um rubor se acendeu nas faces... Como estava alegre, de vez em quando, e caçoava de mim, o tempo todo, aquela danadinha... Que Deus lhe perdoe!...

— E o que houve quando vocês lhe contaram da morte de seu pai?

— Escondemos aquilo por muito tempo, enquanto ela se acostumava à sua situação, e, quando lhe contamos enfim, Bela ficou chorando por uns dois dias e depois se esqueceu.

Por uns quatro meses, tudo fluiu da melhor maneira possível. Grigóri Alexândrovitch (parece que já falei disso) adorava a caça, ficava, vez por outra, ardendo de vontade de ir caçar javalis ou cabras na floresta, mas então mal saía daquele aterro da fortaleza. Ainda assim, tornei a vê-lo pensativo, andando pelo quarto com os braços cruzados atrás; depois, um dia qualquer, ele foi à caça, sem nada ter dito a ninguém, e passou a manhã inteira lá fora; depois foi saindo de novo e de novo, cada vez mais frequentemente... "Não é bom", pensei. "Decerto foi uma gata preta que correu entre os dois!"⁴⁶

Certa manhã, entrei no quarto deles e vi, como se ela estivesse agora mesmo diante dos meus olhos; Bela sentada na cama, com aquele seu *bechmet* de seda negra, palidazinha e tão tristonha que levei um susto.

— Onde é que está Petchórin? — perguntei.

— Foi caçar.

— Foi hoje?

Ela se calou, como se lhe fosse difícil falar.

— Não: ainda ontem — acabou dizendo, com um suspiro penoso.

— Será que se deu algo com ele?

— Fiquei ontem, o dia inteiro, pensando, pensando — respondeu ela com lágrimas nos olhos —, inventando várias desgraças: ora me parecia que um javali o tinha ferido, ora imaginava que um checheno o tinha levado para as montanhas... E agora já me parece que ele não me ama mais.

— Juro, minha querida, que nem podias ter inventado nada pior!

Ela ficou chorando, depois reergueu orgulhosamente a cabeça, enxugou as lágrimas e continuou:

— Se ele não me amar mais, então quem o impede de me mandar de volta para casa? Não o constranjo. E, se acaso continuar desse jeito, eu mesma irei embora: não sou uma escrava dele, sou filha de um príncipe!...

Comecei a exortá-la:

— Escuta, Bela, é que ele não pode ficar aqui pela vida afora, como que preso à tua saia! É um jovem, gosta de correr atrás da caça: vai andar por um tempo e depois voltará, mas, se tu ficares tão triste assim, ele se cansará de ti mais cedo ainda.

— É verdade, verdade! — respondeu ela. — Vou ficar alegre. — E pegou, gargalhando, seu pandeiro, e se pôs a cantar, a dançar, a saltitar ao meu redor, só que não fez isso por muito tempo... caiu outra vez na cama e tapou o rosto com as mãos.

O que me cumpria fazer com ela? Nunca soubera lidar com mulheres, sabe? Pensei em como a consolaria, pensei e não inventei coisa nenhuma; ficamos ambos calados por algum tempo... Que situação desagradabilíssima!

Afinal, disse a Bela: "Vamos dar uma voltinha pelo aterro, queres? O tempo está ótimo!". Era em setembro, e era mesmo um dia maravilhoso, ensolarado, mas não muito quente, e todas as montanhas se viam como que postas num pires. Fomos, pois, dar um passeio, andamos pelo aterro da fortaleza, calados, de lá para cá; por fim, Bela se sentou num relvado, e eu me sentei ao seu lado. Juro que até me lembrar daquilo é engraçado: corria atrás dela feito uma babá.

Nossa fortaleza ficava num lugar alto, e a vista que se desfrutava lá do aterro era esplêndida: havia, de um lado, uma larga clareira sulcada por algumas *balkas*⁴⁷, a qual terminava com uma floresta a estender-se até a própria cadeia de montanhas, na qual se avistavam, aqui e acolá, aldeias com sua fumaça, manadas que pastavam; era um riacho raso que corria do outro lado, margeado de arbustos cerrados que recobriam as elevações pedregosas, contíguas à serra principal do Cáucaso. Estávamos sentados rente ao canto do bastião, de sorte que podíamos ver tudo de ambos os lados. E eis que vi alguém sair da floresta, montado num cavalo cinza, chegar cada vez mais perto e, finalmente, parar do lado oposto

daquele riacho, a umas cem braças⁴⁸ de nós, e fazer seu cavalo rodopiar qual um possosso. Que história é que seria aquela?... "Dá uma olhada, Bela", disse eu, "que teus olhos são jovens. Que *djiguit* é aquele? Quem é que ele veio divertir?..."

Ela olhou e deu um grito: "É Kázbitch!..."

— Ah, ladrão! Será que veio zombar da gente?

Olhei com mais atenção e vi que era Kázbitch mesmo, com aquele seu carão moreno, esfarrapado e sujo como sempre. "É o cavalo do meu pai", disse Bela, pegando em minha mão. Tremia toda, como uma folhinha ao vento, e seus olhos fulgiam. "Ah, é?", pensei. "Pois em ti também, minha alminha, não se cala aquele sangue de facínora!"

— Vem cá — disse ao soldado que estava de sentinela. — Confere teu rifle e tira aquele valentão da sela para mim, que receberás um rublo de prata. — "Às ordens de Vossa Excelência! Só que ele não fica parado..." — "Manda, pois, que fique!", disse eu, rindo. "Ei, moço!", gritou o soldado, fazendo-lhe sinais com a mão. "Espera um pouco! Por que estás girando que nem um pião?" E, realmente, Kázbitch parou e ficou escutando: achara, por certo, que estivéssemos negociando com ele, só que não era nada disso!... Meu granadeiro o mirou... batz!... não acertou: foi apenas a pólvora que se inflamou na escorva⁴⁹. Kázbitch empurrou seu cavalo, o qual saltou para o lado, soergueu-se nos estribos, gritou algo em sua língua, ameaçou-nos com sua *nagáika*⁵⁰ e desapareceu.

— Como não te envergonhas? — dirigi-me à sentinela.

— Pois ele foi morrer, Excelência! — respondeu o soldado. — Aquele maldito povo é assim: não dá para matar logo.

Um quarto de hora depois, Petchórin voltou da caça; Bela se atirou ao pescoço dele, e não houve sequer uma queixa nem um reproche sequer pela sua longa ausência... Até mesmo eu me zanguei com ele. "Faça o favor!", disse-lhe. "Foi Kázbitch que esteve agorinha lá, do outro lado daquele riacho, e a gente atirou nele. Não seria, pois, fácil o senhor se deparar com ele? Esses montanheses são um povo vingativo: acha que ele nem desconfia de o senhor ter parcialmente ajudado Azamat? Pois eu mesmo aposto que hoje ele reconheceu Bela. Sei que, há um ano, Kázbitch gostava muito dela — foi ele próprio quem me contou — e, se tivesse a esperança de arranjar um *kaly*m decente, teria vindo, por certo, pedi-la em casamento..." Então Petchórin ficou pensativo. "Sim", respondeu, "preciso ser mais prudente... A partir de hoje, Bela, não deves mais ir ao aterro da fortaleza."

Tive, ao anoitecer, uma longa explicação com Petchórin, pois me sentia desgostoso por ele não tratar mais como antes aquela pobre garota: como se não bastasse passar metade do dia caçando, portava-se friamente com ela, raramente a acariciava, e ela vinha definhando a olhos vistos, e seu rostinho se alongava, e seus

grandes olhos estavam turvos. Eu lhe perguntava, de vez em quando: "Por que suspiraste, Bela? Estás triste?" — "Não!" — "Queres alguma coisa?" — "Não!" — "Andas saudosa dos teus parentes?" — "Não tenho parentes." Às vezes, por dias inteiros, não se conseguia nenhuma resposta dela, salvo "sim" e "não".

Foi disso mesmo que me pus a falar com Petchórin. "Escute, Maxim Máxímytch", respondeu ele: "tenho uma índole desastrosa; se minha educação me tornou assim, se Deus me criou desta maneira, não sei; sei apenas que, se deixar os outros infelizes, eu também não estou menos infeliz do que eles — entenda-se bem que é um consolo ruim para os outros, mas a verdade é que sou assim mesmo. Na minha primeira juventude, desde aquele momento em que me libertei da tutela dos meus familiares, passei a gozar freneticamente de todos os prazeres que pudesse conseguir com meu dinheiro e fiquei, bem entendido, farto de tais prazeres. Depois me aventurei na alta-roda e logo me enfastiei dela também; apaixonava-me por beldades mundanas e era amado por elas, mas seu amor só excitava minha imaginação e meu brio, enquanto meu coração estava vazio... Comecei a ler, a estudar, mas as ciências também me enfastiam; eu percebia que nem a glória nem a felicidade dependiam minimamente delas, pois as pessoas mais felizes eram ignorantes, pois a glória não passava de uma ventura, precisando-se apenas ser esperto para alcançá-la. Então fiquei entediado... Pouco depois, fui transferido para o Cáucaso, sendo essa a época mais feliz da minha vida. Esperava que o tédio não existisse sob as balas chechenas, mas... em vão: ao cabo de um mês, estava tão acostumado ao zumbir delas e à proximidade da morte que dava mais atenção, palavra de honra, aos mosquitos e me sentia ainda mais entediado do que antes, inclusive por ter quase perdido a última esperança. Quando vi Bela nesta minha casa, quando pela primeira vez, segurando-a no colo, beijei seus cachos negros, pensei, tolo como sou, que era um anjo mandado pelo destino compadecido para mim... Enganei-me de novo: o amor de uma selvagem é só um pouco melhor do que o de uma senhorinha nobre; a ignorância e a singeleza de uma enfastiam do mesmo modo que a coquetice da outra; ainda a amo, se o senhor quiser, e lhe fico agradecido por alguns minutos bastante doces, e daria minha vida por ela, mas... estou entediado com ela. Não sei se sou um imbecil ou um cafajeste, mas é certo que mereço compaixão tanto quanto ela mesma, talvez até mais do que ela; minha alma foi corrompida pela alta-roda, tenho uma imaginação inquieta e um coração insaciável; tudo é pouco para mim; acostumo-me tão facilmente à tristeza como ao deleite, e minha vida se torna cada vez mais vazia ao passar dos dias, de sorte que só me resta um meio: viajar. Assim que puder, vou embora daqui, mas não para a Europa (Deus me livre dela!): irei para a América, para a Arábia, para a Índia... quem sabe se não

morrerei pelo caminho? Tenho, pelo menos, a certeza de que esse último consolo não se esgotará logo, graças às tempestades e às estradas ruins..." Assim falou por muito tempo, e suas palavras ficaram gravadas em minha memória, porque foi a primeira vez que ouvi tais coisas ditas por um rapaz de vinte e cinco anos de idade, e queira Deus que tenha sido a última vez... Que milagre foi aquele?

— Diga-me, por favor... — prosseguiu o capitão de estado-maior, dirigindo-se a mim. — Parece que o senhor visitou a capital, e que foi há pouco tempo. Será que todos os jovens de lá são assim?

Respondi que havia muita gente a dizer o mesmo, que algumas dessas pessoas diziam provavelmente a verdade, que, ao começar pelas altas camadas da sociedade, a decepção (de resto, igual a quaisquer roupas em voga) descera até as camadas baixas, que terminavam de usá-la, e que agora quem mais se entediava mesmo buscava ocultar essa desgraça como um vício. Sem compreender tais sutilezas, o capitão abanou a cabeça e sorriu com malícia:

— E foram, por certo, os franceses que puseram aquele tédio em voga?

— Não: foram os ingleses.

— Ah-ah, mas é isso aí?... — respondeu ele. — Pois eles lá sempre foram beberões rematados!

Lembrei-me involuntariamente de uma senhorinha moscovita a afirmar que Byron era apenas um beerrão qualquer e nada além disso. De resto, a objeção do capitão de estado-maior era mais desculpável: estava claro que, no intuito de se abster do vinho, ele se esforçava para persuadir a si mesmo de todas as desgraças do mundo ocorrerem por causa da bebida.

Enquanto isso, ele continuou seu relato da maneira seguinte:

— Kázbitch não apareceu outra vez. Entretanto, não sei por que, eu não conseguia arrancar da minha cabeça a ideia de não ter vindo à toa e de andar tramando algo ruim.

Certa vez, Petchórin me convidou a ir caçar um javali com ele; recusei o convite por muito tempo, pois que milagre é que seria o tal javali para mim! Não obstante, ele acabou por me levar consigo. Fomos de manhã cedo, com uns cinco soldados de escolta. Andamos correndo pelos juncais e pela floresta até as dez horas, mas... nem sinal do bicho. "Será que a gente volta, hein?", dizia eu. "Para que serve essa teimosia toda? Dá para ver que é um dia azarado." Só que Grigóri Alexândrovitch, apesar do calor e do cansaço, não queria voltar sem troféus; era um homem tal: traz aí, sem demora, o que ele meteu na cabeça – pelo visto, foi sua mãezinha quem o mimou demais na infância! Até que enfim, ao meio-dia,

encontramos aquele maldito javali... Paff, paff!... Coisa nenhuma: sumiu no meio dos juncos... foi um dia azarado mesmo! Então descansamos um pouquinho e fomos para casa.

Íamos em silêncio, lado a lado, afrouxando as rédeas, e já estávamos quase junto à fortaleza: eram apenas os arbustos que nos separavam dela. De repente, ouviu-se um tiro... Entreolhamo-nos, abalados pela mesma suspeita... Partimos galopando em direção ao tiro e vimos um grupo de soldados reunidos em cima do aterro, apontando para o campo, e um cavaleiro que se afastava voando, com algo branco sobre a sela. Grigóri Alexândrovitch guinchou, nada pior do que qualquer checheno o faria, tirou seu rifle do estojo e foi lá cavalgando, por mim seguido.

Por sorte, devido àquela caça malsucedida, nossos cavalos não estavam exaustos: arrojavam-se para a frente, debaixo das suas selas, tanto assim que chegávamos, a cada instante, mais e mais perto... Afinal, reconheci Kázbitch, apenas não consegui distinguir o que ele segurava diante de si. Foi então que emparelhei com Petchórin e lhe gritei: "É Kázbitch!...". Ele olhou para mim, inclinou a cabeça e fustigou seu cavalo.

Estávamos finalmente a um tiro de rifle dele; quer o cavalo de Kázbitch estivesse cansado, quer fosse pior do que os nossos, mas, apesar de todos os esforços dele, esse cavalo não avançava tão rápido assim. Acho que, naquele momento, ele se recordou do seu Karaguioz...

Vi Petchórin apontar, enquanto cavalgava, seu rifle... "Não atire!", gritei-lhe. "Poupe a carga, que o pegaremos de qualquer jeito." Oh, esses jovens! Sempre se atijam fora de propósito... Ouviu-se um tiro, e eis que a bala quebrou a perna traseira daquele cavalo, que deu ainda, de afogadilho, uma dezena de saltos, depois tropeçou e caiu de joelhos. Kázbitch apeou num pulo, e vimos então que segurava uma mulher envolta num véu... Era Bela... nossa pobre Bela! Ele nos gritou algo em sua língua e ergueu seu punhal acima dela. Não se podia mais demorar: atirei por minha vez, a esmo, e a bala lhe acertou, talvez, o ombro, pois abaixou repentinamente o braço... Quando a fumaça se dissipou, o cavalo ferido jazia no solo, e Bela, ao lado dele, enquanto Kázbitch, ao largar sua espingarda, fugia escalando feito um gato, de moita em moita, um dos penhascos. Tive vontade de tirá-lo dali com um tiro, só que não havia mais carga pronta! Apeamos depressa e acorremos a Bela. A pobrezinha jazia imóvel, e o sangue jorrava da sua ferida aos borbotões... Que facínora era aquele! Se pelo menos tivesse apunhalado a moça no coração... pois bem, teria acabado com tudo de uma só vez... porém a golpeou pelas costas, e foi o golpe mais torpe possível! Ela estava desacordada. Rasgamos seu véu em pedaços, pensamos aquela ferida o

melhor que pudéssemos, mas foi em vão que Petchórin beijou os lábios gelados dela: nada mais poderia acordá-la.

Petchórin montou seu cavalo; eu levantei Bela do solo e, bem ou mal, assentou-a em sua sela; ele a cingiu com um braço, e tomamos o caminho de volta. Após alguns minutos de silêncio, Grigóri Alexândrovitch me disse: "Escute, Maxim Máxymtch: desse jeito não chegaremos com ela viva."

— "É verdade!", disse eu, e fizemos nossos cavalos galoparem. Era toda uma multidão que esperava por nós ao portão da fortaleza; levamos cautelosamente a moça ferida para o apartamento de Petchórin e mandamos buscar o médico. Se bem que estivesse bêbado, ele veio; examinou o ferimento e declarou que ela não viveria por mais de um dia, porém se enganou...

— Será que ela se recuperou? — perguntei ao capitão de estado-maior, pegando em sua mão e alegrando-me de modo involuntário.

— Não — respondeu ele: — o médico se enganou porque Bela viveu por dois dias a mais.

— Mas veja o senhor se me explica de que maneira Kázbitch a raptou!

— Eis o que ocorreu: apesar daquela proibição de Petchórin, Bela saiu da fortaleza e foi até o riacho. Fazia muito calor, sabe? Ela se sentou numa pedra e pôs os pés n'água. E Kázbitch veio às esconsas, agarrou-a, tapou-lhe a boca e arrastou-a moitas adentro, depois saltou ao lombo do seu cavalo e foi galopando embora! Enquanto isso, ela teve tempo de dar um grito; as sentinelas se agitaram e atiraram em Kázbitch, mas não acertaram, e foi então que nós também acudimos.

— Mas por que Kázbitch quis raptá-la?

— Misericórdia! Pois todos sabem que aqueles circassianos são uma chusma de ladrões: o que fica ali largado, dando sopa, não podem deixar de furtá-lo; nem precisam daquilo, às vezes, mas, ainda assim, acabam furtando... E peço ao senhor que os desculpe por isso! Além do mais, ele gostava de Bela havia muito tempo.

— E Bela morreu?

— Morreu, sim, apenas ficou sofrendo por muito tempo, e nós mesmos sofremos bastante ao seu lado. Foi pelas dez horas da noite que ela voltou a si; estávamos sentados perto da sua cama quando abriu os olhos e se pôs a chamar por Petchórin. "Estou aqui, junto a ti, minha *djânetchka* (quer dizer "meu amorzinho" em nossa língua)", respondeu ele, segurando-lhe a mão. "Vou morrer!", disse ela. Começamos a consolá-la, dizendo que o médico prometia

curá-la sem falta, mas ela balançou a cabeça e se virou para a parede: não queria morrer!...

De noite, ficou delirando; sua cabeça estava em chamas, e o tremor febril percorria, de vez em quando, todo o seu corpo, e ela falava, sem nexos, de seu pai e de seu irmão: queria voltar para as montanhas, para casa... Depois falou também de Petchórin, chamando-o de vários nomes carinhosos ou exprobrando-o por não amar mais sua *djânetchka*...

Ele a escutava calado, apoiando a cabeça nas mãos, porém não notei, em todo aquele tempo, sequer uma lágrima em seus cílios; se não conseguia chorar de fato ou dominava a si mesmo, não sei; quanto a mim, nunca tinha visto nada de mais lastimável.

Pela manhã, o delírio se interrompeu; ela passou cerca de uma hora deitada, imóvel e pálida, tão fraca que mal se podia perceber a sua respiração, depois se sentiu melhor e começou a falar, mas... de que o senhor acha que ela falava? Uma ideia daquelas só pode ocorrer a quem esteja nas últimas!... Ficou lamentando não ser uma cristã, dizendo que sua alma jamais se encontraria com a de Grigóri Alexândrovitch lá no outro mundo, e que outra mulher seria a amiga dele no Paraíso. Tive a ideia de batizá-la antes que falecesse e lhe propus isso; ela olhou para mim, indecisa, sem conseguir, por muito tempo, pronunciar uma só palavra, e acabou respondendo que morreria na mesma fé com a qual tinha nascido. Assim decorreu um dia inteiro. Como ela mudou naquele dia! Suas faces pálidas ficaram cavadas; seus olhos estavam grandes, tão grandes, e seus lábios ardiam. Ela sentia um calor por dentro, como se houvesse ferro candente em seu peito.

Outra noite chegou; não pregávamos olho nem nos afastávamos do seu leito. Ela sofria terrivelmente, gemia e, tão logo a dor se amansava um pouco, buscava convencer Grigóri Alexândrovitch de que estava melhor, exortava-o a ir dormir, beijava-lhe a mão e não a soltava mais. Ao amanhecer, sentiu a angústia da morte, passou a debater-se, deslocou o penso, e seu sangue voltou a correr... Quando lhe enfaixamos a ferida, acalmou-se por um minuto e se pôs a pedir que Petchórin a beijasse. Ele se ajoelhou ao lado da cama, soergueu-lhe a cabeça do travesseiro e apertou seus lábios aos dela, que já se esfriavam, e Bela abarcou seu pescoço com os braços trêmulos, bem forte, como se quisesse passar-lhe a alma naquele beijo... Não, mas fez bem em morrer! O que se daria com ela se Grigóri Alexândrovitch a abandonasse, hein? E isso teria acontecido, mais cedo ou mais tarde.

Passou metade do dia seguinte em silêncio, quieta e dócil, por mais que nosso médico a torturasse com suas compressas e seu xarope. "Misericórdia!", dizia-lhe eu. "Pois o senhor mesmo disse que ela morreria sem falta. Então que serventia é que têm aqui todos os seus remédios?" — "Seja como for, Maxim Maxímytch, é

melhor assim", respondia ele, "para que a consciência fique tranquila". Que boa consciência, hein?

Após o meio-dia, ela ficou sofrendo de sede. Abrimos as janelas, só que fazia mais calor lá fora do que no quarto; pusemos gelo perto da cama, mas... nada de alívio. Eu sabia que tal sede insuportável era um indício do próximo fim e disse isso a Petchórin. "Água, água!...", dizia Bela, com uma voz rouca, ao soerguer-se na cama.

Ele se quedou branco que nem um pano, pegou um copo, encheu-o e serviu água à moça. Eu tapei os olhos com as mãos e fiquei lendo uma oração: não lembro mais qual era... Sim, meu caro: vi muita gente morrer nos hospitais e no campo de batalha, mas aquilo tudo não é a mesma coisa, nem de longe!... E eis o que me entristece ainda, confesso: antes de morrer, ela não se lembrou de mim nenhuma vez, mas parece que a amei como seu pai... Pois bem: que Deus a perdoe!... E, para dizer a verdade, quem sou eu para alguém se lembrar de mim na hora de sua morte?

Assim que ela bebeu água, sentiu-se aliviada e, uns três minutos depois, faleceu. Aplicamos um espelho aos lábios dela... permaneceu liso! Levei Petchórin para fora do quarto, e fomos até o aterro da fortaleza; andamos, por muito tempo, de lá para cá, lado a lado, sem trocar uma só palavra, cruzando os braços atrás das costas. O rosto dele não expressava nada de especial, e me senti desgostoso: eu mesmo, se estivesse em seu lugar, morreria de dor. Afinal, ele se sentou no solo, à sombra, e começou a desenhar algo na areia com uma varinha. Eu quis reconfortá-lo — mais por conveniência, sabe? — e me pus a falar; ele ergueu a cabeça e deu uma risada... Seu riso me deixou todo arrepiado... Fui encomendar um caixão.

Confesso que me encarreguei disso, em parte, para me distrair. Tinha um corte de *termalama*⁵¹ com o qual forrei o caixão, enfeitando-o com aqueles galões de prata circassianos que Grigóri Alexândrovitch tinha comprado para Bela.

Nós a enterramos no dia seguinte, de manhã cedo, detrás da fortaleza, à beira do riacho, junto àquele lugar em que ela ficara sentada pela última vez; são as moitas de acácia branca e de sabugueiro que ora se espalham, bem crescidas, em volta da sua sepulcristina. Eu queria instalar lá uma cruz, só que fiquei assim, sem graça, sabe? De qualquer modo, ela não era cristã...

— E Petchórin? — perguntei eu.

— Petchórin ficou indisposto por muito tempo, emagreceu, coitado; porém nunca mais, desde aquele momento, falamos de Bela. Eu via que isso lhe seria desagradável, então, por que falaria? Uns três meses depois, ele foi designado para

o regimento de *** e partiu para a Geórgia. Desde então, não nos encontramos mais... Ah, sim: lembro que alguém me disse, há pouco tempo, que ele teria voltado para a Rússia, só que não consta nada disso das ordens de nosso corpo... Aliás, nós cá demoramos a receber notícias.

Dito isso, ele se pôs a desenvolver uma longa tese sobre como era desagradável receber notícias um ano depois, provavelmente a fim de abafar suas recordações pesadas.

Quanto a mim, não o interrompia nem o escutava mais. Uma hora depois, surgiu o ensejo de continuarmos nossa viagem: a nevasca se aquietou, o céu clareou, e fomos indo. Pelo caminho, involuntariamente, tornei a puxar conversa acerca de Bela e de Petchórin.

— E o senhor não ouviu porventura contarem o que aconteceu a Kázbitch? — indaguei.

— A Kázbitch? Juro que não sei... Ovi dizerem que os *chapsugs*⁵² tinham, em seu flanco direito, um tal de Kázbitch, um valentão que cavalgava a passinho, de *bechmet* vermelho, sob os nossos tiros e fazia medidas amabilíssimas cada vez que uma bala zumbia por perto, só que é pouco provável que seja aquele mesmo!...

Uma vez em Kóbi, despedi-me de Maxim Máxímytch, seguindo adiante com os cavalos de posta, enquanto ele não pôde, devido às suas bagagens pesadas, acompanhar-me. Nem esperávamos que ainda nos encontrássemos algum dia, porém nos encontramos, sim, e vou, se quiserem, contar disso: é toda uma história... Reconheçam, pois, os senhores que Maxim Máxímytch é um homem digno de respeito! Se o reconhecerem mesmo, ficarei plenamente recompensado pela minha narração, talvez longa demais.

1. Grande cidade transcaucasiana (atual Tiblíssi, a capital da Geórgia): os topônimos constantes do texto autoral são citados majoritariamente em sua forma arcaica, da qual os russos se valiam na primeira metade do século XIX. ↩

2. Etnia caucasiana que povoa o atual território da Ossétia do Norte (na Federação Russa) e da Ossétia do Sul (na Geórgia). ↩

3. Pequena taberna, geralmente próxima a uma estrada mestra. ↩

4. Antiga medida de distância russa, equivalente a 1067 metros. ↩

5. Palas ornadas de franjas de ouro que os militares usavam em cada ombro. ↩

6. Chapéu de peles que os russos usam no inverno. ↩

7. Yermólov (Nota do autor): general de infantaria, herói da guerra contra a França napoleônica em 1812 e comandante (nos anos de 1816 a 1827) das tropas russas que atuavam no Cáucaso. ↩

8. Trata-se da divisa entre a área colonizada pelos russos e a região onde as tribos caucasianas ainda estavam livres. ↩

9. Carruagem ou trenó puxado por três cavalos. ↩

10. Montanha do Ruído (em russo). ↩

11. Habitações típicas dos montanhese caucasianos, feitas de madeira, argila ou pedras rústicas. ↩

12. Capa de feltro, de origem caucasiana, usada principalmente por oficiais de cavalaria. ↔
13. Mosto, vinho fresco e capitoso. ↔
14. Soberano tribal que reconhecia o poder dos colonizadores russos. ↔
15. Antiga moeda de ouro russa, equivalente a dez rublos. ↔
16. [Estará] mal (no dialeto, de origem turca, que se falava no meio dos montanhese caucasianos). ↔
17. Pessoas ligadas pelos laços de hospitalidade recíproca. ↔
18. Sacerdote muçulmano. ↔
19. Competição dos *djiguits*, jovens guerreiros tão destemidos quanto hábeis em cavalgar. ↔
20. Vestimenta de origem oriental, também adotada pelos russos: espécie de comprido e folgado sobretudo masculino. ↔
21. Chechenos que atravessavam o rio Têrek para assaltar os colonos russos. ↔
22. Veste masculina proveniente do Cáucaso, com gola alta e rígida, que moldava o peito e a cintura, chegando aos joelhos. Mais tarde, passaria a ser usada pelos cossacos aquartelados naquela região. ↔
23. Vestimenta feita de anéis de couro retorcido ou de malha de ferro que os cavaleiros usavam como proteção (Dicionário Caldas Aulete). ↔
24. Muito bom, bom mesmo! (no dialeto montanhês). ↔
25. Termo pejorativo (literalmente "ímpios, incréus" no sentido de "não muçulmanos") com que os montanhese designavam os russos. ↔
26. Árvore caucasiana, espécie de olmo. ↔
27. Olho negro (no dialeto montanhês). ↔
28. Não (no dialeto montanhês). ↔
29. Sabre de lâmina curva e muito afiada. ↔
30. Nome genérico das armas brancas especialmente valorizadas pelos montanhese naquela época. ↔
31. Nome honroso do sultão turco. ↔
32. Peço aos leitores que me perdoem por ter versificado esta canção de Kázbitch, a qual me foi narrada, evidentemente, em prosa: é que o costume é a segunda natureza (Nota do autor). ↔
33. Ditado russo. ↔
34. Resgate simbólico que o noivo pagava à família da noiva às vésperas do casamento. ↔
35. *Kunak* significa "um companheiro" (Nota do autor). ↔
36. O russo é mau, mau! (no dialeto montanhês). ↔
37. Forma diminutiva e pejorativa do nome russo Dmítri. ↔
38. Leito de tijolos instalado em cima do forno que aquecia a antiga casa russa. ↔
39. Personagem da mitologia persa, um dos gênios poderosos, nem sempre bons, que apareciam em forma de moças belíssimas. ↔
40. Apelido coloquial e, não raro, pejorativo dos camponeses russos. ↔
41. Consta do original um jogo de palavras intraduzível por envolver os substantivos russos *чёрта* e *чёрт*, de forma que o nome do vale em questão pode significar, dependendo da respectiva grafia, o Vale da Divisa ou o Vale do Diabo. ↔
42. Risca, linha, listra (em russo). ↔
43. O nome coloquial do diabo (em russo). ↔
44. Personagem do folclore russo, um ente antropomorfo que ficava de emboscada no topo de uma árvore e matava quem passasse embaixo dela com seu silvo monstruoso. ↔
45. Dança folclórica, muito rápida e enérgica, de origem caucasiana. ↔
46. Alusão a certa contrariedade imprevista por causa da qual duas pessoas próximas (por exemplo, um casal) acabam brigando. ↔
47. Ravinas (Nota do autor). ↔
48. Antiga medida de comprimento equivalente a 2,2 metros. ↔
49. Parte de uma arma de fogo em que se colocava a pólvora (ou uma cápsula carregada de pólvora), acionada por uma pederneira. ↔
50. Espécie de chicote usado por cavaleiros (em russo). ↔

51. Tecido de seda, bonito e sólido, confeccionado na Pérsia e na Turquia. ↔

52. Uma das tribos caucasianas, cujo líder, na época descrita, realmente se chamava Kázbitch. ↔

II. MAXIM MAXÍMYTCH

Ao despedir-me de Maxim Máxymtch, atravessei a vivo galope os desfiladeiros Têrekskoie e Dariálskoie, desjejei em Kazbek, tomei chá em Lars e, na hora do jantar, já estava em Vladikavkaz. Poupo aos senhores a descrição das montanhas, as exclamações que não exprimem nada, os quadros que não representam coisa nenhuma, sobretudo para quem não esteve naquelas paragens, e as observações estatísticas que decididamente ninguém vai ler.

Hospedei-me numa pousada onde se hospedam todos os que passam por lá e onde não há, entretentes, a quem se mande assar um faisão e cozinhar um *chtch*⁵³, pois os três inválidos⁵⁴ encarregados da tal pousada são tão estúpidos ou andam tão bêbados que não se pode conseguir nada de útil com eles.

Anunciaram-me que devia morar ali por três dias a mais, pois a "ocasião" não chegara ainda de Yekaterinograd⁵⁵ e, conseqüentemente, não podia partir de volta. Que ocasião era aquela?... Só que um trocadilho ruim não serve de consolo para um homem russo, e eu tive a ideia de anotar, por mera diversão, o relato de Maxim Máxymtch sobre Bela, sem imaginar que seria o primeiro elo de uma longa corrente de narrativas. Os senhores percebem como, de vez em quando, um caso de pouca importância vem a ter conseqüências cruéis?... Talvez não saibam o que é uma "ocasião", hein? É um escolta composta de meia companhia de infantaria, com um canhão, que acompanha os comboios em trânsito através da Cabárdia, desde Vladikavkaz até Yekaterinograd.

Passei o primeiro dia muito entediado, e, na manhã seguinte, foi uma charrete que entrou no pátio... Ah! Maxim Máxymtch!... Encontramo-nos como velhos companheiros. Ofereci-lhe meu quarto. Ele não fez cerimônia: deu-me, inclusive, um tapa no ombro e entortou a boca como quem sorrisse. Que esquisitão!

Maxim Máxymtch possuía uma ampla erudição na arte culinária: assou, espantosamente bem, um faisão, regou-o, mui acertadamente, com salmoura de pepino, e devo confessar que me cumpriria, em sua ausência, ficar comendo torradas. Uma garrafa de vinho da Caquécia ajudou-nos a esquecer a modesta quantidade de pratos, a qual não passava de um só, e eis que nos sentamos ali, acendendo nossos cachimbos: eu perto da janela, e ele ao lado do forno aceso, visto que era um dia úmido e frio. Estávamos calados. De que tínhamos a falar?... Ele já me contara tudo o que havia de interessante sobre si mesmo, e eu não tinha nada a contar. Fiquei olhando pela janela. Uma profusão de casinholas baixinhas,

esparças pela margem do Têrek que se espriava cada vez mais largo, entrevia-se por trás das árvores, o paredão ameaçado das montanhas azulava mais adiante, e o monte Kazbek, com seu chapéu branco de cardeal, assomava de trás dele. No íntimo, eu dizia adeus àquilo tudo e sentia pena...

Assim permanecemos sentados por muito tempo. O sol se escondia atrás dos cumos gelados, e uma neblina esbranquiçada começava a espalhar-se pelos vales, quando se ouviram, lá na rua, o tilintar da sineta de uma carruagem e o grito dos cocheiros. Várias carroças cheias de armênios sujos entraram no pátio da pousada, seguidas por uma caleça⁵⁶ de viagem que estava vazia: sua marcha ligeira, seu feito confortável e sua aparência elegante levavam certa marca estrangeira. Atrás da caleça vinha um homem bigodudo, de húngara⁵⁷, assaz bem-vestido para quem fosse um lacaios: não daria para errar, quanto à sua função, só ao ver aquele seu jeito valente de sacudir o cachimbo para tirar cinzas dele e de gritar, vez por outra, com o cocheiro. Obviamente, era o criado mimado de um senhor preguiçoso, uma espécie de Fígaro⁵⁸ russo. "Diga, meu caro", gritei-lhe pela janela: "o que é isso? Será que chegou a 'ocasião'?" Ele me encarou com bastante ousadia, ajeitou a gravata e me virou as costas; um armênio que caminhava ao seu lado respondeu, sorridente, por ele que a "ocasião" tinha chegado mesmo e partiria de volta na manhã seguinte. "Graças a Deus!", disse Maxim Máxímytch, que se aproximara da janela nesse meio-tempo. "Que caleça esdrúxula!", acrescentou. "Decerto é algum funcionário que vai fazer uma devassa em Tiflis. E, pelo jeito, não conhece essas montanhazinhas nossas! Não, meu querido, estás brincando aí: não são como na terra da gente, farão até um carro inglês sacolejar!" — "Mas quem é aquele, hein? Vamos lá perguntar..." Fomos pelo corredor, ao fim do qual se abria a porta de um quarto lateral. O lacaios e o cocheiro vinham trazendo as malas lá para dentro.

— Escuta, maninho — perguntou o capitão de estado-maior: —, de quem é aquela caleça maravilhosa?... Há?... Uma caleça esplêndida! — O lacaios nem se virou para ele: murmurava algo consigo mesmo ao passo que desatava uma das malas. Maxim Máxímytch ficou zangado; tocou no ombro daquele descortês e disse: "É contigo que estou falando, meu caro..."

— De quem é a caleça? Do meu amo...

— E quem é teu amo?

— Petchórin...

— Como assim? O que dizes? Petchórin?... Ah, meu Deus!... Mas será que ele já serviu no Cáucaso? — exclamou Maxim Máxímytch, puxando-me pela manga. Era uma alegria que faiscava em seus olhos.

— Parece que serviu, sim... É que faz pouco tempo que estou com ele.

— Mas que coisa... que coisa, hein! Grigóri Alexândrovitch? É assim que ele se chama, não é?... Pois fomos amigos, teu amo e eu — acrescentou Maxim Máxímytch, dando um tapa no ombro do laçao, amistoso, mas tão forte que o fez cambalear.

— Licença, meu senhor: está atrapalhando — disse ele, carregando o cenho.

— Ih, como tu és, maninho!... Será que sabes aí? Éramos amigos do peito, teu amo e eu, vivíamos juntos... Mas onde foi que ele mesmo ficou?

O criado declarou que Petchórin ficara para jantar e pernoitar na casa do coronel N.

— Mas será que ele não vem cá à noite — disse Maxim Máxímytch; — ou tu mesmo, meu caro, será que não vais vê-lo por alguma necessidade?... Se fores, diz que Maxim Máxímytch está aqui; diz isso mesmo... ele lá sabe... E te darei oito *grivnas*⁵⁹ para comprares vodca...

O laçao fez uma careta desdenhosa ao ouvir uma promessa tão modesta assim, porém assegurou a Maxim Máxímytch que cumpriria sua incumbência.

— Pois virá logo, correndo!... — disse-me Maxim Máxímytch com um ar triunfante. — Vou esperar por ele ao portão... Eh, mas que pena eu não conhecer N.!

Maxim Máxímytch ficou sentado num banco, além do portão, e eu fui ao meu quarto. Confesso que também esperava pelo aparecimento desse tal de Petchórin com certa impaciência; embora tivesse composto para mim, com base naquele relato do capitão de estado-maior, uma opinião não muito favorável a respeito dele, alguns traços de seu caráter me pareciam notáveis. Uma hora depois, um dos inválidos trouxe um samovar⁶⁰ que fervia e um bule. "O senhor não quer chá, Maxim Máxímytch?", gritei-lhe pela janela.

— Agradeço, mas estou sem vontade.

— Ei, venha tomar! Veja bem: já é tarde, faz frio...

— Não é nada, obrigado!

— Pois bem... como quiser!

Fiquei tomando chá sozinho; meu velho entrou uns dez minutos depois. "O senhor tem razão: é melhor tomar um chazinho... É que fiquei esperando, esperando... Já faz muito tempo que o criado dele foi buscá-lo, mas, pelo visto, algo o reteve."

Tomou, às pressas, uma chávena de chá, recusou a outra e saiu de novo portão afora, como que ansioso: era óbvio que a indiferença de Petchórin deixava o velho entristecido, ainda mais que ele acabara de me contar sobre a amizade de ambos e estivera convicto, havia uma hora apenas, de que Petchórin viria correndo tão logo ouvisse seu nome.

Já era tarde, estava escuro, quando abri outra vez a janela e me pus a chamar por Maxim Máxímytch, dizendo que estava na hora de dormir; ele murmurou algo por entre os dentes; eu repeti o convite, mas ele não respondeu mais nada.

Deitei-me no sofá, envolvendo-me em meu capote e deixando uma vela sobre a *lejânka*; peguei logo no sono e dormiria tranquilo se Maxim Máxímytch, entrando no quarto bem tarde da noite, não me despertasse. Jogou seu cachimbo na mesa, passou a andar pelo quarto, a remexer no forno; deitou-se enfim, mas ficou tossindo, cuspidando, revirando-se por muito tempo...

— Será que os percevejos o picam? — perguntei.

— Os percevejos, sim... — respondeu ele com um suspiro penoso.

Na manhã seguinte, acordei cedo, mas Maxim Máxímytch já se antecipara a mim. Encontrei-o ao portão, sentado naquele banco. "Preciso ir ver o comandante", disse ele. "Então, se Petchórin vier, mande alguém, por favor, buscar-me..."

Prometi que faria isso. Ele foi correndo, como se seus membros tivessem readquirido a força e a flexibilidade da juventude.

Era uma manhã fresca, mas linda. As nuvens douradas empilhavam-se sobre as montanhas, como um novo renque de montes aéreos; uma larga praça se estendia em face do portão; uma feira pululava de gente, do outro lado dela, pois era domingo; vários garotos ossetas, descalços como estavam, vagueavam ao meu redor, carregando saquinhos de mel em favos nos ombros; enxotei-os, aborrecido, vindo já a compartilhar a ansiedade do meu bondoso capitão de estado-maior.

Não se passaram sequer dez minutos, e eis que o homem pelo qual esperávamos apareceu ao fim da praça. Vinha com o coronel N., que se despediu dele, ao acompanhá-lo até a pousada, e seguiu em direção à fortaleza. De pronto, mandei um dos inválidos buscar Maxim Máxímytch.

O laçao de Petchórin veio ao encontro dele e anunciou que já se ia atrelar os cavalos; trouxe-lhe uma caixa de charutos e, recebendo algumas incumbências, foi ocupar-se delas. Seu amo acendeu um charuto, bocejou umas duas vezes e se sentou num banco, do outro lado do portão. Agora me cumpre retratá-lo para os senhores.

Era de estatura mediana; seu tronco esbelto, bem proporcionado, e seus ombros largos provavam a robustez de sua compleição capaz de aturar todas as dificuldades da vida nômade e mudanças de clima, nunca vencida nem pela devassidão da vida metropolitana, nem pelas tormentas morais; sua sobrecasaquinha de veludo, empoeirada, com apenas dois botões de baixo abotoados, permitia enxergar uma camisa deslumbrantemente limpa, a qual atestava os hábitos de um homem decente; suas luvas manchadas pareciam feitas

por encomenda para suas pequenas mãos aristocráticas, e, quando ele tirou uma daquelas luvas, fiquei surpreso com a magreza de seus dedos pálidos. Andava de modo negligente e preguiçoso, mas, pelo que percebi, não agitava os braços, sendo este um indício seguro de certa dissimulação de seu caráter. Aliás, são minhas deduções particulares, embasadas em minhas observações próprias, e não tenho a menor vontade de obrigar os senhores a acreditar cegamente nelas. Quando ele se deixou cair naquele banco, seu tronco reto se encurvou, como se não houvesse um só ossinho em seu dorso, e a postura de todo o seu corpo revelou uma espécie de fraqueza nervosa: quedou-se sentado qual uma coquete balzaquiana, com seus trinta anos de idade⁶¹, que se refestela em suas poltronas macias após um baile cansativo. Ao olhar, pela primeira vez, para seu rosto, achei que tivesse, quando muito, vinte e três anos, porém suporia mais tarde que já tivesse trinta. Havia algo infantil em seu sorriso. Sua pele tinha certa suavidade feminina; seus cabelos louros, cacheados por natureza, emolduravam tão pitorescamente sua testa nobre, pálida, sobre a qual só uma observação prolongada permitiria avistar umas rugas mal perceptíveis, que se entrecruzavam e provavelmente se tornavam bem mais nítidas em momentos de ira ou de angústia espiritual. Não obstante a cor clara de seus cabelos, o bigode e as sobrancelhas do homem eram negros: indício de boa estirpe numa pessoa, assim como a crina preta e a cauda preta de um cavalo branco; para finalizar o retrato, direi que ele tinha um nariz um tanto arrebicado, dentes de uma brancura deslumbrante e olhos castanhos. Quanto àqueles olhos, devo dizer algumas palavras a mais.

Primeiramente, eles não riam quando ele ria! Será que já aconteceu aos senhores notarem tal estranheza nalgumas pessoas?... É indício de uma índole malvada ou de uma tristeza profunda e contínua. Debaixo dos cílios semi-cerrados, eles irradiavam certo brilho fosfórico, se é que se pode usar uma expressão dessas. Não era o reflexo de seu calor espiritual nem de sua imaginação fulgurante: era um brilho similar ao do aço liso, ofuscante, mas frio; seu olhar breve, mas penetrante e pesado, deixava uma impressão desagradável, a de uma pergunta indiscreta, e poderia até parecer atrevido se não estivesse tão indiferentemente tranquilo. Quem sabe se todas essas deduções não me tinham vindo à mente apenas porque eu conhecia alguns pormenores de sua vida; quem sabe se sua aparência não teria causado a outrem uma impressão totalmente distinta, porém, como os senhores não ouvirão mais ninguém, que não seja eu, falar dele, terão de se contentar, queiram ou não, com este retrato que fiz. Direi em conclusão que, de modo geral, ele era muito bonito e possuía uma daquelas fisionomias originais das quais gostam, sobretudo, as mulheres da alta-roda.

Os cavalos já estavam atrelados; a sineta tilintava, de vez em quando, debaixo do arco⁶², e o laçao já se acercara duas vezes de Petchórin, relatando-lhe que estava tudo pronto, mas Maxim Máxímytch ainda não tinha chegado. Por sorte, Petchórin estava imerso numa meditação, olhando para as ameias azuis do Cáucaso, e, aparentemente, não tinha a mínima pressa de partir. Aproximei-me dele. "Se o senhor quiser aguardar mais um pouco", disse, "terá o prazer de rever seu velho companheiro..."

— Ah, é mesmo! — respondeu ele rapidamente. — Ontem me falaram dele. Mas onde é que ele está? — Voltei-me para a praça e vi Maxim Máxímytch, que corria com todas as forças... Minutos depois, já estava ao nosso lado: mal conseguia respirar, o suor lhe escorria, copioso, pelo rosto, os tufos molhados de seu cabelo grisalho estavam grudados, ao irromperem debaixo da sua *chapka*, em sua testa, e seus joelhos tremiam... Ele quis atirar-se ao pescoço de Petchórin, mas este lhe estendeu a mão de modo assaz frio, embora com um sorriso afável. Por um minuto, o capitão de estado-maior ficou petrificado, mas depois agarrou essa mão avidamente, com ambas as mãos, ainda incapaz de falar.

— Como estou feliz, meu caro Maxim Máxímytch! Pois bem: como o senhor tem passado? — disse Petchórin.

— E... tu? E o senhor?... — murmurou o velho, com lágrimas nos olhos. — Quantos anos... quantos dias... Mas aonde é que está indo?

— Para a Pérsia e mais longe ainda...

— Agora mesmo, será?... Mas espere, caríssimo! Será que agora mesmo nos separaremos? Faz tanto tempo que não nos vemos...

— Tenho que ir, Maxim Máxímytch — foi essa a resposta.

— Meu Deus, meu Deus! Mas por que é que está com tamanha pressa? Queria dizer tanta coisa ao senhor... fazer tantas perguntas... Pois então: ficou reformado?... Como está?... O que andou fazendo?...

— Andei entediado! — respondeu Petchórin, sorrindo.

— Será que se lembra daquela nossa vidinha na fortaleza?... Um bom país para a caça!... É que o senhor gostava tanto de atirar... E Bela?...

Petchórin empalideceu de leve e lhe virou as costas...

— Lembro-me, sim! — disse, forjando, quase logo, um bocejo.

Maxim Máxímytch se pôs a exortá-lo a ficar com ele por mais umas duas horas. "Teremos um excelente almoço!", dizia. "Tenho dois faisões, e o vinho da Caquécia está ótimo por aqui... Não está como na Geórgia, bem entendido, mas é da melhor qualidade... Vamos conversar... o senhor me contará sobre sua vida em Petersburgo... Há?..."

— Juro que não tenho nada a contar, meu caro Maxim Máxímytch... Adeus,

pois, que preciso ir mesmo... estou com pressa... Agradeço por não se ter esquecido de mim... — acrescentou, segurando-lhe a mão.

O velho franziu o sobrolho. Estava triste e zangado, ainda que se esforçasse para ocultar isso. "Esquecer!", resmungou. "Eu cá não me esqueci de nada... Pois bem, que Deus lhe acuda!... Não foi desse jeito que pensei em encontrá-lo..."

— Chega, hein, chega! — disse Petchórin, abraçando-o amigavelmente. — Não seria eu o mesmo de antes? Fazer o quê?... Cada um tem seu próprio caminho. Se teremos como nos encontrar de novo, só Deus sabe!... — Dizendo isso, ele já estava sentado em sua caleça, e o cocheiro já começava a puxar as rédeas.

— Espera, espera! — gritou, de repente, Maxim Máxímytch, agarrando-se às portinhas daquela caleça. — Por pouco não me esqueci... Fiquei com seus papéis, Grigóri Alexândrytch... ando com eles de lá para cá... pretendia encontrá-lo na Geórgia, mas Deus quis que nos víssemos aqui... O que é que faço com eles?...

— O que quiser! — respondeu Petchórin. — Adeus...

— Então vai para a Pérsia? E quando é que voltará?... — gritava Maxim Máxímytch enquanto ele se afastava.

A caleça já estava longe, mas Petchórin fez, com a mão, um gesto que se poderia traduzir da maneira seguinte: "Nunca mais! De resto, por que voltaria?".

Não se ouviam mais, havia bastante tempo, nem o tilintar da sineta nem o barulho das rodas sobre a estrada pedregosa, mas o pobre velho se mantinha postado no mesmo lugar, imerso numa profunda meditação.

— Sim... — disse, por fim, buscando assumir um ar indiferente, posto que uma lágrima de desgosto brilhasse, por momentos, em seus cílios. — É claro que fomos amigos, mas... o que significam os amigos neste século nosso? Por que ele precisaria de mim? Não sou rico nem dignitário e, quanto à idade, estou longe de ser seu par... Mas como ficou ajanotado, hein, quando passou de novo por Petersburgo... Que caleça!... Quantas bagagens!... E como seu laçao é arrogante!... — Essas palavras foram pronunciadas com um sorriso irônico. — Diga — prosseguiu ele, dirigindo-se a mim —: o que é que o senhor pensa disso? Qual é, pois, aquele demônio que o leva agora para a Pérsia? É ridículo; juro por Deus que é ridículo!... Aliás, eu sempre soube que era um homem volátil, com quem nem se podia contar... Só que é pena, palavra de honra, que vá acabar mal... e nem poderia acabar de outra maneira!... Eu cá sempre disse não ter serventia quem se esquecesse dos velhos amigos! — Então me virou as costas, para esconder sua emoção, e ficou andando pelo pátio, junto à sua charrete, fingindo que examinava as rodas enquanto, a cada minuto, seus olhos se enchiam de lágrimas.

— Maxim Máxímytch — disse eu, aproximando-me dele —, mas quais são aqueles papéis que Petchórin lhe deixou?

— Sabe lá Deus! Algumas anotações...

— E o que o senhor vai fazer com eles?

— O quê? Mandarei fazer cartuchos deles.

— É melhor que os deixe comigo.

Ele olhou para mim com pasmo, resmungou algo por entre os dentes e passou a remexer em sua mala; eis que tirou um caderninho e jogou-o, com desprezo, no solo, tendo depois o outro, o terceiro e o décimo o mesmo destino. Havia algo infantil naquele seu desgosto, de sorte que senti pena e vontade de rir...

— Aqui estão eles todos — disse Maxim Máxímytch. — Meus parabéns pelo achado...

— E posso fazer com eles tudo o que quiser?

— Nem que os publique nos jornais. O que tenho a ver com isso? Seria eu um amigo ou um parente dele?... É verdade que moramos, por muito tempo, sob o mesmo teto, mas... não foi pouca aquela gente com que já morei!

Peguei aqueles papéis e me apressei a levá-los embora, temendo que o capitão de estado-maior se arrependesse. Logo vieram anunciar-nos que a "ocasião" partiria dentro de uma hora; mandei atrelar os cavalos. O capitão entrou no quarto naquele exato momento em que já punha minha *chapka*: parecia que nem se preparava para a partida, tendo um ar meio falso e frio.

— E o senhor, Maxim Máxímytch, não vai partir?

— Não vou.

— Por que será?

— É que ainda não vi o comandante e preciso entregar alguns bens públicos...

— Mas o senhor já foi falar com ele, não foi?

— É claro que fui... — disse o capitão, gaguejando. — Só que ele não estava em casa... e não esperei até ele chegar.

Compreendi-o: fora, quem sabe, pela primeira vez em sua vida que o pobre velho abandonara as tarefas oficiais por *necessidade pessoal*, usando-se a linguagem do escritório, e que recompensa ganhara com isso!

— É muita pena — disse-lhe eu. — É muita pena, Maxim Máxímytch, que tenhamos de nos separar tão cedo assim.

— Como poderíamos nós, estes velhos broncos que somos, competir com vocês aí?... São jovens mundanos, orgulhosos; enquanto estiverem aqui, sob as balas circassianas, ainda são bonzinhos... e depois, mal nos encontramos de novo,

estão com vergonha de estender a mão à nossa laia.

— Não mereci tais censuras, Maxim Máxímytch.

— Pois estou falando assim... só por falar, sabe? Aliás, desejo ao senhor toda a felicidade e uma viagem alegre.

Despedimo-nos de modo bastante seco. Meu bondoso Maxim Máxímytch se transformara num teimoso e rabugento capitão de estado-maior! Mas por quê? Porque Petchórin lhe estendera a mão, por distração ou por outro motivo qualquer, quando ele quisera atirar-se ao seu pescoço! É triste vermos um jovem perder seus melhores sonhos e esperanças no momento em que se afasta em sua frente aquele véu rosa através do qual ele mirava os feitos e sentimentos humanos, conquanto possamos esperar que venha a substituir suas ilusões antigas pelas novas, não menos efêmeras, mas, em compensação, não menos doces... Mas com que seriam substituídas na idade de Maxim Máxímytch? Queira-se ou não, o coração endurece e a alma se fecha...

Fui embora sozinho.

1. Sopa tradicional russa, feita de repolho, batata, cenoura e outros legumes. ↔

2. Soldados reformados por idade ou por terem sido feridos. ↔

3. Povoado de cossacos localizado na região da Cabárdia. ↔

4. Carruagem com dois assentos e quatro rodas, também denominada "caleche". ↔

5. Jaqueta bordada com a chamada "cordinha de hussardo", parte integrante do uniforme dos hussardos europeus. ↔

6. Protagonista da comédia *O Dia Louco ou As Bodas de Figaro*, de Pierre-Augustin Caron de Beaumarchais (1732-1799), estreada em 1784. ↔

7. Moeda russa equivalente a uma décima parte do rublo, isto é, a 10 copeques. ↔

8. Espécie de chaleira, geralmente de cobre, em forma de urna, com uma torneira na parte inferior e um tubo para brasas vivas no centro, que se usa na Rússia para ferver e manter quente a água com que se faz o chá (Dicionário Michaelis). ↔

9. Alusão ao romance *A Mulher de Trinta Anos*, de Honoré de Balzac (1799-1850), lançado em 1834 e muito popular, na época descrita, em vários países europeus. ↔

10. Peça semicircular que se punha entre os varais de uma carruagem. ↔

DIÁRIO DE PETCHÓRIN

PREFÁCIO

Fiquei sabendo recentemente que Petchórin havia morrido na volta da Pérsia. Essa notícia me alegrou muito, dando-me o direito de publicar este diário, e aproveitei a oportunidade de assinar uma obra alheia com meu nome. Queira Deus que os leitores não me castiguem por uma fraude tão inocente assim!

Agora me cumpre explicar um pouco os motivos que me incitaram a tornar públicos os segredos íntimos de um homem que eu nunca conhecera. Ainda não faria mal se fosse um dos seus amigos: qualquer um compreende esta indiscrição pérfida de um verdadeiro amigo; entretanto, só o vi uma vez na vida, numa grande estrada, portanto, não posso nutrir por ele aquele inefável ódio que só espera, escondendo-se sob a máscara da amizade, pela morte ou pelo infortúnio do ser amado para fazer toda uma saraivada de reproches, de conselhos, de zombarias e de lamentações desabar sobre a cabeça dele.

Relendo este diário, fiquei convencido da sinceridade daquele que desnudara, de forma tão implacável, suas próprias fraquezas e seus vícios. A história de uma alma humana, nem que fosse a alma mais pífia de todas, por pouco não seria mais interessante e mais útil do que a história de um povo inteiro, sobretudo quando provinda das observações que uma mente madura faz de si mesma e escrita sem o presunçoso desejo de provocar compaixão ou admiração. A confissão de Rousseau⁶³ já tem aquele defeito de ele tê-la lido aos seus amigos.

Assim, foi unicamente minha aspiração ao bem geral que me levou a publicar trechos deste diário, do qual me apossara por acaso. Embora tenha alterado todos os nomes próprios, as pessoas de que se trata nele vão provavelmente reconhecer a si mesmas e acharão talvez justificativas para as ações das quais tem sido, até hoje, acusado o homem já desprovido, daqui em diante, de tudo quanto o ligue ao nosso mundo. Quase sempre desculpamos aquilo que compreendemos.

Inseri neste livro apenas o que se referia à permanência de Petchórin no Cáucaso, ficando em minhas mãos ainda um grosso caderno no qual ele fala de toda a sua vida. Um dia, este caderno também se submeterá ao julgamento da sociedade, porém agora, por muitas razões importantes, não me atrevo a assumir tal responsabilidade.

Talvez alguns dos leitores queiram saber qual é minha opinião sobre o caráter de Petchórin? Minha resposta será o título deste livro. "Mas é uma ironia maldosa!", dirão eles. Não sei, não.

1. Trata-se d'*As Confissões* de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), famosa obra autobiográfica redigida nos anos de 1765 a 1770 e publicada na íntegra em 1813. ↵

Taman é uma cidadezinha ruim, a pior de todas as cidades litorâneas da Rússia. Por pouco não morri lá de fome, e, como se não bastasse, quiseram afogar-me. Cheguei, numa charrete de posta, tarde da noite. O cocheiro fez a troica cansada parar ao portão da única casa de alvenaria, a qual ficava à entrada da cidade. A sentinela, um daqueles cossacos do mar Negro, ouviu o tilintar da sineta e bradou, mal acordado, com uma voz selvagem: "Quem está aí?". Saíram o *uriádnik*⁶⁵ e o *deciátnik*⁶⁶. Expliquei-lhes que era um oficial, que ia ao regimento em operações por incumbência formal, e passei a reclamar um apartamento funcional. O *deciátnik* nos conduziu através da cidade. Fosse qual fosse a isbá⁶⁷ da qual nos aproximávamos, já estava ocupada. Fazia frio; sem ter dormido por três noites seguidas, eu estava exausto e já vinha ficando zangado. "Vê se me levas para algum lugar, celerado, nem que seja para o diabo, mas me arranja onde ficar!", gritei. "Tem mais um partamento", respondeu o *deciátnik*, coçando a nuca —, só que Vossa Senhoria não vai gostar dele: não tá limpo!" Sem entender a conotação exata dessa última palavra, mandei-o ir à minha frente, e foi após uma longa perambulação pelos becos imundos, de cujos lados eu só via cercas vetustas, que nos acercamos de uma casinha que ficava logo à beira-mar.

A lua cheia iluminava o telhado de junco e as paredes brancas da minha nova morada; no pátio, cuja cerca era de pedra rústica, havia mais uma cabana torta, menor e mais velha do que a primeira. Uma vertente escarpada descia até o mar, quase rente àquela casinha, e as ondas azul-escuras se agitavam, com um rumorejo ininterrupto, lá embaixo. Serena, a lua olhava para o elemento inquieto, mas submisso a ela, e consegui vislumbrar, graças à sua luz, dois navios que estavam longe da costa, cujas mastreações pretas, imóveis, semelhantes a teias de aranha, desenhavam-se sobre a pálida listra do horizonte. "Há barcos ao cais", pensei. "Amanhã irei a Gelendjik."

Quem fazia as vezes de meu ordenança era um cossaco das tropas de linha. Mandando-o tirar minha mala e dispensar o cocheiro, comecei a chamar pelo dono da casa (silêncio), a bater à porta (silêncio)... Que coisa seria aquela? Foi um garoto de uns catorze anos de idade que se arrastou finalmente *sêní*⁶⁸ afora.

"Onde está o dono?" — "Não tá." — "Como assim? Não está mesmo?" — "Não tá mesmo." — "E a dona?" — "Correu pro arraiá." — "Mas quem é que vai destrancar a porta para mim?", disse eu, dando um pontapé naquela porta. Ela se abriu sozinha, vindo de dentro um cheiro de maresia. Acendi um fósforo

de enxofre e levei-o ao nariz do garoto: o fósforo alumiu dois olhos brancos. Ele era cego, totalmente cego por natureza. Mantinha-se imóvel em minha frente, e me pus a examinar os traços de seu rosto.

Confesso que tenho um forte preconceito contra todos os cegos, caolhos, surdos, mudos, aleijados sem pernas ou braços, corcundas, etc. Tenho percebido que há sempre uma correlação esquisita entre o físico de uma pessoa e sua alma, como se, com a perda de algum membro, a alma perdesse algum sentimento.

Comecei, pois, a examinar o rosto daquele cego, mas o que é que se mandaria ler num rosto privado de olhos? Passei muito tempo olhando para ele, com uma compaixão espontânea, quando, de súbito, um sorriso quase imperceptível correu pelos seus lábios finos e me causou, não sei por que, uma impressão desagradabilíssima. Em minha cabeça nasceu a suspeita de que aquele cego não fosse tão cego quanto aparentava ser; foi em vão que procurei convencer a mim mesmo de os leucomas serem impossíveis de se forjar... e com que intuito é que alguém o faria? De resto, fazer o quê? Muitas vezes me inclino para preconceitos...

"És filho dos donos?", perguntei-lhe, por fim. "Não."

— "Então quem és?" — "Um órfão lesado." — "E a dona tem filhos?" — "Não; teve uma filha, mas ela fugiu pro além-mar com um tártaro." — "Com que tártaro?" — "Sabe lá o diacho! Um tártaro da Crimeia, um barqueiro de Kertch."

Entrei na casinha: eram dois bancos e uma mesa, além de um enorme baú ao lado do forno, que compunham toda a sua mobília. Nem um ícone pelas paredes: mau sinal! O vento marinho irrompia pela vidraça quebrada. Tirei um coto de cera da minha mala e, acendendo-o, comecei a dispor meus pertences; encostei a *chachka* e o rifle num canto, coloquei as pistolas em cima da mesa, estendi minha *burka* sobre um dos bancos, enquanto o cossaco estendia a dele no outro banco; dez minutos depois, ele já estava roncando, mas eu mesmo não conseguia adormecer: era aquele garoto de olhos brancos que ainda vagava nas trevas, bem em minha frente.

Assim se passou cerca de uma hora. A lua luzia janela adentro, e um dos seus raios saltitava pelo chão de terra batida. De chofre, uma sombra cruzou aquela faixa luminosa que atravessava o chão. Soergui-me e olhei de relance pela janela: alguém passou correndo, pela segunda vez, perto dela e sumiu só Deus sabia onde. Não pude supor que tal criatura tivesse descido a vertente costeira, porém não havia outro lugar aonde pudesse ter corrido. Levantei-me, joguei meu *bechmet* por cima dos ombros, pus meu punhal na cintura e saí de manso, bem de mansinho, daquela casinha. Era o garoto cego quem vinha ao meu encontro.

Apertei-me à cerca, e ele, com um andar seguro, embora prudente, passou ao meu lado. Trazia uma trouxa debaixo do braço; virou-se em direção ao cais e foi descendo uma vereda estreita e abrupta. "*Naquele dia os mudos vociferarão, e os olhos dos cegos verão*"⁶⁹, pensei, seguindo-o a uma distância suficiente para não o perder de vista.

Enquanto isso, a lua começou a envolver-se em nuvens, e uma neblina se ergueu sobre o mar; acesa na popa do navio mais próximo, uma lanterna mal se via através daquela neblina, e a espuma brilhava rente às rochas costeiras que ameaçavam afundá-lo a cada minuto. Descendo a duras penas, eu me esgueirava pela escarpa e acabei vendo o cego retardar o passo, depois dobrar à direita, lá embaixo; ele caminhava tão perto da água que as ondas pareciam prestes a apanhá-lo e a levá-lo embora, mas, pelo visto, não era seu primeiro passeio, a julgar pela segurança com a qual pisava de pedra em pedra e evitava as escavações. Parou, afinal, como quem apurasse os ouvidos ao atentar para alguma coisa, sentou-se no solo e colocou a trouxa ao seu lado. Escondendo-me atrás de uma rocha saliente da costa, eu espiava seus movimentos. Alguns minutos depois, apareceu um vulto branco do lado oposto; achegou-se ao cego e se sentou junto dele. O vento me trazia, de vez em quando, a conversa dos dois.

"Pois então, cego?", disse uma voz feminina. "A tempestade está forte; Yanko não virá." — "Yanko não tem medo da tempestade", respondeu o garoto. "A neblina se adensa", replicou novamente a voz feminina, com uma expressão de tristeza. — "É mais fácil passar, nessa neblina, perto dos navios de guarda", foi a resposta. "E se ele se afogar?" — "Pois bem: então, no domingo, tu irás à igreja sem uma fita nova."

Seguiu-se um silêncio; todavia, fiquei espantado com algo: o cego tinha falado comigo num linguajar da Rússia Pequena⁷⁰ e agora se expressava num russo castiço.

— Bem vêς que estou certo — tornou a dizer o cego, batendo palmas. — Yanko não tem medo nem do mar, nem dos ventos, nem da neblina, nem dos vigias na costa; escuta, hein: não é a água que está borbulhando (não dá para me enganar a mim), são aqueles compridos remos dele.

A mulher se levantou depressa e, visivelmente inquieta, ficou olhando para longe.

— Estás delirando, cego — disse —, não vejo coisa nenhuma.

Confesso que, por mais que me esforçasse para enxergar algo semelhante a uma barca ao longe, não vi nada. Assim se passaram uns dez minutos, e eis que surgiu, em meio às vagas, um ponto negro que ora aumentava, ora diminuía. Subindo devagar aqueles montes das ondas, resvalando depressa por eles, uma

barca se aproximava da costa. Era intrépido o navegador que ousara, numa noite daquelas, atravessar o estreito de vinte verstas de largura, e devia ser importante o motivo que o instigara a tanto! Pensando assim, ao passo que meu coração palpitava involuntariamente, eu olhava para a pobre barca, mas ela mergulhava, como uma pata, e depois, agitando rapidamente, como se fossem asas, seus remos, saltava fora daquele abismo, em meio aos respingos de espuma; eis que viria, com a força toda, de encontro à costa, pensei, e se espedaçaria, porém ela se virou habilmente de lado e pulou, intacta, para dentro de uma pequena baía. Quem saiu dela foi um homem de estatura mediana, que usava uma *chapka* tártara feita de pele de carneiro; agitou a mão, e todos os três foram tirando algo da sua barca; o fardo era tão grande que até agora não entendo como ela não afundara. Cada um pôs um saco nos ombros; foram caminhando ao longo da costa, e não demorei a perdê-los de vista. Precisava voltar para casa, mas confesso que todas essas estranhezas me deixavam preocupado, tanto assim que mal consegui esperar até a manhã.

Meu cossaco ficou muito surpreso quando acordou e me viu todo vestido, porém não lhe expliquei o porquê disso. Ao admirar por algum tempo, pela janela, o céu azul, semeado de nuvenzinhas rotas, a longínqua costa da Crimeia, a qual se estende como uma faixa lilás e termina com um penhasco em cujo topo alveja uma torre de farol, fui à fortaleza de Fanagória para me informar com o comandante sobre a hora da minha partida para Gelendjik.

Mas, aí de mim, o comandante não podia dizer-me nada de definido. Todos os navios que estavam ao cais eram os de guarda ou pertenciam aos comerciantes, não tendo estes últimos nem começado ainda a ser carregados. "Talvez chegue um barco postal, daqui a três ou quatro dias", disse o comandante, "então veremos." Voltei para casa sombrio e zangado. Meu cossaco me encontrou às portas, com a cara assustada.

— Não está bem, Senhoria! — disse-me ele.

— Pois é, mano: só Deus sabe quando iremos embora daqui...

Então ele ficou ainda mais alarmado e cochichou, inclinando-se em minha direção:

— A coisa não está limpa aqui! Encontrei hoje um *uriádnik* daqueles cossacos do mar Negro; eu o conheço, que esteve no ano passado em nossa tropa; logo que lhe contei onde estávamos hospedados, ele me disse: "Não está limpo ali, mano: é gente malvada!...". E, realmente, que cego é aquele? Anda sozinho por toda parte; vai à feira, comprar pão, buscar água... dá para ver que já se acostumaram a tais coisas por aqui.

— Pois então? A dona da casa apareceu, pelo menos?

— Hoje, quando o senhor não estava, veio uma velha com sua filha.
— Que filha é essa? Ela não tem filha.
— Sabe lá Deus quem ela é, se não for uma filha. Mas a velha agora está lá, sentada em sua choça.

Entrei naquela cabana. O forno estava ardendo; era um almoço assaz suntuoso para uma família pobre que se cozinhava nele. A todas as minhas perguntas a velha respondeu que estava surda e não me ouvia. O que é que faria com ela? Dirigi-me ao cego, que estava sentado diante do forno e punha chamiço no fogo. "Pois bem, diabinho cego", disse, segurando-lhe a orelha: "diz aonde é que foste à noite com aquela tua trouxa, hein?" De súbito, esse meu cego rompeu a chorar, a gritar, a gemer: "Aonde é que fui? Pra lugar nenhum... Com a trouxa? Que trouxa?..." Dessa vez, a velha ouviu e ficou resmungando: "Inventam lá coisas e, ainda por cima, mexem com um lesado! Por que o senhor mexe com ele? O que foi que ele lhe fez?" Fui embora aborrecido, mas com a firme decisão de conseguir a chave daquele enigma.

Envolti-me em minha *burka* e me sentei numa pedra, ao pé da cerca, olhando, vez por outra, para bem longe; era o mar agitado pela tempestade noturna que se estendia em minha frente, e seu barulho monótono, parecido com o murmúrio de uma cidade a adormecer, lembrou-me dos tempos idos, levou meus pensamentos para o Norte, para nossa capital fria. Emocionado com essas lembranças, fiquei cochilando... Assim se passou cerca de uma hora ou, talvez, mais tempo... De chofre, algo semelhante a uma canção atingiu meu ouvido. Era uma canção, de fato, cantada por uma vozinha feminina, bem fresca, mas de onde é que ela vinha? Prestei atenção: era uma melodia estranha, ora tristonha e arrastada, ora rápida e animada. Olhei ao redor: não havia ninguém ali; prestei atenção outra vez: os sons como que caíam do céu. Ergui os olhos: era uma moça de vestido listrado, com as tranças desfeitas, que estava postada no telhado da casa – uma verdadeira *russalka*⁷¹. Protegendo os olhos dos raios de sol com a mão, olhava atentamente para longe, ora rindo e conversando consigo mesma, ora tornando a entoar sua canção.

Decorei aquela canção inteira, desde a primeira até a última palavra:

Sobre a vastidão
Do mar verde,
Soltam os barquinhos
Suas velas.
Minha barca vem
Por entre eles;

Esta barca leve
Tem dois remos.
Quando o temporal
Se enfurece,
Os barquinhos velhos
Se dispersam!
Eu me curvo então
Diante do mar:
"Poupa, mar zangado,
Minha barca!
Esta barca traz
Coisas caras;
Um rapaz valente
A dirige."

Veio-me, sem querer, a ideia de ter ouvido a mesma voz à noite; fiquei pensativo por um minuto, e, quando voltei a olhar para o telhado, a moça não estava mais lá. De repente, ela passou correndo ao meu lado, cantarolando algo diferente, e entrou, estalando de leve os dedos, na cabana da velha, e eis que uma discussão se travou entre elas. A velha se zangava, e a moça gargalhava bem alto. Então vi minha ondina correr, saltitante, de volta; emparelhando comigo, ela se deteve e olhou atentamente em meus olhos, como que pasmada com minha presença, depois se virou, negligente, e foi devagar rumo ao cais. A história não terminou nisso: ela passou o dia inteiro andando em volta do meu apartamento, sem que aqueles seus cantar e saltitar se interrompessem por um minuto sequer. Que criatura estranha! Não havia nenhum indício de loucura em seu semblante; pelo contrário, seus olhos se fixavam em mim com uma argúcia desinibida e pareciam dotados de certo poder magnético, e como que esperavam, todas as vezes, por alguma pergunta. Mas, tão logo eu comesse a falar, ela escapulia com um sorriso malicioso.

Decididamente, jamais tinha visto uma mulher daquelas. Ela estava longe de ser uma beldade, só que eu tenho meus preconceitos quanto à beleza também. Era de boa estirpe... a boa estirpe que se vê nas mulheres, assim como nos cavalos, é uma coisa importantíssima: tal descoberta cabe à Jovem França⁷². Ela, quer dizer, a estirpe e não a Jovem França, revela-se principalmente no modo de andar, nos braços e nas pernas, e o nariz, em especial, significa muito. Um nariz harmonioso é mais raro na Rússia do que um pezinho diminuto. Minha cantora aparentava ter, quando muito, dezoito anos. A elasticidade extraordinária de seu

tronco, a inclinação de sua cabeça, particular como era, própria só dela mesma, seus cabelos compridos, castanho-claros, certo matiz dourado de sua pele levemente bronzada no pescoço e nos ombros, e, sobretudo, seu nariz harmonioso – aquilo tudo me parecia encantador. Ainda que lesse algo arisco e suspeito em seus olhares oblíquos, ainda que houvesse algo indefinido em seu sorriso, a força dos preconceitos é essa: seu nariz harmonioso me deixou tão louco que imaginei ter encontrado a Mignon de Goethe⁷³, aquela insólita criação da fantasia alemã, e, realmente, havia muita semelhança entre as duas moças: as mesmas passagens rápidas da maior inquietude para uma absoluta imobilidade, as mesmas falas misteriosas, os mesmos saltos, as mesmas canções estranhas...

Ao anoitecer, fi-la parar às portas e travei a conversa seguinte com ela. "Diz aí, minha linda", perguntei: "o que foi que fizeste hoje lá no telhado?" — "Fiquei olhando de onde o vento soprava." — "Por quê?" — "A felicidade vem de onde vier o vento." — "Pois bem: será que chamaste pela felicidade com tua canção?" — "Vive-se feliz onde se canta." — "E se, de repente, tua canção te trouxe uma desgraça?" — "Fazer o quê? Onde não se estiver melhor se estará pior, e o mal ficará outra vez perto do bem." — "Quem foi, pois, que te ensinou essa canção?" — "Ninguém me ensinou; quando me dá na veneta, fico cantando. Quem deve ouvir vai ouvir, quem não deve ouvir nem vai entender." — "E como é que te chamas, minha cantora?" — "Quem me batizou conhece meu nome." — "E quem foi que te batizou?" — "Como vou saber?" — "Ih, como és sonsa! Pois eu cá soube algo sobre ti. (A moça não mudou de cor nem moveu os lábios, como se não se tratasse dela.) Fiquei, pois, sabendo que ontem à noite tu foste à costa." Então, muito sério, contei-lhe de tudo o que vira, pretendendo deixá-la confusa, mas em vão: ela riu a bandeiras despregadas! "O senhor viu muito, mas sabe pouco, e veja se tranca o que sabe com um cadeadozinho." — "E se, por exemplo, eu tivesse a ideia de delatá-la ao comandante?" Então assumi um ar muito grave, até mesmo severo. De súbito, ela deu um pulo, passou a cantar e sumiu qual um passarinho afugentado da sua moita. Minhas últimas palavras haviam sido bem despropositadas; então nem suspeitei de serem tão importantes assim, mas posteriormente teria o ensejo de me arrepender delas.

Tão logo escureceu, mandei meu cossaco esquentar a chaleira à moda da campanha, acendi uma vela e me sentei à mesa, fumando meu cachimbo de viagem. Já terminava de tomar o segundo copo de chá quando, de repente, a porta rangeu; ouviram-se, atrás de mim, o leve farfalhar de um vestido e o ruído dos passos; estremeci e me virei: era ela, minha ondina, que se sentou em minha frente, quietinha, e fixou em mim, sem dizer nada, os olhos, e aquele olhar me pareceu, não sei por que, maravilhosamente terno, lembrando-me um daqueles

olhares que tinham brincado nos tempos idos, tão imperiosamente, com minha vida. Parecia que ela esperava por uma pergunta, mas eu estava calado, cheio de um embaraço inexprimível. Seu rosto estava coberto de uma palidez baça, a qual revelava a emoção de sua alma; sua mão se movia a esmo por sobre a mesa, e percebi um leve tremor nela: ora seu peito se erguia alto, ora me parecia que ela prendia respiração. Essa comédia começava a aborrecer-me, e já estava prestes a interromper o silêncio da maneira mais prosaica possível, quer dizer, a oferecer-lhe um copo de chá, quando ela se levantou de supetão, cingiu meu pescoço com os braços, e foi um beijo úmido, mas fogo, que se estampou em meus lábios. Meus olhos se turvaram, minha cabeça ficou girando, e apertei-a em meu amplexo com toda a força de uma paixão juvenil, mas ela, feito uma víbora, deslizou por entre meus braços, sussurrando ao meu ouvido: "Hoje à noite, quando estiverem todos dormindo, vem à costa", e saltou, rápida como uma flecha, para fora do quarto. Uma vez no *sêni*, derrubou a chaleira e a vela que estava no chão. "Eta, diacho da rapariga!", bradou meu cossaco, que se acomodara sobre a palha e sonhava em aquecer-se com sobras de chá. Foi só então que me recompus.

Um das horas depois, quando tudo se aquietou sobre o cais, despertei meu cossaco. "Se eu disparar minha pistola", disse-lhe, "corre até a costa." Ele esbugalhou os olhos e respondeu maquinalmente: "Às ordens de Vossa Senhoria". Pus uma pistola por baixo do cinturão e saí. A moça esperava por mim à beira daquela vertente; seu traje era mais do que leve, com um lenço pequeno a envolver seu tronco elástico.

— Siga-me — disse, pegando em minha mão, e fomos descendo. Não compreendo como não quebrei o pescoço; uma vez lá embaixo, dobramos à direita e enveredamos pelo mesmo caminho que eu seguira na véspera, indo ao encalço do cego. A lua não nascera ainda, apenas duas estrelinhas, iguais a dois faróis salvadores, fulgiam no firmamento azul-escuro. As ondas pesadas rolavam umas atrás das outras, compassada e regularmente, mal soerguendo uma barca solitária que estava atracada ali. "Vamos entrar nessa barca", disse minha companheira. Fiquei hesitando, por não ser nada afeiçoado aos passeios sentimentais pelo mar, porém não tinha mais tempo para recuar. Ela saltou àquela barca; segui-a e percebi, antes ainda de me recobrar, que estávamos navegando. "O que significa isso?", disse com zanga. "Isso significa", respondeu ela, assentando-me sobre o banco e cingindo meu tronco com os braços, "isso significa que eu te amo..." E sua face se apertou à minha, e senti seu alento fogo sobre meu rosto. De súbito, algo caiu, com um baque, n'água; rápido, apalpei meu cinturão, mas a pistola não estava mais nele. Oh, foi então que uma suspeita

terrível se insinuou em minha alma, e o sangue me afluíu à cabeça. Olho ao redor: estamos a cerca de cinquenta braças da costa, e não sei nadar! Quero afastá-la com um empurrão, mas ela se agarra, feito uma gata, às minhas roupas, e eis que um empurrão repentino e forte por pouco não me arremessa ao mar. A barca ficou balançando, mas eu me equilibrei, e foi uma luta desesperada que começou entre nós; a fúria me provia de forças, porém logo percebi que minha adversária me excedia em destreza... "O que tu queres?", gritei, apertando, com muita força, suas mãoszinhas. Os dedos da moça estalejavam, mas ela não chegou a gritar: sua natureza viperina aguentou essa tortura.

— Tu viste... — respondeu ela: — vais delatar — e, com um esforço sobrenatural, fez-me cair sobre o bordo, de sorte que acabamos pendendo ambos, da cintura para cima, fora da barca: seus cabelos tocavam n'água, o momento era decisivo. Finquei o joelho no fundo da barca, agarrando-a, com uma mão, pela trança e, com a outra, pela garganta; ela soltou minhas roupas, e, num instante, atirei-a às ondas.

Já estava bastante escuro; sua cabeça aflorou, umas duas vezes, em meio àquela espuma marinha, e não vi mais nada.

Achei, no fundo da barca, metade de um velho remo e, bem ou mal, após longos esforços, ataquei no cais. Esgueirando-me pela costa, rumo à minha casinha, olhava involuntariamente, mas com atenção, para onde o cego aguardara, na véspera, pelo navegador noturno; a lua já rolava pelo céu, e pareceu-me que alguém vestido de branco estava sentado na costa; instigado pela curiosidade, cheguei furtivamente mais perto e me deitei sobre a relva, no topo da escarpa costeira. Ao soerguer a cabeça, consegui ver muito bem, de cima daquele penhasco, tudo quanto se fizesse embaixo, e não fiquei por demais surpreso, mas quase alegre, ao reconhecer minha *russalka*. Ela torcia seus cabelos compridos para tirar a espuma marinha deles; molhada, sua camisa moldava seu tronco elástico e seus seios em riste. Logo uma barca apareceu ao longe, aproximando-se depressa; como na véspera, foi um homem de *chapka* tártara que saiu dela: seus cabelos estavam cortados à moda dos cossacos, e uma grande faca se via por baixo da correia que o cintava. "Yanko", disse ela, "está tudo perdido!" Depois sua conversa foi adiante, porém tão baixa que não consegui ouvir mais nada. "Mas onde está o cego?", disse, afinal, Yanko, elevando a voz. "Eu o mandei para lá", foi a resposta. Minutos depois, o cego veio carregando nas costas um saco, que eles puseram dentro da barca.

— Escuta aí, cego! — disse Yanko. — Vê se guardas aquele lugar, sabes? Há caras mercadorias ali... Diz para (não ouvi direito o nome) que não sou mais um criado dele; os negócios têm andado mal, e ele não me verá mais; agora é

perigoso; irei procurar por um trabalho noutras bandas, e ele lá não encontrará mais um valentão como eu. Diz também que, se ele pagasse melhor pelas fainas, então Yanko não o abandonaria, só que há um caminho para mim por toda parte, onde quer que o vento sopra e o mar borbulhe. — Após uma pausa, Yanko prosseguiu: — Ela irá comigo, que não pode ficar aqui; quanto à velha, diz a ela que já está na hora de morrer: tenha a honra de ir quem viveu demais! Não verá mais nenhum de nós dois.

— E quanto a mim? — disse o cego com uma voz lamentosa.

— Por que é que precisaria de ti? — foi a resposta.

Enquanto isso, minha ondina saltou para a barca e agitou a mão, chamando pelo seu companheiro; ele colocou algo na mão do cego, dizendo: "Pega aí; compra pães de mel para ti". "Só isso?", disse o cego. "Pois bem: pega mais...", e uma moeda tiniu ao cair sobre uma pedra. O cego não a apanhou. Yanko entrou em sua barca; o vento soprava do lado da costa, e eles içaram uma pequena vela e foram depressa embora. Por muito tempo, a vela branca sumia e ressurgia, à luz da lua, em meio às ondas escuras; o cego se mantinha sentado na costa, e eis que ouvi algo semelhante a um pranto: aquele garoto cego como que chorava, e aquilo durou muito, mas muito tempo... Senti-me triste. Por que o destino tivera de me atirar àquele círculo pacífico dos *honestos contrabandistas*? Como uma pedra jogada numa fonte plácida, perturbei o sossego deles e, como uma pedra, por pouco não fui, eu mesmo, a pique!

Voltei para casa. A vela estalava, já consumida, no *sêni*, sobre um prato de madeira, e meu cossaco, apesar da ordem recebida, dormia profundamente, segurando seu rifle com ambas as mãos. Deixei-o em paz; peguei a vela e entrei na casinha. Ai de mim! Meu cofrinho, minha *chachka* marchetada de prata, meu punhal daguestaniano com que um amigo meu me presenteara: tudo havia desaparecido. Então adivinhei que coisas estava carregando o maldito cego. Despertando o cossaco com um empurrão assaz impolido, exprobrei-o, fiquei zangado por algum tempo, mas não tive nada a fazer! E não seria ridículo reclamar à minha chefia de ter sido roubado por um garoto cego e quase afogado por uma moça de dezoito anos?

Graças a Deus, surgiu uma possibilidade de partir, logo pela manhã, e deixei Taman. Não sei que fim levaram aquela velha e o pobre cego. Aliás, o que tenho a ver com as alegrias e calamidades humanas, eu cá, um oficial ambulante e, ainda por cima, com minha incumbência formal?...

Fim da primeira parte.

2. Sargento de uma tropa de cossacos. ↔
3. Comandante de um grupo de dez soldados ou, neste caso, de uma dezena de cossacos. ↔
4. Casa de madeira (em russo). ↔
5. Antessala, espaço entre a porta de entrada e o primeiro cômodo da casa (em russo). ↔
6. Paráfrase irônica de um versículo bíblico (Isaías, 29:18). ↔
7. Nome arcaico da Ucrânia, que fazia parte do Império Russo a partir do século XVIII. ↔
8. Gênio feminino das águas, análogo à sereia, à ondina (veja logo a seguir) e à iara, na mitologia eslava. ↔
9. Geração de artistas, literatos e intelectuais franceses, adeptos do Romantismo, que se formou na década de 1830. ↔
10. Personagem do romance *Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister*, de Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), publicado nos anos de 1795/96. ↔

SEGUNDA PARTE
(fim do diário de Petchórin)

II. A PRINCESINHA MARY

11 de maio

Ontem cheguei a Piatigorsk⁷⁴, aluguei um apartamento nos confins da cidade, no lugar mais alto, bem ao sopé do monte Machuk: caso haja uma tempestade, os nimbos vão descer até meu telhado. Hoje, quando abri a janela às cinco horas da manhã, meu quarto se encheu do cheiro daquelas flores que crescem num jardimzinho modesto. Os ramos das cerejeiras floridas olham para as minhas janelas, e, vez por outra, o vento semeia minha escrivaninha de suas pétalas brancas. Tenho uma vista maravilhosa de três lados. É o Bechtu com seus cinco cimos que fica azulando no oeste, tal e qual "a última nuvem da finda tormenta"⁷⁵; é o Machuk, semelhante a um felpudo chapéu persa, que se ergue no norte, tapando toda aquela parte do firmamento; é mais alegre olhar para o leste: logo embaixo, diante de mim, fica uma cidadezinha versicolor, toda novinha e limpinha, com seu barulho do balneário e de uma multidão a falar várias línguas, e lá adiante, cada vez mais azuis e nebulosas, elevam-se as montanhas que formam um anfiteatro, e além delas, à margem do horizonte, estende-se uma cadeia prateada de píncaros cobertos de neve, desde o Kazbek até o Elborus⁷⁶ bicéfalo. É alegre, sim, viver numa terra dessas! Uma sensação prazerosa se esparge em todas as minhas veias. O ar está puro e fresco como o beijo de uma criança; o sol brilha no céu azul... de que mais se precisa, hein, que paixões, desejos e contrições é que faltam aqui? Todavia, a hora é essa. Vou até a fonte Yelisavêinski: dizem que se reúne ali, pela manhã, toda a sociedade do balneário.

Descendo rumo ao centro da cidade, enveredei por um bulevar onde encontrei alguns grupos tristonhos que subiam devagar ladeira acima; eram, em sua maioria, famílias daqueles fazendeiros das estepes, podendo-se logo adivinhá-lo pelas sobrecasacas dos esposos, todas gastas e fora de moda, e pelos trajes sofisticados das esposas e filhas. Pelo visto, já haviam conhecido toda a mocidade *balnear*, porquanto olharam para mim com uma terna curiosidade: foi o feito petersburguense da minha sobrecasaca que os deixou iludidos, mas logo em seguida, reconhecendo as dragonas do exército, eles me viraram, indignados, as costas.

As esposas das autoridades locais – por assim dizer, as donas do balneário – têm sido mais benévolas: elas têm lornhões⁷⁷, prestam menos atenção na farda e, uma vez no Cáucaso, estão acostumadas a encontrar um coração passional

debaixo de um botão numerado e uma mente instruída debaixo de um casquete branco. Essas damas são muito amáveis e continuam a sê-lo por muito tempo! Seus adoradores se revezam de ano em ano, e pode ser que o segredo de sua incansável amabilidade consista justamente nisso. Ultrapassei, enquanto subia uma estreita vereda a levar à fonte Yelisavêtski, toda uma multidão de homens civis e militares, os quais constituem, segundo eu saberia mais tarde, uma classe peculiar em meio aos aspirantes à recuperação da saúde. Eles bebem, mas não aquela água medicinal, passeiam pouco e namoricam tão só de passagem... Andam jogando e reclamando do tédio. São janotas: quando mergulham seu copo envolto em vime num poço de água sulfurosa, fazem poses acadêmicas; quando civis, usam gravatas azul-claras e, quando militares, deixam folhos penderem debaixo da gola. Professam um desprezo profundo pelas casas provincianas e suspiram pelos salões aristocráticos metropolitanos, cujas portas lhes são vedadas.

Até que enfim, eis aqui o poço! É uma casinha de telhado vermelho que fica ao seu lado, construída numa pracinha acima da piscina, e mais adiante se encontra uma galeria, na qual se passeia quando está chovendo. Alguns oficiais feridos se mantinham sentados num banco, tristes e pálidos, recolhendo as suas muletas. Algumas damas andavam pela pracinha, de lá para cá, a passos rápidos, esperando pelo efeito das águas medicinais. Havia, no meio delas, duas ou três carinhas bonitas. Nas alamedas de vinhas que cobrem a encosta do Machuk, surgiam, de vez em quando, os chapeuzinhos versicolores das amantes de ficarem a sós, pois sempre me apercebia de um casquete militar ou de um horroroso chapéu redondo ao lado de um chapeuzinho daqueles. Num penhasco íngreme, onde se erige o pavilhão chamado de Harpa Eólica, ficavam plantados os amantes das vistas, que apontavam seu telescópio para o Elborus, havendo, no meio deles, dois preceptores com seus pupilos que tinham vindo tratar da escrófula.

Parei, ofegante, à beira daquela montanha, encostei-me num canto daquela casinha e me quedei examinando as cercanias pictóricas quando, de súbito, ouvi uma voz familiar atrás de mim:

— Petchórin! Desde quando é que está aí?

Então me virei. Era Gruchnítski! Abraçamo-nos. Eu o conhecera num regimento em operações. Baleado numa das pernas, ele viera ao balneário cerca de uma semana antes de mim.

Gruchnítski é um cadete. Faz apenas um ano que está servindo; usa, por certa janotice especial, um grosso capote de soldado raso. Porta uma cruzinha de São Jorge, comenda de um soldado também. É robusto, está bronzado e tem cabelos negros; pode-se achar, à primeira vista, que já tenha completado vinte e cinco

anos, embora não passe de vinte e um. Atira a cabeça para trás quando está falando, e retorce, a cada minuto, seu bigode com a mão esquerda, visto que se apoia, com a direita, numa muleta. Fala rápida e rebuscadamente, sendo um daqueles homens que têm frases grandiloquentes, já prontas, para todos os casos imagináveis e não se sensibilizam com o que for simplesmente belo, mas se revestem, bem imponentes, de sentimentos extraordinários, de paixões sublimes e de sofrimentos excepcionais. Tais homens se deleitam em impressionar, e as provincianas românticas gostam deles até a loucura. À medida que envelhecerem, tornam-se ora fazendeiros pacatos, ora bebedores, ou, vez por outra, ambas as coisas. Sua alma tem amiúde muitas qualidades boas, mas nem um tostão de poesia. A paixão de Gruchníski tem sido a de declamar: ele crivava a gente de palavras, tão logo a conversa ia além do círculo das ideias comuns, a ponto que jamais consegui discutir com ele. Gruchníski não responde às réplicas, nem sequer escuta, apenas enceta, assim que seu interlocutor parar de falar, uma longa tirada aparentemente ligada ao que este acabou de dizer, porém, na realidade, nada mais é senão a continuação de seu próprio discurso.

Ele é bastante espirituoso; seus epigramas são amiúde engraçados, mas nunca chegam a ser certos nem maldosos: aquele homem não matará ninguém com uma só palavra; não conhece as pessoas com suas cordas sensíveis, já que passou a vida toda ocupado tão só consigo. Sua meta consiste em protagonizar um romance. Tantas vezes procurou convencer os outros de ser um ente que não fora criado para este mundo, mas fadado a certos sofrimentos ocultos, que ficou, ele mesmo, quase convencido disso. É a razão pela qual anda usando, tão orgulhosamente, seu grosso capote de soldado raso. Tenho-o compreendido, e ele não gosta de mim por isso, se bem que mantenhamos as aparências da maior amizade possível. Gruchníski tem a reputação de um valentão rematado: já o vi em combate, brandindo uma *chachka*, gritando e atirando-se, de olhos cerrados, para a frente. Aquela sua valentia não parece bem russa!...

Nem eu gosto dele, intuindo que, algum dia, haveremos de nos encontrar, cara a cara, num caminho estreito, e que um de nós dois se dará mal.

Sua chegada ao Cáucaso também é uma das consequências de seu fanatismo romântico; tenho a certeza de que, às vésperas de sua partida da fazenda paterna, ele dizia, com um ar lúgubre, a uma vizinha bonitinha que não ia simplesmente servir no exército, mas partia em busca da morte, porque... decerto tapou os olhos com a mão ao dizer isso e prosseguiu de maneira seguinte: "Não, a senhorita (ou você) não deve saber disso!... Sua alma cândida vai estremecer!... Aliás, por que deveria saber?... O que sou para a senhorita? Será que me entenderá?... ", e assim por diante.

Foi ele próprio quem me disse que o motivo a instigá-lo a ingressar no regimento de K. seria um eterno mistério entre ele e os céus.

De resto, naqueles momentos em que se despe do seu manto trágico, Gruchnítski se torna assaz gentil e divertido. Tenho observado, com curiosidade, a corte que ele faz às mulheres: creio que então se esforça para valer!

Encontramo-nos como velhos companheiros. Comecei a indagar-lhe sobre o modo de viver no balneário e sobre as pessoas notáveis.

— Estamos levando uma vida meio prosaica — disse ele com um suspiro. — Quem beber água pela manhã é mole como todos os doentes, e quem beber vinho à noite é insuportável como todos os saudáveis. Há companhias femininas, sim, mas não proporcionam muito consolo: andam jogando uíste⁷⁸, vestem-se mal e falam francês pessimamente. Quem veio de Moscou este ano foi só a princesa Ligovskáia com sua filha, só que não as conheço. Meu capote de soldado raso é como uma marca de réprobo. A compaixão que ele provoca é tão penosa quanto uma esmola.

Foram duas damas que passaram, naquele momento, ao nosso lado, indo em direção ao poço: uma delas era idosa, e a outra, novinha e jeitosa. Não enxerguei seus rostos debaixo dos chapeuzinhos, mas estavam ambas vestidas conforme as regras estritas do melhor gosto, sem nada que fosse supérfluo! A segunda usava um vestido fechado *gris de perles*⁷⁹; um lenço de seda, bem leve, enroscava-se em volta do seu pescoço elástico. Os botins *couleur puce*⁸⁰ estreitavam suas perninhas finas, junto dos tornozelos, de modo tão gracioso que mesmo quem não estivesse iniciado nos mistérios da beleza soltaria sem falta um "ai", nem que fosse só de pasmo. Seu andar ligeiro, mas nobre, tinha algo virgem, algo que se esquivava de qualquer definição, porém compreensível ao olhar. Quando passou ao nosso lado, emanava dela aquele inefável aroma que respira, por vezes, o bilhete de uma mulher charmosa.

— É a princesa Ligovskáia — disse Gruchnítski —; sua filha Mary, como ela a chama à inglesa, está com a mãe. Faz apenas três dias que estão aqui.

— No entanto, você já conhece o nome dela?

— Sim, ouvi-o por acaso — respondeu ele, enrubescendo. — Confesso que não me apetece conhecê-las: essa fidalguia soberba olha para nós, o pessoal do exército, como se fôssemos selvagens. Se há mesmo um cérebro debaixo de um casquete numerado e um coração debaixo de um grosso capote — o que é que elas têm a ver com isso?

— Coitado do capote! — disse eu, sorridente. — E quem é aquele senhor que se aproxima delas e lhes traz, tão sollicitamente, os copos?

— Oh! Aquele é um janota moscovita chamado Raiévitch! É um jogador: isso

se percebe logo pela enorme corrente de ouro que serpenteia por sobre seu colete azul. E que bengala grossa é aquela, igual à de Robinson Crusoe! E aquela barba que vem a calhar, e o penteado *à la moujik*⁸¹...

— Mas você anda zangado com todo o gênero humano!

— E tenho por quê...

— Oh! Tem mesmo?

Nesse ínterim, as damas se afastaram do poço e vieram emparelhando conosco. Gruchnitski teve tempo de tomar uma postura dramática, com a ajuda de sua muleta, e me respondeu em francês, alto e bom som:

— *Mon cher, je hais les hommes pour ne pas les mépriser, car autrement la vie serait une farce trop dégoûtante.*⁸²

A linda princesinha se virou e agradeceu o orador com um olhar longo e curioso. A expressão daquele olhar era muito indefinida, mas não zombeteira, fato pelo qual o felicitei, no íntimo, com toda a minha alma.

— Essa princesinha Mary é tão bonitinha — disse-lhe. — Os olhos dela são tão aveludados, exatamente aveludados, e aconselho que você se aproprie desta expressão quando for falar daqueles olhos: seus cílios inferiores e superiores são tão compridos que os raios de sol não se refletem nas pupilas dela. Gosto de tais olhos sem brilho: são tão ternos, como se afagassem a gente. Aliás, parece que o rosto dela não tem mais nada de bom... Os dentes são brancos, hein? Isso é muito importante! É pena que não tenha sorrido em resposta àquela sua frase pomposa.

— Você fala de uma mulher bonita como se falasse de um cavalo inglês — disse Gruchnitski, com indignação.

— *Mon cher* — respondi-lhe, buscando imitar seu tom —, *je méprise les femmes pour ne pas les aimer, car autrement la vie serait un mélodrame trop ridicule.*⁸³

Virando-lhe as costas, afastei-me dele. Passei cerca de meia hora passeando pelas alamedas de vinhas, pelos rochedos de calcário com aqueles arbustos que pendem entre eles. O calor vinha aumentando, e me apressei a voltar para casa. Passando por perto daquela fonte de água sulfurosa, parei ao lado da galeria coberta para retomar fôlego à sombra dela, e isso me forneceu o ensejo de testemunhar uma cena assaz interessante. Os protagonistas se encontravam na posição seguinte: a princesa e o janota moscovita estavam sentados num banco daquela galeria coberta e pareciam ambos absortos numa conversa séria; a princesinha, que já terminara provavelmente de tomar seu último copo, andava de lá para cá, toda pensativa, junto ao poço; Gruchnitski se mantinha em pé, à beira do tal poço, e não havia mais ninguém na pracinha.

Cheguei mais perto e me escondi atrás da esquina da galeria. Naquele

momento, Gruchnítski deixara seu copo cair na areia e fazia esforços para se inclinar e apanhá-lo, atrapalhado pela sua perna ferida. Ó, coitadinho, como se esforçava, apoiando-se em sua muleta, mas era tudo em vão! Expressivo, seu rosto denotava mesmo um sofrimento.

A princesinha Mary via aquilo tudo melhor do que eu.

Eis que aconteceu a Gruchnítski, mais leve do que um passarinho, inclinou-se, apanhou o copo e, com um movimento cheio de graça inexprimível, entregou-o a ele; depois se ruborizou toda, olhou de relance para a galeria e, certificando-se de sua mãezinha não ter visto nada, ficou, pelo visto, logo tranquilizada. Quando Gruchnítski abriu a boca para lhe agradecer, já estava longe dele. Um minuto depois, saiu da galeria com sua mãe e o janota, mas, passando ao lado de Gruchnítski, assumiu um ar tão imponente e cerimonioso que nem sequer se virou, nem sequer reparou naquele olhar ardoroso com o qual ele a acompanhou por muito tempo, até ela descer a ladeira e sumir atrás das tiliazinhas do bulevar... Mas eis que seu chapeuzinho ressurgiu do outro lado da rua: ela cruzou correndo o portão de uma das melhores casas de Piatigorsk, seguida pela princesa que se despedira de Raiêvitch junto àquele portão.

Foi só então que o pobre cadete passional se deu conta da minha presença.

— Você viu? — disse, apertando com força minha mão. — É simplesmente um anjo!

— Por quê? — perguntei, com ares da mais pura singeleza.

— Será que não viu mesmo?

— Vi, sim: ela apanhou seu copo. Se o vigilante estivesse aqui, faria a mesma coisa, e mais depressa ainda, na esperança de ganhar com que compraria vodca. De resto, é bem compreensível por que ela sentiu pena de você: fez uma careta tão horripilante quando pisou nessa perna baleada...

— E você não ficou nem um pouco sensibilizado ao olhar para ela naquele momento em que sua alma fulgia em seu semblante?...

— Não.

Menti. Quis deixá-lo enraivecido. Tenho uma paixão inata, a por contradição: minha vida inteira tem sido apenas uma corrente de contradições tristes e malsucedidas com o coração ou o juízo. A presença de um entusiasta assopra-me com um frio batismal⁸⁴, e acredito que relações regulares com um fleumático indolente acabariam por me tornar um sonhador entusiástico. Confesso também que naquele momento uma sensação desagradável, mas familiar, vibrou de leve em meu coração: era uma inveja, e me atrevo a dizer "inveja" por estar acostumado a confessar tudo comigo mesmo. E é pouco provável que se ache um jovem a encontrar uma mulher bonita que acorrente sua

atenção ociosa e, de improviso, venha a destacar às escâncaras, bem em sua frente, um outro homem, igualmente desconhecido... é pouco provável, digo eu, que se ache um jovem (o qual tenha vivido, entenda-se bem, na alta sociedade e esteja habituado a mimar seu amor-próprio) que não fique desagradavelmente impressionado com isso.

Descemos calados, Gruchnítski e eu, a ladeira, e passamos pelo bulevar, rente às janelas da casa em que se escondera nossa beldade. Ela estava sentada perto de uma dessas janelas. Puxando-me o braço, Gruchnítski lhe lançou um daqueles olhares turvos e meigos que surtem tão pouco efeito junto às mulheres. Quanto a mim, apontei meu lornhão para ela e percebi que sorria com o olhar de Gruchnítski, e que meu lornhão atrevido a deixara seriamente zangada. E, realmente, como é que um militar caucasiano ousa apontar seu vidrinho para uma princesinha moscovita?

13 de maio

Foi um médico que veio visitar-me esta manhã; seu nome é Werner, mas ele é russo. O que há de surpreendente nisso? Já conheci um Ivanov⁸⁵ que era alemão.

Werner é um homem admirável por vários motivos. É um cético e materialista, como quase todos os médicos, mas, ao mesmo tempo, um poeta sem brincadeira alguma, sempre poético no que faz e frequentemente no que diz, muito embora não tenha escrito dois versos em toda a sua vida. Estudou todas as cordas vivas do coração humano, como se estudam as veias de um cadáver, mas nunca soube aproveitar o conhecimento adquirido. Assim, vez por outra, um excelente anatomista não sabe tratar uma febre. De ordinário, Werner escarnecia furtivamente seus pacientes, mas, um dia, vi-o chorar sobre um soldado moribundo. Era pobre, sonhava com milhões, porém não daria sequer um passo a mais para ganhar dinheiro; disse-me, certa feita, que antes faria um favor ao seu inimigo que ao seu amigo, pois isso significaria vender sua filantropia, ao passo que o ódio só aumentaria proporcionalmente à magnanimidade do desafeto. Tinha uma língua ferina: mais de um sujeito bondoso havia passado por um reles imbecil devido a um dos seus epigramas; seus rivais, os invejosos médicos do balneário, espalharam o boato de que estaria caricaturando seus pacientes: tais pacientes se encolerizaram e recusaram, quase todos, os serviços dele. Foi em vão que seus amigos, quer dizer, todos os homens realmente decentes que serviam no Cáucaso, tentaram restabelecer seu crédito abalado.

Sua aparência era uma daquelas que causam, logo à primeira vista, um efeito desagradável, mas chegam a agradar posteriormente, quando o olho tiver aprendido a ler, naquelas feições assimétricas, a marca de uma alma provada e

sublime. Já houve exemplos de as mulheres se apaixonarem por tais homens até a loucura e não mais trocarem sua feiura pela beleza dos endimiões⁸⁶ mais frescos e rosados. Faça-se justiça às mulheres que possuem um instinto de beleza espiritual: talvez seja por isso mesmo que são amadas, tão passionavelmente assim, pelos homens semelhantes a Werner.

Baixinho, magro e fraco como uma criança, Werner tinha, igual a Byron, uma perna mais curta do que a outra; sua cabeça, se comparada ao seu tronco, parecia imensa; ele cortava o cabelo bem raso, e, desnudadas dessa maneira, as irregularidades do seu crânio teriam espantado um frenólogo⁸⁷ com um estranho entrelaçado dos pendores mutuamente opostos. Seus pequenos olhos negros, sempre inquietos, buscavam insinuar-se nos pensamentos de outrem. Suas roupas deixavam entrever gosto e asseio; suas pequenas mãos, magras e nodosas, exibiam-se em luvas amarelo-claras. A cor de sua sobrecasaca, de sua gravata e de seu colete era constantemente preta. Os jovens chamavam-no de Mefistófeles⁸⁸; ele fingia que tal alcunha o irritava, mas, na realidade, ela lisonjeava seu amor-próprio. Não demoramos a entender um ao outro e nos tornamos bons companheiros, visto que sou inapto para a amizade. Um dos amigos é sempre escravo do outro, conquanto, muitas vezes, nenhum dos dois o reconheça consigo mesmo; quanto a mim, não posso ser escravo e acho que mandar e desmandar, num caso desses, é um trabalho cansativo, porque se deve, ainda por cima, ludibriar; além do mais, tenho lacaios e dinheiro. Foi assim que nos tornamos bons companheiros: encontrei Werner em S..., num círculo de jovens numerosos e buliçosos cuja conversa tomou, pelo fim do sarau, uma direção filosófica e metafísica. Discutiam-se convicções, sendo cada um convencido de coisas e loisas.

— No que diz respeito a mim, estou convencido de uma só coisa — disse o doutor.

— Qual é? — perguntei eu, querendo saber a opinião do homem que até então se mantivera calado.

— É que mais cedo ou mais tarde — respondeu ele —, numa bela manhã, vou morrer.

— Sou mais rico do que o senhor — disse eu —: tenho, além dessa, mais uma convicção, a saber, a de ter tido, numa noite horribilíssima, a desgraça de nascer.

Todos acharam que estivéssemos dizendo bobagens, só que, palavra de honra, nenhum deles dissera nada de mais inteligente do que aquilo. Foi o momento a partir do qual passamos a discernir um ao outro na multidão. Amiúde nos encontrávamos e discutíamos juntos, com muita seriedade, várias matérias abstratas, até nos apercebermos ambos de estarmos mistificando um ao outro.

Então, olhando um nos olhos do outro de modo significativo, como faziam, no dizer de Cícero, os áugures romanos⁸⁹, rompíamos a gargalhar e nos separávamos, ao gargalharmos à farta, contentes com nossa tertúlia.

Eu estava deitado no sofá, de olhos fixos no teto e mãos cruzadas debaixo da nuca, quando Werner entrou em meu quarto. Sentou-se numa poltrona, pôs sua bengala num canto, bocejou e anunciou que o calor vinha aumentando lá fora. Respondi que as moscas me incomodavam, e nós dois ficamos calados.

— Veja se anota aí, meu caro doutor — disse eu —, que, se não houvesse tolos, seria bem tedioso viver neste mundo! Olhe só: cá estamos nós, dois homens inteligentes; sabemos de antemão que se pode discutir qualquer coisa até o infinito e, portanto, não discutimos; conhecemos quase todos os pensamentos íntimos um do outro, apenas uma palavra é toda uma história para nós, e distinguimos o grão de cada sentimento nosso através do seu triplo invólucro. O que for triste nos faz rir, o que for engraçado nos entristece, e de modo geral, para dizer a verdade, tudo nos é assaz indiferente, à exceção de nós mesmos. Assim, nem se pode haver troca de sentimentos e pensamentos entre nós dois, porquanto sabemos tudo quanto quisermos saber um a respeito do outro e não queremos saber mais, restando-nos um só recurso, o de contarmos notícias. Conte-me, pois, uma notícia qualquer!

Cansado desse longo discurso, fechei os olhos e bocejei.

Ele respondeu ao pensar um pouco:

— Entretanto, há uma ideia nesse seu galimatias⁹⁰.

— Há duas — respondi eu.

— Diga-me uma delas, que eu mesmo direi a outra.

— Está bem: comece — disse eu, continuando a examinar o teto e sorrindo por dentro.

— O senhor deseja saber alguns pormenores relativos a alguém que veio ao balneário, e já estou para adivinhar por quem se interessa, pois já perguntaram pelo senhor naquele lugar.

— Doutor! Decididamente não podemos conversar: estamos lendo um na alma do outro.

— Agora a outra ideia...

— Aqui está a outra: quis incitar o senhor a contar alguma coisa, em primeiro lugar, porque escutar é menos cansativo, em segundo lugar, porque não se deixa escapar nada, em terceiro lugar, porque se pode descobrir um segredo alheio, em quarto lugar, porque tais pessoas inteligentes como o senhor gostam mais de ouvintes do que de contadores. Agora vamos ao nosso assunto: o que foi que a princesa Ligovskáia lhe disse sobre mim?

— Está tão seguro de ter sido a princesa e não a princesinha?

— Perfeitamente convicto.

— Por quê?

— Porque a princesinha perguntou por Gruchnítski.

— O senhor está dotado de muita imaginação. A princesinha disse ter a certeza de que aquele jovem com o capote de soldado raso havia sido rebaixado a praça por causa de um duelo...

— Espero que o senhor a tenha deixado naquela ilusão prazenteira...

— É claro que sim.

— Temos um enredo! — bradei, enlevado. — Quanto ao desfecho dessa comédia, vamos tratar dele. Obviamente, o destino vem tomando providências para que eu não me entedie.

— Pressinto — disse o doutor — que o pobre Gruchnítski será sua vítima...

— Prossiga, doutor!

— A princesa disse que seu rosto lhe era familiar... Fi-la notar que ela teria encontrado o senhor em Petersburgo, algures na alta sociedade, e lhe disse seu nome... Ela o conhecia. Parece que aquela sua história fez muito barulho por lá! A princesa se pôs a contar sobre as aventuras do senhor, acrescentando provavelmente suas próprias observações aos boatos mundanos. Sua filha escutava com curiosidade. Na imaginação dela, o senhor se tornou o herói de um romance daquele novo estilo... Quanto a mim, não contradizia a princesa, embora soubesse que estava dizendo bobagens.

— Meu digno amigo! — disse eu, estendendo-lhe a mão. O doutor a apertou com emoção e prosseguiu:

— Se quiser, vou apresentá-lo a elas...

— Misericórdia! — disse eu, agitando os braços. — Será que os heróis são apresentados? Eles não se apresentam de outra maneira senão salvando sua bem-amada de uma morte iminente...

— Pois o senhor quer mesmo cortejar a princesinha?

— Pelo contrário, muito pelo contrário!... Até que enfim estou triunfante, doutor: o senhor não me entende! Aliás, isso me deixa triste, doutor — continuei, após um minuto de silêncio. — Eu mesmo nunca revelo meus segredos: adoro que sejam desvendados, pois desse modo, caso haja necessidade, sempre posso negá-los. Todavia, o senhor deve descrever a mãezinha e a filhinha para mim. Que pessoas são essas?

— Primeiramente, a princesa é uma mulher de quarenta e cinco anos — respondeu Werner —; seu estômago está ótimo, mas seu sangue está estragado: ela tem manchas vermelhas nas faces. Passou a última metade de sua vida em

Moscou, onde, uma vez em repouso, engordou bastante. Gosta de anedotas licenciosas e chega a dizer, vez por outra, umas coisas indecentes, quando sua filha não está no quarto. Ela me declarou que sua filha era inocente qual uma pombinha. O que tenho a ver com isso?... Quis responder a ela que podia ficar tranquila, pois eu não contaria isso a ninguém! A princesa está tratando de seu reumatismo, e sua filha, sabe lá Deus de quê: mandei ambas tomarem dois copos d'água sulfurosa por dia e um banho medicinal duas vezes por semana. Parece que a princesa não está acostumada a dar ordens: nutre respeito pela inteligência e pela erudição de sua filha, que leu Byron em inglês e sabe álgebra. Pelo visto, aquelas mocinhas de Moscou se meteram em ciências, e juro que estão fazendo uma coisa boa! Nossos homens são tão descorteses, em geral, que coquetear com eles deve ser insuportável para uma mulher inteligente. A princesa gosta muito de homens jovens, e a princesinha olha para eles com certo desdém: um dos hábitos moscovitas! Elas só se alimentam, lá em Moscou, de quarentões espirituosos.

— E o senhor mesmo esteve em Moscou, doutor?

— Sim: tive certa prática por lá.

— Prossiga.

— Mas parece que já disse tudo... Ah, sim, mais uma coisa: parece que a princesinha gosta de raciocinar acerca dos sentimentos, das paixões e assim por diante... Passou um inverno em Petersburgo e não gostou dela, sobretudo da alta-roda: decerto a receberam com frieza.

— O senhor não viu ninguém hoje na casa delas?

— Pelo contrário, houve um ajudante de campo, um oficial da guarda imperial, todo rígido, e uma dama recém-chegada, parenta da princesa por parte do seu marido, muito bonita, mas, ao que parece, muito doente... Será que o senhor não a encontrou perto do poço? É uma loura de estatura mediana, com feições regulares e tez tísica, além de uma pintinha preta na face direita: o rosto dela me impressionou com sua expressividade.

— Uma pintinha? — murmurei por entre os dentes. — Será mesmo?

O doutor olhou para mim e disse, num tom solene, pondo a mão em meu coração: "O senhor a conhece". E, realmente, meu coração batia mais forte do que de praxe.

— Agora é sua vez de triunfar! — disse eu. — Mas estou contando com o senhor: veja se não me trai. Ainda não a vi, mas tenho a certeza de reconhecer, nesse seu retrato, uma mulher que amei outrora... Não diga a ela sequer uma palavra a meu respeito e, se ela perguntar, fale mal de mim.

— Está certo — disse Werner, dando de ombros.

Quando ele se retirou, foi uma tristeza horrível que me apertou o coração.

Era o destino que nos unia outra vez no Cáucaso, ou ela viera aqui de propósito, por saber que se depararia comigo? E como nos encontraríamos... e depois, seria mesmo ela?... Meus pressentimentos nunca me tinham enganado. Não há outro homem no mundo sobre o qual o passado tenha adquirido o mesmo poder que sobre mim: qualquer lembrança de uma tristeza ou alegria passada tange dolorosamente minha alma e extrai dela os mesmos sons de sempre – fui moldado de forma estúpida... não me esqueço de nada, de nada!

Após o almoço, por volta das seis horas, fui ao bulevar: havia uma multidão ali; a princesa e a princesinha estavam sentadas num banco, rodeadas de jovens que as galanteavam à porfia. Acomodei-me a certa distância, num outro banco, parei dois oficiais do regimento de D., que conhecia, e comecei a contar-lhes alguma coisa. Decerto era algo engraçado, porquanto os dois se puseram a gargalhar que nem loucos. A curiosidade atraiu a mim alguns dos jovens que rodeavam a princesinha; pouco a pouco, todos a abandonaram e se juntaram ao meu grupelho. Eu não me calava mais; minhas anedotas eram inteligentes até a tolice, minhas zombarias, referentes aos esquisitões que passavam por perto, eram mordazes até o frenesi... Continuei a divertir o público até o sol se pôr. Algumas vezes, a princesinha passou ao meu lado, de braços dados com sua mãe, acompanhada por um velhinho manco; algumas vezes, seu olhar se fixou em mim, exprimindo desgosto, mas buscando exprimir indiferença...

— O que ele contou aos senhores? — perguntou a um daqueles jovens que tinham voltado, por mera cortesia, para junto dela. — Seria uma história muito interessante, algo sobre as proezas dele em combates?... — ela disse aquilo bem alto e, provavelmente, com a intenção de me alfinetar. "Ah-ah!" pensei. "Está zangada para valer, minha querida princesinha. Espere aí, que haverá mais coisas!"

Gruchníski a espiava qual uma fera, sem mais despregar os olhos dela: aposto que amanhã vai pedir a alguém que o apresente à princesa. E ela ficará toda contente, pois anda entediada.

16 de maio

Durante esses dois dias, meus negócios progrediram tremendamente. A princesinha me odeia mesmo: já me relataram dois ou três epigramas que me diziam respeito, bastante cáusticos, mas, ao mesmo tempo, muito lisonjeiros. Ela acha positivamente estranho que eu, tão habituado à boa companhia e tão íntimo das suas primas e tiazinhas petersburguesas, não procure conhecê-la a ela. Encontramo-nos todos os dias, perto do poço e no bulevar; valho-me de todas as minhas forças para distrair seus adoradores – aqueles brilhantes ajudantes de

campo, pálidos moscovitas e outros — e quase sempre me dou bem nisso. Desde sempre, tenho detestado visitas em minha casa, mas agora, todos os dias, minha casa está repleta de gente que almoça, janta, joga... e, ai dela, meu champanhe vem triunfando sobre a força de seus olhinhos magnéticos.

Ontem a encontrei na loja de Tchelákhov: a princesinha negociava um maravilhoso tapete persa. Exortava sua mãezinha a não economizar, pois aquele tapete enfeitaria tanto seu gabinete!... Paguei quarenta rublos a mais e comprei o tapete, sendo agraciado por isso com um olhar em que fulgurava a mais fascinante raiva. Na hora do almoço, mandei, de caso pensado, conduzir meu cavalo circassiano, coberto por aquele tapete, na frente das suas janelas. Werner, que estava na casa delas nesse meio-tempo, contou-me sobre o efeito da tal cena, o mais dramático possível. A princesinha quer arregimentar tropas contra mim; até mesmo notei que já havia dois ajudantes que me cumprimentavam mui secamente em sua presença, embora almoçassem, todo santo dia, em minha casa.

Gruchnítski assumiu um ar belicoso: anda cruzando os braços atrás das costas e não reconhece ninguém; sua perna ficou, de repente, curada, de sorte que ele quase não manca mais. Arranjou uma oportunidade de puxar conversa com a princesa e de dizer algo amável à princesinha; pelo visto, ela não é muito escrupulosa, já que responde, desde então, às medidas dele com o sorriso mais gracioso possível.

— Não quer decididamente conhecer as Ligovskáia? — foi o que ele me disse ontem.

— Decididamente.

— Misericórdia! Mas é a casa mais agradável do balneário! Toda a nata desta sociedade daqui...

— Meu amigo, já estou farto daquela dali! E você mesmo as frequenta?

— Ainda não: falei com a princesinha umas duas vezes ou mais, só que fico assim, meio sem graça, para pedir que elas me recebam em sua casa, ainda que seja algo comum por aqui, sabe? Se usasse dragonas, aí sim, seria outra coisa...

— Nada disso, você é bem mais interessante sem elas! Apenas não sabe aproveitar a sua situação proveitosa: é que, aos olhos de qualquer senhorita sensível, esse capote de soldado raso faz de você um herói, um mártir!

Gruchnítski sorriu com presunção.

— Que bobagem! — disse.

— Tenho a certeza — continuei — de que a princesinha já está apaixonada por você.

Ele ficou todo rubro e carrancudo.

Ó, amor-próprio, tu és aquela alavanca com que Arquimedes queria soerguer

o globo terrestre!⁹¹

— Aí com você, só há brincadeiras! — disse, fazendo de conta que estava zangado. — Em primeiro lugar, ela me conhece ainda tão pouco...

— As mulheres só amam a quem não conheçam.

— E nem sequer tenho a pretensão de lhe agradecer a ela: apenas quero conhecer uma família agradável, e, se tivesse algumas esperanças, seria muito ridículo... Mas vocês, por exemplo, são outro assunto! Basta só olharem para que as mulheres se derretam por vocês, esses vencedores petersburguenses... Será que sabe, Petchórin, que a princesinha falou de você?

— Como assim? Ela já falou com você sobre mim?

— Mas não se anime! Certa vez, puxei conversa com ela perto do poço, por mero acaso, e a terceira palavra dela foi: "Quem é aquele senhor que tem um olhar tão pesado e desagradável? Ele esteve com o senhor no dia...". Ela enrubesceu e não quis dizer qual dia fora, lembrando-se daquele seu rasgo charmoso. "A senhorita não precisa dizer qual dia foi", respondi-lhe, "que ele me será eternamente memorável". Não o felicito, pois, meu amigo Petchórin, que ela o vê com maus olhos... Mas juro que é pena mesmo, pois Mary é encantadora!

Cabe notar que Gruchnítski é um daqueles homens que chamam uma mulher quase desconhecida de *minha Mary*, de *ma Sophie*, se ela teve a sorte de atraí-los.

Assumi um ar grave e lhe respondi:

— Pois bem: não é nada má... Apenas veja, Gruchnítski, se toma cuidado! A maioria das donzelas russas só se alimenta de amor platônico, sem misturar a ele a ideia de matrimônio, e o amor platônico é o mais turbulento de todos. Parece que a princesinha é uma daquelas mulheres que querem ser entretidas: se ficar entediada ao seu lado por dois minutos a fio, você estará irremediavelmente perdido; seu silêncio tem de excitar a curiosidade dela, mas sua conversa nunca deve satisfazer essa curiosidade a pleno; cumpre a você inquietá-la a cada minuto; ela negligenciará a opinião pública por você, dez vezes e a olhos vistos, chamará isso de um sacrifício seu e, para se recompensar por um sacrifício desses, vai atormentá-lo e depois simplesmente dirá que o detesta! Se não tiver adquirido poder sobre ela, nem mesmo seu primeiro beijo lhe dará o direito ao segundo; ela vai coquetear com você até dizer chega e se casará, uns dois anos depois, com um mostrengo qualquer, por submissão à sua mãezinha, e viverá convencendo a si própria de estar infeliz, de ter amado um único homem, quer dizer, você, de que o céu não quis, entretanto, uni-la àquele homem, porque ele usava um capote de soldado raso, nem que houvesse um coração nobre e passional a bater debaixo daquele grosso capote cinza...

Gruchnitski deu uma punhada na mesa e se pôs a andar, de lá para cá, pelo quarto.

Dei uma gargalhada no íntimo e até mesmo sorri umas duas vezes, mas ele, por sorte, não reparou nisso. É óbvio que está apaixonado, pois ficou ainda mais crédulo do que antes; passou, inclusive, a usar um anel de prata com esmalte preto, fabricado aqui. Esse anel me pareceu suspeito; comecei a examiná-lo, e o que foi que descobri? O nome de *Mary* estava burilado, em letras miúdas, sobre o lado interno dele, com a data daquele dia em que ela apanhara o famoso copo. Ocultei minha descoberta, já que não quero tirar-lhe confidências: quero que ele mesmo me escolha como seu confidente, pois é bem então que vou deliciar-me!

Hoje me levantei tarde; fui até o poço, mas não havia mais ninguém lá. O calor vinha aumentando; as nuvenzinhas brancas, encrespadas, corriam rapidamente do lado das montanhas nevadas, prometendo uma tempestade; o topo do Machuk fumegava qual uma tocha apagada; em volta dele rastejavam e se enroscavam, como serpentes, as nesgas de nuvens cinzentas, detidas em seu ímpeto como se ficassem presas aos arbustos espinhosos daquele monte. O ar estava embebido de eletricidade. Aprofundei-me numa alameda de vinhas, que levava para uma gruta; sentia-me triste. Pensava naquela jovem com uma pintinha na face, sobre a qual me havia falado o médico. "Por que ela está aqui? Será ela mesma? E por que estou pensando que é ela... e por que tenho mesmo tanta certeza disso? Seriam poucas as mulheres que têm pintinhas nas faces?" Raciocinando dessa maneira, aproximei-me da gruta. Vi uma mulher de chapeuzinho de palha, envolta num xale negro, que estava sentada à sombra friacha de sua abóbada, num banco de pedra, abaixando a cabeça até o peito, de modo que o chapeuzinho lhe encobria o rosto. Já me dispunha a tomar o caminho de volta, para não perturbar os devaneios daquela mulher, quando ela olhou para mim.

— Vera! — exclamei sem querer.

Ela estremeceu e ficou pálida.

— Sabia que o senhor estava aqui — disse.

Sentei-me ao lado dela e lhe segurei a mão: foi uma vibração esquecida havia tempos que me percorreu as veias com o som daquela voz amada. Ela me encarou com seus olhos profundos e calmos, nos quais se expressavam sua desconfiança e algo semelhante a um reproche.

— Faz muito tempo que não nos vemos — disse eu.

— Faz mesmo... e ambos mudamos muito!

— Quer dizer que você não me ama mais?...

— Estou casada — disse ela.

— De novo? Só que o mesmo pretexto já existiu há alguns anos, porém...

Ela arrancou sua mão da minha, e suas faces ficaram ardendo.

— Talvez esteja amando seu segundo marido? Sem responder, ela me virou as costas.

— Ou ele é muito ciumento?

Silêncio.

— Pois então? Ele é jovem, bonito, decerto sobremaneira rico, e você teme que... — Olhei de relance para ela e levei um susto: seu rosto exprimia um desespero profundo, as lágrimas brilhavam em seus olhos.

— Diga-me enfim — sussurrou ela —: você se alegra muito quando me tortura? Eu deveria odiá-lo; desde que nos conhecemos, você não me tem dado nada que não seja sofrimento... — Sua voz ficou trêmula; ela se inclinou em minha direção e pôs a cabeça sobre meu peito.

"Talvez seja exatamente por isso", pensei, "que você me amou: as alegrias se esquecem, mas os pesares, nunca!..."

Abracei-a com força, e assim nos quedamos por muito tempo. Afinal, nossos lábios se aproximaram e se fundiram num beijo caloroso e deleitoso; suas mãos estavam frias que nem gelo, sua cabeça ardia. Então se travou entre nós uma daquelas conversas que não fazem sentido no papel, que não podem ser repetidas nem sequer decoradas: o significado dos sons substitui e complementa nelas o das palavras, como numa ópera italiana.

Decididamente, ela não quer que eu conheça seu marido, aquele velhinho manco que vi, de passagem, no bulevar: casou-se com ele por causa de seu filho. Aquele marido é rico e sofre de reumatismos. Não me permiti nenhuma galhofa no tocante a ele: Vera o respeita como um pai e vai enganá-lo como um marido!... Que coisa estranha é o coração humano, em geral, e o feminino, em particular!

O marido de Vera, Semion Vassílievitch G-v, é um contraparente da princesa Ligovskáia. Está morando ao lado dela, e Vera visita amiúde a princesa; dei-lhe minha palavra de honra de que me apresentaria às Ligovskáia e passaria a cortejar a princesinha para desviar a atenção dela mesma. Destarte, meus planos não se desarranjaram nem um pouco, e meu passatempo será alegre!

Alegre, sim!... Já atravessei aquele período da vida espiritual em que só se procura pela felicidade quando o coração sente necessidade de amar a alguém forte e passionadamente; agora só quero ser amado, e amado por bem poucas pessoas; até me parece que apenas um afeto constante me bastaria: eis um hábito lastimável do meu coração!...

Só uma coisa me tem sido, desde sempre, estranha: jamais me tornei escravo

de uma mulher amada; pelo contrário, sempre adquiri, sem nenhum esforço especial, um poder invencível sobre a vontade e o coração de todas aquelas mulheres. Por que será? Porque nunca dou muito valor a nada e por elas terem, a cada minuto, medo de me deixar escapar das suas mãos? Ou será um influxo magnético do meu organismo robusto? Ou simplesmente não consegui encontrar uma mulher cuja índole fosse pertinaz?

Tenho de confessar que, de fato, não gosto de mulheres com aquele gênio forte: não combina mesmo com elas!

É verdade, acabo de me lembrar disso: uma vez, uma única vez é que amei uma mulher que tinha uma vontade firme, que eu nunca pudera vencer... Separamo-nos como inimigos; aliás, se a encontrasse cinco anos mais tarde, haveríamos de nos separar, quem sabe, de outra maneira...

Vera está doente, muito doente, se bem que não o confesse; receio que esteja com tísica ou com aquela moléstia que chamam de *fièvre lente*⁹², uma enfermidade nada russa que não tem nome em nossa língua.

A tempestade nos surpreendeu na gruta e nos reteve lá por meia hora a mais. Vera não me fez jurar fidelidade nem me perguntou se tinha amado outras mulheres depois de nos separarmos... Fiou-se em mim novamente, com a levandade de antes, e não vou enganá-la: é a única mulher neste mundo que não seria capaz de enganar. Sei que logo nos separaremos de novo e, talvez, para todo o sempre, seguindo ambos nossos caminhos distintos até a cova, porém a lembrança dela permanecerá intocável em minha alma: sempre lhe repeti isso, e ela acredita em mim, conquanto diga o contrário.

Enfim nos separamos; por muito tempo, acompanhei-a com o olhar, até seu chapeuzinho sumir atrás dos arbustos e rochedos. Meu coração se contraiu dolorosamente, como após a primeira separação. Oh, como me alegrei com essa sensação! Seria a juventude, com suas tormentas benéficas, que queria voltar outra vez para mim, ou tão somente o último olhar dela, seu presente de despedida que eu guardaria como lembrança?... Aliás, é engraçado pensar que ainda aparento ser um garoto: meu rosto, embora pálido, ainda está fresco; meus membros são elásticos e esbeltos; meus cachos espessos se encrespam, meus olhos fulgem, meu sangue ferve...

Ao voltar para casa, montei meu cavalo e fui galopando estepe adentro: gosto de cavalgar pela relva alta, montado num cavalo fogoso, de encontro ao vento desértico; trago avidamente aquele ar perfumado e lanço olhares para aquela imensidão azul, buscando captar os vagos contornos dos objetos que se tornam mais nítidos a cada minuto. Seja qual for a tristeza que me pese no coração, seja qual for a inquietude que me aflija a mente, tudo se dissipa num só minuto, e

minha alma fica aliviada, e a fadiga do corpo vem a sobrepujar a angústia mental. Não há olhar feminino de que não me esqueça vendo aquelas montanhas frondosas, iluminadas pelo sol meridional, vendo aquele céu azul ou ouvindo o ruído de uma torrente que cai de penhasco em penhasco.

Acredito que os cossacos a bocejarem em suas *torrezinhas*, que me viram cavalgar sem necessidade nem objetivo, passaram muito tempo atormentados por esse enigma, pois certamente me tomaram, a julgar pelas minhas roupas, por um circassiano. E, de fato, já me haviam dito que, uma vez a cavalo e com um traje circassiano, eu parecia um cabardino mais do que muitos cabardinos. E sou realmente, no que diz respeito a este meu nobre traje bélico, um dândi⁹³ rematado: nem um galão que seja supérfluo; as armas valiosas, mas com um acabamento simples; as felpas da *chapka* não muito compridas nem muito curtas; as perneiras e botas ajustadas com toda a precisão possível; um *bechmet* branco, uma camisa circassiana marrom-escura. Passei muito tempo estudando a postura dos montanheses em sela, e nada pode lisonjear meu amor-próprio mais do que o reconhecimento da minha arte de montar à caucasiana. Mantenho quatro cavalos, um para mim mesmo e outros três para meus companheiros, para não me entediar perambulando sozinho pelos campos; eles se comprazem em pegar meus cavalos emprestados, mas nunca vão cavalgar comigo. Já eram seis horas da tarde quando me recordei de que estava na hora de almoçar; meu cavalo ficara exausto; enveredei pela estrada que levava de Piatigorsk para uma colônia alemã, aonde a sociedade balnear ia volta e meia *en piquenique*⁹⁴. A estrada passa, sinuosa que é, por entre os arbustos, descendo para algumas pequenas ravinas onde correm, à sombra de altas ervas, riachos ruidosos; os gigantes azuis do Bechtu e das montanhas Zmeínaia, Jelêznaia e Lýssaia⁹⁵ elevam-se ao redor qual um anfiteatro. Ao descer numa daquelas ravinas, chamadas de *balkas* no linguajar daqui, detive-me para dar água ao meu cavalo; nesse ínterim, foi uma cavalgada brilhante e barulhenta que apareceu na estrada – damas de Amazonas⁹⁶ pretas e azul-claras, cavaleiros de trajes a representar uma mescla da Circássia e de Níjny-Nóvgorod⁹⁷, com Gruchnítski e a princesinha Mary à frente.

Nos balneários, as damas ainda acreditam naqueles ataques dos circassianos em plena luz do dia; decerto fora por isso que Gruchnítski pendurara uma *chachka* e um par de pistolas por cima do seu capote de soldado raso, ficando bastante ridículo com tais apetrechos de herói. Uma alta moita me separava deles, porém, através das suas folhas, eu pude ver tudo e adivinhar, pelas expressões de seus rostos, que levavam uma conversa sentimental. Acercaram-se finalmente da descida; Gruchnítski segurou o cavalo da princesinha pela brida, e foi então que ouvi o final dessa sua conversa:

— E o senhor pretende passar a vida inteira no Cáucaso? — dizia a princesinha.

— O que é a Rússia para mim? — respondia seu cavalheiro. — Um país onde milhares de pessoas hão de me encarar com desprezo por serem mais ricas do que eu, enquanto aqui... aqui este grosso capote não me impediu de conhecê-la...

— Pelo contrário... — disse a princesinha, enrubescendo.

O rosto de Gruchnítski exprimiu um prazer. Ele prosseguiu:

— Aqui minha vida fluirá imperceptível, agitada e célere sob as balas daqueles selvagens, e, se todo ano Deus me concedesse um sereno olhar feminino, um só, parecido com...

Nesse meio-tempo, eles emparelharam comigo; fustiguei meu cavalo e saí de trás da moita...

— *Mon Dieu, un Circassien* !⁹⁸ — exclamou a princesinha, apavorada.

Para dissuadi-la completamente, respondi em francês, com uma leve mesura:

— *Ne craignez rien, Madame : je ne suis pas plus dangereux que votre cavalier.*⁹⁹

Ela se confundiu, mas por quê? Por causa do seu erro ou porque minha resposta lhe parecera insolente? Eu gostaria que minha última suposição fosse correta. Gruchnítski correu um olhar descontente por mim.

Tarde da noite, ou seja, por volta das onze horas, fui dar um passeio pela alameda de tílias do bulevar. A cidade estava dormindo; apenas nalgumas janelas é que se viam luzes. De três lados negrejavam as cristas dos rochedos, contrafortes do Machuk, em cujo topo jazia uma nuvenzinha ameaçadora; a lua nascia no leste; as montanhas nevadas brilhavam, com suas franjas prateadas, ao longe. Os gritos das sentinelas intercalavam-se no barulho das fontes termais, cujo nível é baixado à noite. De vez em quando, um sonoro tropel de cavalo ressoava pela rua afora, acompanhado pelo ranger de uma arabá¹⁰⁰ nogaica¹⁰¹ e por uma plangente canção tártara. Sentei-me num banco e fiquei pensativo... Sentia necessidade de desabafar meus pensamentos numa conversa amigável... mas com quem? "O que é que Vera está fazendo agora?", pensei. Pagaria bem caro para lhe apertar a mão naquele momento.

De súbito, ouvi passos rápidos e trôpegos... Decerto era Gruchnítski. E era mesmo!

— De onde está vindo?

— Da casa da princesa Ligovskáia — disse ele, todo imponente. — Como Mary canta!...

— Sabe de uma coisa? — disse-lhe eu. — Aposto que ela não sabe que você é um cadete: acha que seja um oficial rebaixado...

— Talvez! O que tenho a ver com isso? — disse ele, distraído.

— Não: só falo nisso assim, por falar...

— E você sabe, por acaso, que a deixou agorinha muito zangada? Achou ter sido uma ousadia inaudita, e me foi difícil persuadi-la de você ser tão bem-educado e conhecer tão bem a sociedade que não podia ter a intenção de ofendê-la. Ela diz que você tem um olhar arrogante, que possui, com certeza, a opinião mais favorável de si mesmo.

— Ela não está enganada... E você não quer porventura defendê-la?

— Lamento que ainda não me caiba tal direito...

"Oh-oh!", pensei eu. "Parece que ele já tem esperanças..."

— De resto, fica pior para você mesmo — prosseguiu Gruchnitski. — Agora lhe será difícil conhecê-las, o que é pena, por ser uma das casas mais agradáveis que jamais conheci...

Sorri no íntimo.

— Agora a casa mais agradável para mim é a minha — disse, bocejando, e me levantei para ir embora.

— Confesse, porém, que está arrependido!

— Que bobagem! Se quiser, estarei na casa da princesa amanhã à noite...

— Veremos!

— Até mesmo vou, para agradar a você, cortejar a princesinha...

— Vai, se ela quiser falar com você!

— Esperarei apenas por aquele momento em que sua conversa a deixará entediada... Adeus!

— E eu vou andar por ali, que agora não dormirei por nada no mundo... Escute: é melhor irmos ao restaurante onde há jogo... hoje preciso de sensações fortes...

— Desejo que você perca no jogo! Fui para casa.

21 de maio

Quase uma semana se passou, mas ainda não conheci as Ligovskáia. Espero por uma oportunidade. Gruchnitski acompanha a princesinha por toda parte, tal e qual uma sombra; suas conversas são intermináveis: quando é que ele a deixará entediada?... A mãe dela não dá atenção a tanto, visto que *não é um noivo*. Esta é a lógica das mães! Reparei em dois ou três olhares ternos: é preciso acabar com isso.

Ontem Vera apareceu, pela primeira vez, perto do poço... Não saía de casa desde que nos encontráramos naquela gruta. Abaixamos nossos copos ao mesmo tempo, e ela me cochichou ao inclinar-se:

— Você não quer conhecer as Ligovskáia, quer? Só ali é que poderemos ver-nos...

Um reproche... que tédio! No entanto, eu o mereci.

A propósito: haverá um baile por assinatura amanhã, na sala do restaurante, e vou dançar mazurca¹⁰² com a princesinha.

22 de maio

A sala do restaurante transformou-se na de uma assembleia fidalga. Todos se reuniram às nove horas. A princesa e sua filha foram umas das últimas a chegar; muitas damas olharam para a princesinha Mary com inveja e malevolência, porque ela se veste com gosto. Aquelas que se consideram aristocratas locais ocultaram sua inveja e se achegaram a ela. O que fazer? Onde houver uma companhia feminina, logo se formam os círculos superior e inferior. Postado sob a janela, no meio de uma multidão, Gruchnitski apertava o rosto à vidraça e não despregava os olhos da sua deusa; passando por perto, ela inclinou a cabeça, de modo quase imperceptível, em sua direção. Ele refulgiu como o sol... A primeira das danças foi a polonesa, depois passaram a tocar uma valsa. As esporas foram tinindo, as abas se soergueram girando.

Fiquei plantado atrás de uma dama gorda, ensombrada por uma plumagem rosa; a opulência de seu vestido lembrava os tempos das anquinhas¹⁰³, e sua pele nada lisa e toda variegada, a época feliz das pintas de tafetá negro, enquanto a maior das suas verrugas, bem no pescoço, estava velada por um *fermoir*¹⁰⁴. Ela dizia a um capitão de dragões, seu cavalheiro:

— Aquela princesinha Ligovskáia é uma garota insuportável! Imagine só: ela me empurrou sem pedir desculpas e, ainda por cima, virou-se e olhou para mim através do lornhão... *C'est impayable* !¹⁰⁵ De que é que se orgulha tanto assim? A gente teria de lhe dar uma lição...

— Não seria muito difícil! — respondeu o capitão solícito, indo a outro cômodo.

Logo me acerquei da princesinha, convidando-a a valsarmos para aproveitar a liberdade dos costumes locais que permitem dançar com damas desconhecidas.

Ela mal conseguiu forçar a si mesma a não sorrir e a dissimular seu júbilo, chegando, porém, logo em seguida a assumir um ar totalmente indiferente e até mesmo severo: pôs, com um gesto negligente, a mão sobre meu ombro, inclinou de leve a cabecinha para o lado, e fomos dançando. Não conheço uma cintura que seja mais elástica e voluptuosa! Seu fresco alento tocava em meu rosto; de vez em quando, um cacho se desprendia, naquele turbilhão da valsa, dos seus companheiros e deslizava pela minha face ardente... Dancei três vezes com ela. (A

princesinha valsa admiravelmente bem.) Ela ficou ofegante, seus olhos se turvaram, seus labiozinhos soabertos mal conseguiram sussurrar o necessário « *merci, Monsieur* »¹⁰⁶.

Após vários minutos de silêncio, disse-lhe ao tomar o mais submisso dos ares:

— Ouvi dizerem, princesa, que, mesmo sem a senhorita me ter conhecido, eu já tivera a desgraça de merecer seu desfavor... que a senhorita me teria achado insolente... seria a verdade?

— E o senhor gostaria de reforçar agora esta opinião minha? — respondeu ela com um esgarzinho irônico, de resto, bem conveniente à sua fisionomia animada.

— Se é que tive a ousadia de ofendê-la de alguma forma, permita-me ser mais ousado ainda em pedir-lhe perdão... E desejaria muito, palavra de honra, provar à senhorita que estava enganada a meu respeito...

— Isso lhe será bastante difícil...

— Mas por quê?

— Porque o senhor não nos visita, e tais bailes não serão provavelmente tão frequentes assim.

"Isso significa", pensei, "que suas portas me estão vedadas para sempre!"

— Sabe, princesa — disse, com certo desgosto —: não se deve jamais repelir um criminoso arrependido, pois ele pode tornar-se, por desespero, duplamente criminoso, e então...

As risadas e os cochichos das pessoas que nos rodeavam fizeram que me virasse ao interromper minha frase. A alguns passos de mim se mantinha um grupo de homens, no meio dos quais estava aquele capitão de dragões que revelara suas intenções hostis contra a charmosa princesinha: sobremodo contente com algo, ele esfregava as mãos, gargalhava e trocava piscadelas com seus companheiros. De súbito, um senhor encasacado, de bigode comprido e carantonha vermelha, separou-se daquele grupo e se dirigiu, a passos trôpegos, direto à princesinha: estava embriagado. Parando defronte à moça, que ficara confusa, e cruzando as mãos atrás das costas, fixou seus olhos, cinzentos de tão turvos, nela e proferiu com um tiple¹⁰⁷ enrouquecido:

— *Permettez...*¹⁰⁸ pois bem: nada de cerimônias! Apenas a convido para uma mazurca...

— O que o senhor deseja? — replicou ela com uma voz trêmula, correndo um olhar suplicante ao seu redor. Ai dela: sua mãe estava longe, e não havia nenhum dos cavalheiros que ela conhecia por perto; um dos ajudantes de campo aparentou ter visto aquilo tudo, mas se escondeu atrás da multidão para não se meter em semelhante história.

— Pois então? — disse o senhor embriagado, piscando para o capitão de dragões que o encorajava com gestos. — Será que a senhorita não deseja?... Pois tenho de novo a honra de convidá-la *pour mazure*¹⁰⁹... Talvez a senhorita ache que eu esteja bêbado? Não faz mal!... Fico muito mais solto assim: posso assegurar-lhe...

Percebi que ela estava prestes a desmaiar de medo e de indignação.

Aproximei-me daquele senhor bêbado, segurei-lhe, com bastante força, o braço e, olhando atentamente em seus olhos, pedi que se retirasse, porquanto, acrescentei, a princesinha tinha prometido, já havia muito tempo, que dançaria a mazurca comigo.

— Pois bem: nada a fazer!... Da próxima vez... — disse ele, rindo, e se afastou rumo aos seus companheiros levemente envergonhados, os quais logo o levaram para outro cômodo.

Fui recompensado com um olhar profundo... maravilhoso.

A princesinha se achegou à sua mãe e lhe contou tudo; a princesa me encontrou no meio da multidão e me agradeceu. Declarou-me ter conhecido minha mãe e ser amiga de meia dúzia de minhas tias.

— Não sei como aconteceu que até agora não nos conhecíamos — adicionou. — Mas confesse que o senhor é o único culpado disso: anda evitando todo mundo de uma maneira que não se parece com nada. Espero que o ar do meu salão acabe dissipando esse seu esplim¹¹⁰... não é mesmo?

Disse-lhe uma daquelas frases que qualquer um deveria guardar preparadas para um caso desses.

As quadrilhas foram terrivelmente longas.

Afinal, a música veio ribombando da galeria, e ficamos, a princesinha e eu, sentados.

Não fiz nenhuma alusão àquele senhor bêbado, nem à minha conduta de antes, nem a Gruchnítski. A impressão que lhe causara a cena desagradável esvaiu-se aos poucos; seu rostinho ficou risonho, passando ela a agradecer mui gentilmente; sua conversa era espirituosa, embora sem a pretensão de sê-lo, viva e desenvolta, suas observações chegavam, vez por outra, a ser profundas... Dei-lhe a entender, mediante uma frase bem intrincada, que gostava muito dela. A moça inclinou a cabecinha e se ruborizou de leve.

— É um homem estranho! — disse a seguir, reerguendo seus olhos aveludados e olhando para mim com um riso forçado.

— Não queria conhecê-la — prossegui — porque a multidão de admiradores que a rodeia é demasiado densa e por temer que me perdesse completamente no meio dela.

— Andou temendo à toa! Eles todos são tão enfadonhos...

— Todos? Seriam todos mesmo?

Ela me fitou com atenção, como se buscasse relembrar algo, depois tornou a ruborizar-se de leve e, finalmente, pronunciou num tom resolutivo: "*Todos!*"

— Até mesmo meu amigo Gruchnítski?

— Ele é seu amigo? — disse ela, manifestando certa dúvida.

— Sim.

— Por certo, ele não entra nessa categoria de enfadonhos...

— Mas na de infelizes — disse eu, rindo.

— Com certeza! E o senhor está rindo? Pois eu gostaria que estivesse no lugar dele...

— Pois bem! Eu mesmo outrora fui um cadete e juro que foi a melhor época da minha vida!

— Ele é um cadete?... — disse ela, rapidamente, e depois acrescentou: — Mas eu achava...

— O que a senhorita achava?

— Nada!... Quem é aquela dama?

Então a conversa mudou de rumo e não retornou mais àquele assunto.

Eis que a mazurca terminou, e nos despedimos: "até a vista". As damas foram embora... Fui jantar e encontrei Werner.

— Ah-ah! — disse ele. — Aí está o senhor! Só que não queria conhecer a princesinha de outra maneira senão ao salvá-la de uma morte iminente.

— Fiz algo melhor — respondi-lhe —: salvei-a de um desmaio no baile!

— Como assim? Conte-me!

— Não, veja se o adivinha... ó, senhor que adivinha tudo neste mundo!

23 de maio

Por volta das sete horas da noite, estive passeando pelo bulevar. Gruchnítski, que me vira de longe, aproximou-se de mim: era certo êxtase ridículo que fulgia em seus olhos. Apertou-me fortemente a mão e disse, com uma voz trágica:

— Agradeço-lhe, Petchórin... Será que me entende?

— Não, mas, em todo caso, não vale a pena agradecer — respondi, certamente não tendo nenhuma boa ação na consciência.

— Como assim? E ontem: será que já esqueceu?... Mary me contou tudo...

— Pois agora vocês já têm tudo em comum, hein? Até mesmo a gratidão?

— Escute — disse Gruchnítski, bem imponente —: veja se não caçoa do meu amor, por favor, se quiser continuar sendo um amigo meu... Eu a amo até a loucura — percebe? — e acredito, espero que ela também me ame... Tenho um

pedido a fazer-lhe, pois estará na casa delas hoje à noite: prometa-me reparar em tudo! Sei que você é experiente naquelas coisas, que conhece as mulheres melhor do que eu... As mulheres, oh, as mulheres! Quem é que as compreende? Seus sorrisos contradizem seus olhares, suas falas prometem e atraem, mas o som de suas vozes repele... Ora abrangem e adivinham, num só minuto, o pensamento mais secreto da gente, ora não entendem as alusões mais claras... A princesinha, por exemplo: ontem seus olhos ardiam de paixão, quando se detinham em mim, mas hoje estão baços e frios...

— Talvez seja algum efeito das águas medicinais — respondi.

— Vê o lado ruim em tudo, seu materialista! — acrescentou ele, com desdém. — Aliás, vamos mudar de matéria... — E, contente com seu trocadilho canhestro, ficou alegre.

Por volta das nove horas, fomos juntos à casa da princesa.

Passando rente às janelas de Vera, vi-a perto de uma delas. Trocamos um olhar fugidio. Ela entrou na sala de estar das Ligovskáia pouco depois de nós. A princesa me apresentou a ela como a uma parenta sua. Tomamos chá; houve muitos convidados; a conversa foi geral. Procurei agradar à princesa, graciejei e fi-la, diversas vezes, rir com vontade; a princesinha também quis, mais de uma vez, dar uma gargalhada, mas se conteve para não abandonar o papel assumido: ela acha que a languidez lhe cai bem e talvez não esteja errada. Parece que Gruchnítski anda muito contente de minha jovialidade não a contagiar a ela.

Após o chá, fomos todos ao salão.

— Está contente com minha obediência, Vera? — disse eu, ao passar perto dela.

Vera me lançou um olhar cheio de amor e de gratidão. Estou acostumado a tais olhares, mas outrora eles foram minha bem-aventurança. A princesa fez sua filha se sentar ao forte-piano; todos lhe pediram que cantasse alguma coisa; calado como estava, aproveitei a agitação e me afastei até a janela com Vera, que queria dizer-me algo bem importante para nós dois. Na verdade, era uma bobagem...

Enquanto isso, a princesinha ficou contrariada com minha indiferença: adivinhei-o com um só olhar zangado e brilhante dela... Oh, mas entendo perfeitamente uma conversa dessas, muda, mas expressiva, breve, mas intensa!...

A princesinha se pôs a cantar: sua voz não é nada má, porém ela canta mal... de resto, não a escutei. Gruchnítski, em compensação, devorava-a com os olhos, acotovelando-se no piano em sua frente, e dizia, a cada minuto, a meia-voz: « *Charmant ! Délicieux !* »¹¹¹.

— Escute — dizia-me Vera —: não quero que você conheça meu marido,

mas lhe cumpre agradecer sem falta à princesa. É fácil para você: pode tudo quanto quiser. Vamos encontrar-nos somente aqui...

— Somente?

Ela enrubescceu e continuou:

— Você sabe que sou sua escrava; nunca soube resistir a você... e serei castigada por isso: você deixará de me amar! Quero, pelo menos, preservar a minha reputação... mas não para mim mesma, e você sabe muito bem disso! Oh, eu lhe peço: não me atormente, como antes, com essas vãs dúvidas e essa falsa frieza! Pode ser que eu morra daqui a pouco, sinto que estou enfraquecendo dia após dia... mas, apesar disso, não consigo pensar na vida por vir — só penso em você... É que vocês, os homens, não compreendem os gozos do olhar, do aperto de mão... e eu... juro-lhe que sinto, ao atentar para sua voz, tanta beatitude profunda, estranha, que nem os beijos mais ardentes poderiam substituí-la.

Enquanto isso, a princesinha Mary cessou de cantar. Um burburinho elogioso ouviu-se ao seu redor; aproximei-me dela depois de todos e lhe disse, num tom assaz negligente, algo sobre a sua voz.

Ela fez seu esgarzinho, avançando o lábio inferior, e uma vênua muito jocosa.

— Isso me lisonjeia tanto mais — disse — que o senhor nem sequer me escutou... Mas talvez não goste de música?

— Pelo contrário: sobretudo, após o almoço.

— Gruchnítski tem razão em dizer que seus gostos são os mais prosaicos possíveis... e percebo que o senhor gosta de música no aspecto gastronômico...

— Está novamente enganada: não sou nenhum gastrônomo, por ter um estômago horrível. Quanto à música, ela me adormece após o almoço, e dormir após o almoço é salutar, por conseguinte, gosto de música no aspecto medicinal. E à noite, pelo contrário, ela excita demais meus nervos, e me sinto ou demasiado triste ou demasiado alegre. Ambas as coisas são cansativas, quando não há nenhum motivo positivo para ficar triste ou alegre; além do mais, na sociedade a tristeza é ridícula, e a alegria, se for excessiva, é indecente.

Sem me ouvir até o fim, ela se afastou de mim, sentou-se ao lado de Gruchnítski, e uma conversa sentimental se travou entre eles: parecia que a princesinha respondia às sábias frases dele com bastantes distração e desacerto, muito embora se esforçasse para mostrar que o escutava atentamente, porque, de vez em quando, ele a mirava com pasmo, tentando adivinhar a causa daquela emoção íntima que se exprimia, por momentos, em seu olhar inquieto...

Só que a desvendei, minha querida princesinha, portanto tome cuidado! A senhorita quer pagar-me na mesma moeda, alfinetar este meu amor-próprio, mas não vai conseguir e, se acaso me declarar uma guerra, serei implacável!

Ao longo do sarau, várias vezes, tentei de propósito intrometer-me na conversa deles, mas ela recebia minhas réplicas assaz secamente, e acabei por me retirar com um desgosto fingido. A princesinha ficou triunfante, Gruchnitski também. Triunfem, pois, meus amigos, apressem-se... que seu triunfo durará pouco! O que fazer? Tenho um pressentimento... Nunca errei, ao conhecer uma mulher, em adivinhar se ela me amaria ou não...

Passei o resto do sarau ao lado de Vera e falei à farta sobre os velhos tempos. Juro que não sei por que ela me ama tanto! Ainda mais sendo a única mulher que me compreendeu absolutamente, com todas as minhas fraquezas miúdas e paixões perversas... Seria o mal tão atraente assim?

Sáímos juntos, Gruchnitski e eu; uma vez na rua, ele me segurou o braço e, após uma longa pausa, disse:

— Pois então?

"Você é bobo", quis responder-lhe, porém me contive e apenas dei de ombros.

29 de maio

Não me desviei nenhuma vez, nesses dias todos, do meu sistema. A princesinha começa a gostar de minha conversa: contei-lhe alguns dos estranhos casos da minha vida, e ela está para ver em mim um homem extraordinário. Ando zombando de tudo no mundo, especialmente dos sentimentos, e isso começa a assustá-la. Não se atreve a encetar discussões sentimentais com Gruchnitski em minha presença e já respondeu, várias vezes, aos rasgos dele com um sorriso jocoso, porém, cada vez que Gruchnitski se acerca dela, eu tomo um ar resignado e deixo-os a sós: na primeira ocasião, ela ficou contente com isso ou se fingiu de contente; na segunda, zangou-se comigo e, na terceira, com Gruchnitski.

— O senhor tem um amor-próprio ínfimo — disse-me ontem. — Por que está pensando que me sinto mais alegre com Gruchnitski?

Respondi que sacrificava meu próprio prazer à felicidade do meu companheiro...

— E o meu também... — acrescentou ela.

Olhei para ela com atenção e assumi um ar sério. Depois passei o dia inteiro sem trocar meia palavra com ela... Ao anoitecer, estava pensativa, e esta manhã, perto do poço, mais pensativa ainda; quando me aproximei dela, escutava distraidamente Gruchnitski, o qual aparentava empolgar-se com a natureza, mas, tão logo me viu, rompeu a gargalhar (bem fora de propósito), fingindo que nem reparava em mim. Afastei-me o mais longe que pude e passei a observá-la à

sorrelfa; ela virou as costas ao seu interlocutor e bocejou duas vezes.

Decididamente, já se cansou de Gruchnitski.

Não vou falar com ela por dois dias a mais.

3 de junho

Amiúde me pergunto por que procuro, com tanta obstinação, conseguir o amor de uma mocinha que não quero seduzir e com quem nunca me casarei. Para que serve tal coquetice feminina? Vera me ama mais do que a princesinha Mary me amará algum dia; se ela me parecesse uma beldade invencível, aí sim, ficaria talvez empolgado com a dificuldade dessa empresa... Só que não se trata de nada disso! Consequentemente, não é aquela ansiosa necessidade de amar que nos atormenta nos primeiros anos da nossa juventude, jogando-nos de uma mulher para a outra até encontrarmos aquela que nos deteste mesmo: então é que se inicia a nossa constância, uma paixão verdadeira e infinita que se pode expressar matematicamente com uma linha a cair de um ponto para o espaço, consistindo o segredo dessa infinitude apenas em ser impossível atingirmos a meta, isto é, o fim.

Então por que é que me azafamo? Por invejar Gruchnitski? Coitado: ele nem por sombra merece tanto! Ou será uma consequência daquele sentimento ruim, mas insuperável, que nos obriga a aniquilar as doces ilusões do nosso próximo para termos aquele miúdo prazer de lhe dizer, quando ele perguntar, desesperado, em que lhe cumpre acreditar:

— O mesmo me aconteceu a mim, meu amigo, porém está vendo que almoço, janto e durmo com toda a tranquilidade, e espero que consiga morrer sem grito nem choro!

Só que há um deleite imensurável em possuir uma alma jovem, mal desabrochada! Ela é como uma flor cujo melhor aroma se evapora ao encontro do primeiro raio de sol: a gente deve colhê-la neste momento, respirar seu aroma à farta e jogá-la fora numa estrada: quem sabe se alguém não a apanhará. Sinto em meu âmagô esta avidez insaciável que devora tudo o que encontrar pelo caminho; contemplo os sofrimentos e as alegrias de outrem só em sua relação comigo mesmo, como se fosse um pasto a sustentar minhas forças espirituais. Quanto a mim, não sou mais capaz de perpetrar loucuras sob o influxo de uma paixão: minha ambição está abafada pelas circunstâncias, mas se tem revelado sob outra forma, pois a ambição nada mais é senão uma sede de poder, e o primeiro dos meus prazeres consiste em sujeitar tudo o que me rodeia à minha vontade. Suscitar um sentimento de amor, de fidelidade e de medo por si mesmo... não seria o primeiro indício e o maior triunfo do poder? Ser o motivo dos sofrimentos

e das alegrias de alguém sem ter nenhum direito positivo de sê-lo... não seria o alimento mais doce para nosso orgulho? E o que seria a felicidade? Nosso orgulho satisfeito. Se eu me considerasse melhor, mais poderoso do que todos neste mundo, estaria feliz; se todos me amassem, acharia fontes inesgotáveis de amor em mim mesmo. O mal engendra o mal; nosso primeiro sofrimento nos dá uma noção do prazer que teríamos em fazer os outros sofrerem; a ideia do mal não pode entrar na cabeça de um homem sem que ele queira aplicá-la à realidade: as ideias são criaturas orgânicas, segundo disse alguém lá, seu nascimento lhes fornece logo uma forma, e essa forma é uma ação — quem tiver mais ideias nascidas em sua mente age mais do que os outros; é bem por isso que um gênio acorrentado a uma mesa de escritório há de morrer ou de enlouquecer, assim como um homem de compleição robusta, que leva uma vida sedentária e tem costumes frugais, acaba morrendo de apoplexia.

As paixões nada mais são senão as ideias em seu desenvolvimento primário: elas pertencem à juventude do coração, e tolo seria aquele que pretendesse emocionar-se com elas ao longo de sua vida inteira. A fonte de muitos rios calmos fica nas cataratas estrondosas, mas nenhum deles continua saltando nem espumando até desaguar no mar. Contudo, volta e meia, tal calma é o indício de uma força grande, embora oculta: a plenitude e a profundidade dos sentimentos e pensamentos não admitem rompantes frenéticos; sofrendo e deliciando-se, a alma se dá rigorosamente conta de tudo e se convence de que deve ser assim mesmo — sabe que, se não houver tempestades, o constante calor do sol acabará por ressecá-la e se compenetra de sua própria vida, acariciando e punindo a si mesma como uma criança amada. Tão só neste supremo estado de autoconhecimento é que o homem pode estimar a justiça divina.

Relendo esta página, percebo que me afastei muito do meu assunto... Mas o que importa? Escrevo este diário para mim mesmo, e, portanto, tudo o que derramar nele será, com o passar do tempo, uma lembrança valiosa para mim.

Gruchnitski veio e se atirou ao meu pescoço: fora promovido a oficial. Bebemos champanhe. O doutor Werner entrou depois dele.

— Não o parabenizo — disse a Gruchnitski.

— Por quê?

— Porque o capote de soldado raso lhe cai muito bem, e confesse o senhor mesmo que essa farda de infantaria do exército, costurada aqui no balneário, não lhe dará nada de interessante... Até agora foi uma exceção, mas agora se enquadrará na regra geral, está vendo?

— Fale aí, doutor, fale! Não me impedirá de me alegrar. Ele não sabe —

acrescentou Gruchnítiski, falando ao meu ouvido — quantas esperanças me trouxeram estas dragonas... Ó, dragonas, dragonas; ó, suas estrelinhas, essas estrelinhas guias!... Não, mas agora é que estou totalmente feliz!

— Vai passear conosco perto do precipício? — perguntei-lhe.

— Eu? Não me mostrarei à princesinha por nada no mundo, antes que minha farda esteja pronta.

— Manda que eu conte da sua alegria a ela?

— Não, por favor, não lhe conte... Quero surpreendê-la...

— Diga-me, porém, como andam as coisas com ela?

Gruchnítiski se confundiu e ficou pensativo: queria mentir para se gabar, mas estava sem graça e, ao mesmo tempo, com vergonha de reconhecer a verdade.

— O que acha: ela o ama?

— Se ela me ama? Misericórdia, Petchórin: que noções é que você tem! Como poderia, tão cedo assim?... E, nem que me ame mesmo, uma mulher decente não vai dizer uma coisa dessas...

— Está bem! E provavelmente, a seu ver, um homem decente também deve ficar calado a respeito da sua paixão, não deve?

— Eh, mano, mas há jeito de fazer tudo: muita coisa não se diz, mas se adivinha...

— É verdade... Só que o amor que lemos nos olhos não obriga uma mulher a nada, enquanto as palavras... Tome cuidado, Gruchnítiski, que ela anda burlando você...

— Ela? — respondeu ele, erguendo os olhos ao céu e sorrindo com presunção. — Tenho pena de você, Petchórin!...

Foi embora.

De noite, uma turma numerosa foi caminhando até o precipício.

Na opinião dos cientistas locais, tal precipício nada mais é senão uma cratera apagada: ele se encontra na encosta do Machuk, a uma versta da cidade. Uma vereda estreita leva até ele, por entre os arbustos e rochedos; subindo a ladeira, estendi a mão à princesinha, e ela não a soltou mais ao longo de todo o nosso passeio.

Nossa conversa começou pela maledicência: fui arrolando nossos conhecidos presentes e ausentes, mostrando, primeiro, as suas facetas engraçadas, e depois, as ruins. Minha bile ficou agitada; comecei brincando e terminei sinceramente maldoso. De início, aquilo a divertia, mas acabou por assustá-la.

— É um homem perigoso! — disse-me ela. — Antes me disporia a enfrentar a faca de um assassino em plena floresta que essa linguinha sua... Peço-lhe sem brincar: quando tiver a ideia de falar mal de mim, pegue logo uma faca e degole-

me; acredito que isso não lhe será muito difícil.

— Será que me pareço com um assassino?

— O senhor é pior...

Fiquei pensativo por um minuto e depois disse, assumindo um ar profundamente comovido:

— Sim: meu destino tem sido este desde a tenra infância! Todos liam sobre meu rosto os indícios daquelas qualidades ruins que não existiam, porém vinham sendo supostas e acabaram nascendo. Eu era modesto, mas me acusavam de malícia, e me tornei dissimulado. Sentia profundamente o bem e o mal, mas ninguém me acarinhava e todos me ofendiam, então me tornei rancoroso. Andava sombrio enquanto as outras crianças eram alegres e tagarelas; sentia-me acima delas, mas me colocavam abaixo. Tornei-me invejoso. Estava prestes a amar o mundo inteiro, mas ninguém me compreendeu, e aprendi a odiar. Minha juventude incolor transcorreu numa luta comigo mesmo e com a sociedade; enterrei os melhores dos meus sentimentos no fundo do coração, por medo de serem escarnecidos, e foi lá que eles morreram. Dizia a verdade, mas não se acreditava em mim, e passei a mentir; ao conhecer bem a sociedade com suas molas propulsoras, tornei-me versado na ciência da vida e vi como os outros estavam felizes, sem serem versados nela, e desfrutavam de graça daquelas vantagens que eu buscava, tão incansavelmente, conseguir para mim. Foi um desespero que nasceu então em meu peito, não aquele desespero que se cura com o cano de uma pistola, mas um desespero frio, impotente, encoberto com uma amabilidade e um sorriso benévolo. Tornei-me um aleijado moral: metade da minha alma não existia mais — ficou ressecada, evaporou-se, morreu, então a decepei e joguei-a fora —, enquanto a outra metade se movia ainda e vivia em favor de qualquer um, mas ninguém reparou nisso, porque ninguém estava ciente da existência daquela metade que havia perecido, só que agora a senhorita despertou a lembrança dela em mim, e eis que lhe recitei seu epitáfio. Muitos acham ridículos todos os epitáfios em geral, mas eu não, sobretudo ao recordar-me do que jaz embaixo deles. Aliás, não lhe peço que compartilhe a minha opinião: se meu rompante lhe parecer ridículo, ria, por gentileza, mas lhe aviso de que isso não me entristecerá nem um pouco.

Foi nesse momento que encontrei os olhos da princesinha: as lágrimas corriam neles, e sua mão tremia, apoiando-se na minha, e suas faces ardiam... ela sentia pena de mim!

A compaixão, um sentimento ao qual todas as mulheres se submetem com tanta facilidade, cravara as garras em seu coração inexperiente. Durante todo o passeio, ela permaneceu distraída, sem coquetear com ninguém, sendo esse um

dos grandes indícios!

Chegamos ao precipício; as damas deixaram seus cavalheiros, mas ela não soltou minha mão. Os gracejos dos dândis locais não a divertiam; tampouco a assustava a esarpa abrupta junto da qual ela estava postada, enquanto as demais senhoritas guinchavam e cerravam os olhos.

No caminho de volta, não retomei nossa triste conversa, porém, às minhas perguntas ocas e brincadeiras, ela respondia breve e distraidamente.

— A senhorita já amou? — perguntei-lhe, por fim.

Ela olhou para mim com atenção, abanou a cabeça... e tornou a ficar pensativa: era óbvio que queria dizer alguma coisa, mas não sabia por onde começar, e seu peito estava vibrando... O que fazer? A manga de musselina é uma defesa fraca, e eis que uma descarga elétrica passou da minha mão para a sua. Quase todas as paixões começam assim, e frequentemente nos iludimos muito ao pensar que uma mulher nos ama pelos nossos méritos físicos ou morais: decerto eles preparam e predispõem seu coração para aceitar o fogo sagrado, mas, de qualquer maneira, o primeiro toque é decisivo.

— Não é verdade que fui muito amável hoje? — disse-me a princesinha, com um sorriso forçado, quando retornamos do nosso passeio.

Separamo-nos...

Ela está descontente consigo mesma, acusando-se de frieza: oh, mas este é o primeiro e o principal triunfo! Amanhã vai querer recompensar-me. Conheço aquilo tudo de cor e salteado: eis o que me entedia!

4 de junho

Hoje vi Vera. Ela me atenazou com seus ciúmes. Parece que a princesinha teve a ideia de lhe confidenciar seus segredos íntimos: convenhamos que seja uma escolha acertada!

— Estou adivinhando para onde tudo isso leva — disse-me Vera. — É melhor que me diga agora, mui simplesmente, que a ama.

— E se eu não a amar?

— Então por que a persegue, por que a inquieta, por que lhe perturba a imaginação? Oh, mas eu o conheço bem! Escute: se quiser que eu confie em você, vá, daqui a uma semana, a Kislovodsk¹¹² — a gente se mudará para lá depois de amanhã. A princesa passará mais tempo aqui. Alugue um apartamento perto de nós: vamos morar numa casa grande, próxima à fonte, no mezanino; a princesa Ligoivskáia se hospedará no andar de baixo, e outra casa do mesmo dono, que ainda não está ocupada, fica bem ao lado. Irá lá?...

Prometi que iria e, no mesmo dia, mandei alugar aquele apartamento.

Gruchnítski veio à minha casa às seis horas da tarde e anunciou que sua farda estaria pronta no dia seguinte, bem na ocasião do baile.

— Enfim vou dançar com ela a noite toda... Conversarei até me faltar! — acrescentou.

— Quando é que será o baile?

— Mas amanhã mesmo! Será que não sabe? Uma grande festa que a chefia local se encarregou de organizar...

— Vamos ao bulevar...

— De jeito nenhum! Com este capote nojento...

— Como assim? Já deixou de amá-lo?

Fui lá sozinho e, encontrando a princesinha Mary, convidei-a para uma mazurca. Ela pareceu surpresa e animada.

— Achei que o senhor dançasse só por necessidade, como da vez passada... — disse com um sorriso muito gentil.

Ao que parece, não dá a mínima para a ausência de Gruchnítski.

— Amanhã terá uma surpresa agradável — disse-lhe eu.

— Qual?

— É um segredo... uma vez no baile, a senhorita mesma adivinhará.

Terminei a noite na casa da princesa: além de Vera e de um velhinho engraçadíssimo, não havia mais visitas. Inspirado como estava, improvisei diversas histórias extraordinárias; a princesinha ficou sentada em minha frente e escutou minhas bobagens com uma atenção tão profunda, tensa e até mesmo terna que me senti envergonhado. Que fim teriam levado sua vivacidade, sua coqueteria, seus caprichos, sua expressão afoita, seu sorriso desdenhoso, seu olhar distraído?

Vera reparou nisso tudo, e foi uma profunda tristeza que se manifestou em seu rosto doentio; ficou sentada à sombra, perto da janela, imersa numa larga poltrona, e senti pena dela.

Então relatei toda a história dramática de nossa aproximação e de nosso amor, disfarçando aquilo tudo, bem entendido, com nomes fictícios.

Pintei tão vivamente minha ternura, minhas preocupações e meus arroubos, apresentei os feitos e a índole de Vera sob uma luz tão favorável, que ela teve, mesmo sem querer, de me perdoar esse meu coquetear com a princesinha. Ela se levantou, veio sentar-se ao nosso lado, animou-se... e foi apenas às duas horas da madrugada que nos recordamos de os médicos nos mandarem para a cama às onze da noite.

5 de junho

Gruchnítski apareceu em minha casa meia hora antes do baile, em pleno

esplendor de sua farda de infantaria do exército. Ao terceiro botão estava presa uma corrente de bronze, com um lornhão duplo a pender nela; as dragonas de tamanho descomunal estavam dobradas para cima, em forma de asinhas de Amor; suas botas rangiam, ele segurava, com a mão esquerda, as luvas de pelica marrom e o casquete, e, com a direita, erguia seu topete frisado e, a cada minuto, armava-lhe os cachinhos; seu semblante expressava uma presunção e, ao mesmo tempo, certa insegurança; sua aparência festiva e seu andar orgulhoso ter-me-iam feito gargalhar, se tanto fosse conforme minhas intenções.

Ele jogou o casquete e as luvas na mesa e se pôs a puxar as abas e a ajustar seu traje diante do espelho; um enorme lenço preto a envolver um suporte de gravata altíssimo, cujas cerdas lhe sustentavam o queixo, mostrava-se, por meio *verchok*¹¹³, debaixo da sua gola, porém ele achou que não fosse o bastante e puxou-o para cima, até as orelhas; devido a esse trabalho penoso, visto que a gola de sua túnica era bem estreita e incômoda, seu rosto ficou vermelho com o afluxo do sangue.

— Dizem que você fez, nesses dias, uma tremenda corte à minha princesinha, hein? — disse, num tom assaz negligente e sem olhar para mim.

— Como é que nós, estes bobos aqui, beberíamos chá? — respondi, repetindo o ditado predileto de um dos pândegos mais espertos dos velhos tempos, outrora cantado por Púchkin.¹¹⁴

— Diga, pois: será que a farda fica bem em mim? Oh, mas aquele maldito *jid*¹¹⁵... como está machucando nas axilas! Você não teria algum perfume aí?

— Misericórdia! De que mais precisa? Já está, sem isso, fedendo a pomada rosa...

— Não faz mal. Dê-me logo...

Verteu metade do frasco atrás da gravata, sobre o lenço e as mangas.

— Você vai dançar? — perguntou.

— Não acho.

— Receio que me cumpra encetar a mazurca com a princesinha, e eu não conheço quase nenhuma figura...

— Pois você a convidou para a mazurca?

— Ainda não...

— Então veja se não deixa alguém chegar antes...

— De fato — disse ele, batendo em sua testa. — Adeus... vou esperar por ela à saída... — Pegou seu casquete e se foi correndo.

Meia hora depois, eu também fui lá. A rua estava escura e vazia; em volta da assembleia ou da taberna, como quer que se chame aquilo, espremia-se uma multidão; as janelas estavam iluminadas, e o vento noturno trazia os sons da

música regimental aos meus ouvidos. Eu caminhava devagar; sentia-me triste. Consistiria mesmo, pensava, meu único destino na Terra em destruir as esperanças de outrem? Desde que estava vivendo e agindo, o fado sempre me conduzia, de alguma forma, ao desfecho dos dramas alheios, como se ninguém conseguisse nem morrer nem ficar desesperado em minha ausência. Eu era o personagem imprescindível do quinto ato, desempenhando involuntariamente o lamentável papel de carrasco ou de traidor. Que objetivo é que o fado tinha em fazê-lo? Seria eu destinado por ele a tornar-me um autor de tragédias burguesas e de romances de família, ou então um colaborador de quem fornecesse novelas, por exemplo, à "Biblioteca das leituras"¹¹⁶? Como é que saberia?... Não são poucos aqueles homens que pretendem, no começo de sua vida, terminá-la como Alexandre, o Grande, ou Lorde Byron, mas continuam sendo, pela vida afora, servidores públicos de nona classe¹¹⁷.

Ao entrar na sala, escondi-me na multidão de homens e fiquei observando. Postado junto à princesinha, Gruchnítski dizia algo com muito entusiasmo; ela o escutava distraída, olhando para os lados e apertando seu leque aos labiozinhos, seu rosto expressava impaciência, seus olhos procuravam por alguém ao redor; aproximei-me deles às escondidas, por trás, a fim de espiar a sua conversa.

— A senhorita me atormenta, princesa — dizia Gruchnítski —: tem mudado profundamente desde que não a vi mais...

— O senhor também mudou — respondeu ela, lançando-lhe um olhar rápido no qual ele não soube discernir um escárnio oculto.

— Eu? Será que mudei? Oh, nunca! A senhorita sabe que isso é impossível! Quem a viu uma só vez há de levar consigo, para todo o sempre, sua imagem divina...

— Chega disso!

— Por que é que agora não quer ouvir o que escutou, ainda há pouco e tão frequentemente, com benevolência?

— Porque não gosto de repetições — respondeu ela, rindo.

— Oh, mas eu me enganei amargamente!... Achava, ensandecido como estava, que, pelo menos, estas dragonas me dariam o direito de nutrir esperanças... Não: seria melhor ter ficado, pelo resto da minha vida, com aquele desprezível capote de soldado raso ao qual eu devia, quem sabe, a atenção da senhorita...

— Realmente: aquele capote lhe cai bem melhor...

Nesse meio-tempo, eu me acerquei deles e saudei a princesinha com uma mesura; ela enrubesceu de leve e disse rapidamente:

— Não é verdade, *Monsieur* Petchórin, que o capote cinza combina bem

melhor com *Monsieur* Gruchnítski?

— Discordo da senhorita — respondi —: com essa farda, ele parece mais novo ainda.

Gruchnítski não aguentou meu golpe: como todos os garotos, ele tem a pretensão de ser um velho, supondo que os rastros profundos das paixões venham a substituir a marca dos anos em seu semblante. Lançou-me um olhar raivoso, deu uma patada e se afastou de nós.

— Confesse, pois — disse eu à princesinha —, que, muito embora ele sempre tivesse sido bastante ridículo, a senhorita o achava interessante há pouco tempo... com aquele capote cinza...

Ela abaixou os olhos e não respondeu.

Gruchnítski passou a noite inteira perseguindo a princesinha, dançando com ela mesma ou *vis-à-vis*¹¹⁸, devorando-a com os olhos, suspirando e aborrecendo-a com suas súplicas e censuras. Depois da terceira quadrilha, ela já o odiava.

— Não esperava por isso da sua parte — disse ele, aproximando-se de mim e segurando meu braço.

— Pelo quê?

— Vai dançar mazurca com ela? — perguntou ele com uma voz solene. — Ela me confessou...

— E daí? Seria porventura algum segredo?

— Entenda-se bem que me cumpria esperar por isso da parte de uma mocinha... de uma coquete... Pois vou tirar a desforra!

— Inculpe seu capote ou suas dragonas, mas por que a acusaria a ela? Que culpa é que teria em não gostar mais de você?...

— Então por que ela me deu esperanças?

— E por que você ficou esperançoso? Se almejasse e procurasse por algo, ainda daria para entender, mas quem é que anda nutrindo esperanças?

— Você ganhou a aposta, mas não totalmente — disse ele, com um sorriso malvado.

Começou a mazurca. Gruchnítski só escolhia a princesinha, e os demais cavalheiros a escolhiam a cada minuto: era uma conspiração explícita contra mim. Tanto melhor! Ela quer falar comigo, mas está sendo impedida, então vai querer o dobro.

Apertei-lhe, umas duas vezes, a mão; da segunda vez, ela a retirou com força, sem dizer uma só palavra.

— Vou dormir mal esta noite — disse-me quando a mazurca terminou.

— A culpa disso é de Gruchnítski.

— Oh, não! — E seu rosto ficou tão pensativo e tão tristonho que prometi a

mim mesmo, com minha palavra de honra, que lhe beijaria, na mesma noite e sem falta, a mão.

Os convidados iam, um por um, para casa. Acomodando a princesinha em sua carruagem, apertei depressa sua mãozinha aos lábios. Estava escuro, e ninguém pôde vê-lo.

Retornei à sala, muito contente comigo mesmo.

Os jovens estavam jantando a uma mesa grande; Gruchnítski estava no meio deles.

Quando entrei, ficaram todos calados: deu para perceber que se falava de mim. Muitos estão amuados comigo desde o baile passado, em especial o capitão de dragões, e agora, pelo que parece, é toda uma turma hostil que se forma resolutamente contra mim, com Gruchnítski à frente. Ele tem um ar tão altivo e corajoso...

Estou muito contente. Amo meus inimigos, embora não de modo cristão. Eles me divertem, fazem meu sangue se agitar. Ficar sempre alerta, captar cada olhar, o significado de cada palavra, adivinhar as intenções, dismantelar as conspirações, fingir-me de enganado e, de repente, pôr abaixo, com um só empurrão, todo o enorme e trabalhoso edifício de suas artimanhas e de seus desígnios – é bem isso que chamo de viver!

Ao longo do jantar, Gruchnítski ficou cochichando e trocando piscadelas com o capitão de dragões.

6 de junho

Hoje, pela manhã, Vera foi para Kislovodsk com seu marido. Cruzei com a carruagem deles quando ia à casa da princesa Ligovskáia. Ela me saudou inclinando a cabeça; havia um reproche em seu olhar.

De quem, pois, é a culpa? Por que ela não quer conceder-me a possibilidade de me encontrar com ela a sós? O amor é como o fogo: apaga-se quando não alimentado. Tomara que os ciúmes façam o que meus pedidos não puderam fazer.

Passei uma hora inteira sentado na casa da princesa. Mary não saiu: está indisposta. Tampouco foi ao bulevar à noite. A turma recém-formada, armada de lornhões, assumiu realmente um ar ameaçador. Estou contente com a indisposição da princesinha; eles teriam feito alguma afoiteza contra ela. Gruchnítski anda de penteado desfeito, com ares de desespero: parece consternado mesmo; é, sobretudo, o amor-próprio dele que está ofendido, porém há pessoas, no fim das contas, em quem até mesmo o desespero acaba sendo engraçado.

Ao voltar para casa, percebi que algo me fazia falta. *Não a vi! – Ela está doente!*

Será que realmente me apaixonei por ela? Quanta bobagem...

7 de junho

Às onze horas da manhã, na hora em que a princesa Ligoivskáia costuma ficar suando na piscina Yermólovskaja, eu vinha passando por perto da sua casa. Pensativa, a princesinha estava sentada ao lado da janela; quando me viu, levantou-se num pulo.

Entrei na antessala: não havia nenhum criado, e, aproveitando a liberdade dos costumes locais, esgueirei-me sem ser anunciado até a sala de estar.

Uma palidez baça cobria o rosto bonito da princesinha; ela estava postada junto ao forte-piano, apoiando-se, com uma das mãos, no espaldar da sua poltrona, e essa mão tremia um pouco. Acheguei-me, silenciosamente, a ela e disse:

— A senhorita está zangada comigo?...

Ela ergueu os olhos, fixando um olhar lânguido e profundo em mim, e abanou a cabeça; seus lábios queriam dizer algo, mas não conseguiam; seus olhos se encheram de lágrimas, ela se deixou cair na poltrona e tapou o rosto com as mãos.

— O que tem? — disse eu, segurando-lhe a mão.

— O senhor não me respeita!... Oh, deixe-me!...

Dei alguns passos... Ela se empertigou em sua poltrona, seus olhos fulgiram.

Parei, com a mão na maçaneta da porta, e disse:

— Perdoe-me, princesa! Agi como um louco... isso não vai acontecer de novo, que tomarei minhas providências!... Por que a senhorita precisaria saber o que se passava, até agora, em minha alma? Jamais saberá disso, e tanto melhor para a senhorita. Adeus.

Parece-me que a ouvi chorar quando me retirava.

Perambulei caminhando pelas redondezas do Machuk até o anoitecer, cansei-me demais e, uma vez em casa, atirei-me sobre a cama, totalmente esgotado.

Foi Werner que me visitou de passagem.

— É verdade — perguntou — que o senhor está para se casar com a princesinha Ligoivskáia?

— Por quê?

— A cidade toda fala disso: todos os meus pacientes estão ocupados com essa notícia importante, e esses pacientes são um povo tal que sabe de tudo.

"São truques de Gruchnítski!", pensei eu.

— Para lhe provar, doutor, a falsidade de tais rumores, comunico-lhe em segredo que amanhã me mudarei para Kislovodsk...

— E a princesa também?

— Não: ela ficará aqui por mais uma semana...

— Não está, pois, para se casar?...

— Doutor, doutor... olhe só para mim! Será que me pareço com um noivo ou com algo semelhante?

— Não digo isso! Mas o senhor sabe que há casos — acrescentou ele, com um sorriso malicioso — em que um homem nobre tem a obrigação de se casar, e há mãezinhas que, pelo menos, não previnem tais casos... Assim sendo, aconselho-o, como um companheiro seu, a tomar mais cuidado! Cá, no balneário, o ar é perigosíssimo: quantos não foram aqueles belos jovens, dignos de um destino melhor, que vi partirem daqui direto para o altar!... Até mesmo a mim — será que o senhor acredita? — já quiseram casar! Foi, notadamente, uma mãezinha interiorana, cuja filha estava muito pálida. Tive a desgraça de lhe dizer que a moça voltaria a ficar corada depois de casada; então, com lágrimas de gratidão, ela me ofereceu a mão de sua filha e todo o seu patrimônio — cinquenta almas, ao que parece! Contudo, respondi que não era capaz daquilo.

Werner se retirou plenamente seguro de me ter advertido.

Deduzi das suas falas que diversos boatos ruins, concernentes a mim e à princesinha, já estavam circulando pela cidade. Gruchnítski não ficará sem pagar por isso!

10 de junho

Já faz três dias que estou em Kislovodsk. Vejo Vera todo santo dia, perto do poço e na hora do passeio. Pela manhã, tão logo acordo, sento-me junto à janela e aponto meu lornhão para a sacada dela; vestida há muito tempo, Vera espera por um sinal combinado; encontramos-nos, como que por acaso, num jardim que desce, a partir das nossas casas, até o poço. O ar das montanhas, vivificante como ele é, devolveu-lhe a cor saudável e as forças. Não é à toa que Narzan¹¹⁹ se chama "a fonte dos *bogatyr*s"¹²⁰. Os habitantes locais afirmam que o ar de Kislovodsk predispõe ao amor, que os desfechos de todos os romances que jamais começaram ao pé do Machuk têm ocorrido aqui. E, de fato, aqui tudo respira intimidade, está tudo misterioso: e as sombras espessas das alamedas de tílias que se inclinam sobre uma torrente ruidosa e espumosa a cair de degrau em degrau, rasgando caminho por entre as montanhas verdejantes, e os desfiladeiros cheios de neblina e de silêncio, cujos ramos se espalham, a partir daqui, para todos os lados, e o frescor do ar aromático, carregado de emanções das altas ervas meridionais e acácias brancas, e o barulho constante, deliciosamente soporífero dos riachos gelados que se entrecruzam ao fim do vale e correm juntos, à porfia, e acabam

desaguando no rio Podkúmok. Daquele lado, o desfiladeiro fica mais largo e se transforma numa várzea verde, através da qual serpenteia uma estrada poeirenta. Cada vez que olho de relance para ela, parece-me que uma carruagem está chegando, e que uma carinha rosa assoma em sua janela. Já foram muitas as carruagens que passaram pela estrada, mas não aquela. Um arraial situado atrás da fortaleza ficou povoado: no restaurante construído sobre um outeiro, a alguns passos do meu apartamento, começam a surgir, ao anoitecer, diversas luzes vistas através de um duplo renque de álamos; o barulho e o tinir de copos ouvem-se lá até altas horas da noite.

Nenhures se bebem tanto vinho da Caquécia e tanta água mineral como aqui.

Há quem ande a mesclar os dois ofícios,

Mas este não será um dos meus vícios.¹²¹

Diariamente, Gruchnítski fica farreando numa taberna, com sua turma, e quase não me cumprimenta mais.

Chegou apenas ontem, mas já teve bastante tempo para brigar com três velhotes que queriam entrar na piscina antes dele: decididamente, os infortúnios desenvolvem seu espírito bélico.

11 de junho

Enfim elas chegaram. Eu estava sentado perto da janela quando ouvi o barulho de sua carruagem: meu coração estremeceu... O que é isso, hein? Estaria apaixonado mesmo?... Fui moldado de forma tão estúpida que se poderia esperar por isso da minha parte.

Almocei na casa delas. A princesa olha para mim com muita ternura e não se afasta da sua filha: mau sinal! Em compensação, Vera sente ciúmes de mim por causa da princesinha: eis que consegui uma felicidade dessas! O que uma mulher não faria para entristecer sua rival? Lembro-me de uma que me amava porque eu amava a outra! Não há nada de mais paradoxal do que a mente feminina: é difícil convencer as mulheres de alguma coisa – é preciso levá-las a convencerem a si próprias; a ordem das provas com as quais elas aniquilam seus preconceitos é muito original: para aprender a dialética delas, é preciso que a gente ponha abaixo todas as regras escolares de lógica em sua mente.

Este é, por exemplo, um método ordinário: "Tal homem me ama, mas sou casada, portanto não devo amá-lo". E aquele é o método feminino: "Não devo amá-lo, pois estou casada, mas ele me ama, portanto..."; então vêm as reticências, pois o juízo não diz mais nada, mas estão falando, principalmente a língua, os olhos e, depois deles, o coração, se houver um.

E se, algum dia, uma mulher vir por acaso este meu diário? "Que calúnia!",

gritará ela, indignada.

Desde que os poetas escrevem, e que as mulheres os leem (cabendo-lhes por isso uma gratidão profundíssima), tantas vezes elas foram chamadas de anjos que, por singeleza de sua alma, têm realmente acreditado nessa lisonja, esquecendo-se de que os mesmos poetas, por dinheiro, chamavam Nero de semideus...

Não me seria conveniente falar delas com tanta maldade, a mim que não amei nada neste mundo, além delas, a mim que sempre estive pronto a sacrificar por elas meu sossego, minha ambição, minha vida... Contudo, não é numa crise de desgosto e de amor-próprio ofendido que procuro arrancar delas aquele véu mágico através do qual passa tão só um olhar acostumado. Não: tudo o que venho dizendo a respeito delas é apenas uma consequência "das frias conclusões da mente e das notas lúgubres do coração"¹²².

As mulheres teriam de desejar que todos os homens as conhecessem tão bem quanto eu, porque as amo cem vezes mais desde que não as temo ao inteirar-me das suas fraquezas miúdas.

A propósito: Werner acabou de comparar as mulheres àquela floresta enfeitiçada da qual conta Tasso em sua "Jerusalém libertada"¹²³. "Basta que entremos nela", disse, "para se arrojarem ao nosso encontro tais horrores que Deus nos guarde: o dever, o orgulho, a decência, a opinião pública, o escárnio, o desdém... Só nos cumpre seguirmos em frente, sem olhar para eles, então os monstros desaparecem pouco a pouco, e uma clareira se abre diante de nós, serena, ensolarada, com uma murta verde que floresce no meio dela, mas aí de nós se o coração fraquejar com os primeiros passos, e se olharmos para trás!"

12 de junho

A tarde de hoje foi rica em incidentes. A umas três versts de Kislovodsk, no desfiladeiro pelo qual passa o Podkúmok, há um rochedo chamado *Anel*: é um portão formado pela natureza, que se ergue num morro alto, e o sol poente lança, através dele, seu último olhar flamejante para o mundo. Uma cavalgada numerosa foi lá para contemplar o pôr-do-sol através daquela janela de pedra. Nenhum de nós, para dizer a verdade, pensava no sol. Eu cavalgada ao lado da princesinha; quando voltávamos para casa, tivemos de atravessar o Podkúmok a vau. Os rios montanheses, até os menores, são perigosos, especialmente porque o fundo deles é um caleidoscópio rematado, pois muda, todo santo dia, sob a pressão das ondas: onde uma pedra esteve ontem há um buraco hoje. Segurei o cavalo da princesinha pela cabeçada e conduzi-o pela água que não subia acima dos joelhos; fomos devagarinho, de viés, contra a corrente. Sabe-se que, ao atravessar os rios rápidos, não se deve olhar para a água, senão a cabeça fica logo estonteada.

Esqueci-me de avisar a princesinha Mary sobre isso.

Já estávamos no meio do rio, em plena correnteza, quando ela se balançou repentinamente em sua sela. "Estou passando mal!", disse, com uma voz fraca... Inclinando-me depressa para ela, abracei sua cintura elástica.

— Olhe para cima — sussurrei-lhe. — Não é nada: apenas não tenha medo, que estou com você.

Ela se sentiu melhor, quis livrar-se do meu braço, mas então cingi ainda mais forte seu tronco delicado, macio, de modo que minha face quase roçou na sua, que estava em chamas.

— O que faz comigo?... Meu Deus!...

Não atentei para esse trêmulo embaraço dela, e meus lábios tocaram em sua bochecha suave; ela estremeceu, mas não disse nada: vínhamos atrás de todos, e ninguém nos via. Quando subimos à beira do rio, todos foram avançando a trote. A princesinha freou seu cavalo, e me quedei ao seu lado; dava para ver que meu silêncio a incomodava, porém jurei a mim mesmo, por mera curiosidade, que não diria uma só palavra. Apetecia-me ver como ela sairia dessa situação complicada.

— Ou o senhor me despreza, ou me ama muito! — disse finalmente a moça, e foi um pranto que se ouviu em sua voz. — Talvez queira zombar de mim, perturbar minha alma e depois me abandonar... Isso seria tão vil, tão baixo, que apenas uma suposição... oh, não! Não é verdade... — acrescentou, num tom meigo e confiante — não é verdade que não há nada em mim que exclua respeito? Sua ousadia... devo perdoá-la ao senhor, devo mesmo, porque a permiti... Responda, fale enfim, que quero ouvir sua voz!... — Havia, nessas últimas palavras, tanta impaciência feminina que sorri sem querer; felizmente, já estava escurecendo. Não respondi nada.

— Está calado? — prosseguiu ela. — Talvez queira que seja eu a primeira a dizer-lhe que amo o senhor...

Permaneci calado.

— Quer mesmo isso? — continuou ela, virando-se depressa para mim. Havia algo medonho naquela firmeza de seu olhar e de sua voz...

— Por quê? — respondi, dando de ombros.

Ela fustigou seu cavalo e partiu galopando, a toda brida, por um caminho estreito e perigoso; aquilo se deu tão rapidamente, que mal consegui alcançá-la, e foi apenas quando ela já estava com a turma toda. Até voltarmos para casa, ficou falando e rindo a cada minuto. Havia algo febril em seus movimentos; ela não olhou nenhuma vez para mim. Todos repararam naquela alegria inusitada. E a princesa se alegrou no íntimo ao olhar para sua filha, só que esta tinha uma simples crise nervosa: haveria de passar a noite em claro, chorando. Tal ideia me

proporciona um deleite imensurável: há momentos em que compreendo o Vampiro¹²⁴!... No entanto, passo por um bom sujeito e faço questão de conseguir esse título.

Uma vez apeadas, as damas entraram na casa da princesa; quanto a mim, estava emocionado e fui galopando às montanhas para desvanecer os pensamentos que se espremiavam em minha cabeça. Orvalhada como estava, a noite respirava um frescor inebriante. A lua nascia atrás dos cimos escuros; cada passo do meu cavalo não ferrado ressoava surdamente naquele silêncio dos desfiladeiros; chegando a uma cachoeira, dei água ao meu cavalo, aspirei umas duas vezes, com avidez, o ar fresco daquela noite meridional e tomei o caminho de volta. Passei pelo arraial. As luzes começavam a apagar-se nas janelas; as sentinelas, que estavam no aterro da fortaleza, e os cossacos dos piquetes vizinhos trocavam gritos arrastados...

Notei uma iluminação extraordinária numa das casas do arraial, construída à beira de uma ravina; eram um vozerio caótico e uma gritaria que estouravam ali, por momentos, evidenciando um festim militar. Apeei e me acheguei sorrrateiramente da janela: o contravento, que não estava bem fechado, deixou-me ver os convivas e ouvir sua conversa. Falava-se sobre mim.

Excitado pelo vinho, o capitão de dragões deu uma punhada na mesa, exigindo a atenção de todos.

— Cavalheiros! — disse. — Isso não se parece com nada. Temos que dar uma lição a Petchórin! Tais almofadinhas petersburguenses sempre se envaidecem até levarem um soco no nariz! Ele acha que tem sido o único a viver neste mundo só por usar sempre luvas limpas e botas engraxadas.

— E que sorriso arrogante! Apesar disso, tenho a certeza de ser um covarde — sim, um poltrão!

— Também penso assim — disse Gruchnítski. — Ele gosta de reagir brincando. Eu lhe disse tais coisas, um dia, que outro homem me teria cortado em pedaços, ali mesmo, mas Petchórin levou tudo para o lado cômico. É claro que não o desafiei para duelo só por ser um assunto seu; não quis, ademais, mexer com ele...

— Gruchnítski anda zangado com ele porque lhe arrebatou a princesinha — disse alguém.

— Mas que ideia é essa? Na verdade, cortejei a princesinha um pouco, sim, mas logo a deixei para lá: não tenho vontade de me casar, e comprometer uma moça não é uma das minhas regras.

— Pois eu lhes asseguro que é um poltrão de primeira ordem, quer dizer, Petchórin e não Gruchnítski: oh, mas Gruchnítski é valente e, além do mais, meu

amigo de verdade! — tornou a dizer o capitão de dragões. — Cavalheiros! Não há ninguém que o defenda aqui? Ninguém? Tanto melhor... Querem experimentar a coragem dele? Isso nos divertirá...

— Queremos... mas como?

— Escutem, pois: Gruchnítski, que está especialmente zangado com ele, tem o papel principal! Vai implicar com alguma bobagem e desafiar Petchórin para duelo... Esperem, que a peça toda está nisso... Pois bem: vai desafiá-lo para duelo! Aquilo tudo — o desafio, as preparações e condições — será o mais solene e terrificante possível; quem se encarrega daquilo sou eu: serei seu padrinho¹²⁵, meu pobre amigo! Pois bem! Só que o arдил é este: não vamos colocar balas nas pistolas. Garanto aos senhores que, quando eu os puser a seis passos um do outro, Petchórin se acovardará, que o diabo o carregue! Os senhores concordam?

— Muito bem pensado... Concordamos, sim! Por que não? — ouviu-se de todos os lados.

— E você, Gruchnítski?

Fiquei tremendo ao esperar pela resposta de Gruchnítski: era uma zanga fria que se apossava de mim com a ideia de que, não fosse um acaso, eu poderia acabar servindo de palhaço àqueles imbecis. Se Gruchnítski não concordasse, atirar-me-ia ao seu pescoço. Entretanto, após uma pausa, ele se levantou do seu assento, estendeu a mão ao capitão e disse, bem imponente: "Está bem: concordo".

Seria difícil descrever o arroubo de toda a honorável companhia.

Voltei para casa atormentado por dois sentimentos distintos. O primeiro deles era uma tristeza. "Por que eles todos me odeiam?", pensava eu. "Por quê? Será que ofendi algum deles? Não. Será que pertenço à classe daquelas pessoas cuja aparência já basta para gerar animosidade?" E sentia uma fúria peçonhenta me encher, aos poucos, a alma. "Tome cuidado, senhor Gruchnítski!", dizia, andando pelo meu quarto, de lá para cá. "Não se brinca assim comigo. O senhor pode pagar caro pela aprovação dos seus companheiros estúpidos. Não sou um brinquedo seu..."

Não preguei olho durante a noite toda. Pela manhã, estava amarelo como uma laranja-azeda.

E foi de manhã que encontrei a princesinha perto do poço.

— Está doente? — disse ela, encarando-me com atenção.

— Não dormi a noite toda.

— Nem eu... fiquei acusando o senhor... talvez em vão? Explique-se, pois, que posso perdoar-lhe tudo...

— Tudo mesmo?

— Tudo... apenas diga a verdade... apenas fale logo... Tenho pensado muito, tentando explicar e justificar essa sua conduta, está vendo? Talvez o senhor tema alguns obstáculos por parte dos meus familiares... não é nada: quando eles souberem... (sua voz ficou trêmula) pedirei até consentirem. Ou então sua própria situação... mas fique sabendo que posso sacrificar tudo por aquele que amo... Oh, mas responda logo, tenha piedade de mim... O senhor não me despreza, não é verdade?

Ela agarrou minha mão.

A princesa caminhava à nossa frente, com o marido de Vera, e não vira nada, porém os doentes que passeavam por lá, os mais curiosos de todos os fofoqueiros, podiam ter-nos visto, e rapidamente librei minha mão desse seu aperto apaixonado.

— Eu lhe direi a verdade toda — respondi à princesinha. — Não vou nem me justificar nem explicar as minhas ações: não estou amando a senhorita.

Seus lábios empalideceram de leve...

— Deixe-me — disse ela, quase inaudivelmente. Dei de ombros, virei-me e fui embora.

14 de junho

Às vezes, eu me desprezo... não será por isso que desprezo os outros também?... Fiquei incapaz de ímpetos nobres: receio parecer ridículo a mim mesmo. Outro homem, se estivesse em meu lugar, ofereceria à princesinha *son cœur et sa fortune*¹²⁶, porém a palavra "*casar-se*" tem certo poder mágico sobre mim: por mais ardente que seja minha paixão por uma mulher, adeus ao amor, se ela apenas me der a entender que devo desposá-la – meu coração se transforma numa pedra, e nada mais o aquece de novo! Estou disposto a quaisquer sacrifícios, além deste: apostarei vinte vezes minha vida e até mesmo minha honra, mas... não venderei minha liberdade. Por que é que a prezo tanto, o que ela é para mim? Para que é que me preparo, o que espero do meu porvir? Juro que nada, em absoluto. É um medo inato, um pressentimento inexprimível... É que há quem tema inconscientemente as aranhas, as baratas, os ratos... Será que vou confessar? Foi ainda na infância que uma velha leu minha sorte para minha mãe: ela me predisse *a morte por causa da esposa maldosa*, e fiquei então profundamente abalado com isso; uma aversão insuperável ao casamento nasceu em minha alma... Nada obstante, algo me diz que aquela profecia se realizará; hei de me esforçar, pelo menos, para ela se realizar o mais tarde possível.

15 de junho

Ontem veio aqui o prestidigitador *Apfelbaum*. Apareceu, fixo às portas do restaurante, um cartaz extenso a informar ao nosso público respeitabilíssimo que o supracitado prestidigitador admirável, acrobata, químico e óptico, teria a honra de fazer uma esplêndida apresentação no dia de hoje, às oito horas da noite, na sala da assembleia fidalga (noutros termos, no próprio restaurante), custando as entradas dois rublos e meio.

Todos se dispõem a ir ver tal prestidigitador admirável; até mesmo a princesa Ligovskáia, apesar de sua filha estar doente, comprou uma entrada.

Passei hoje, após o almoço, sob as janelas de Vera; ela estava sentada na sacada, sozinha, e foi um bilhete que caiu aos meus pés:

"Venha à minha casa hoje, pelas dez horas da noite, subindo a grande escada: meu marido foi a Piatigorsk e só voltará amanhã de manhã. Nem meus criados nem minhas camareiras estarão em casa: dei as entradas a eles todos, assim como à criadagem da princesa. Estou esperando por você. Venha sem falta."

"Ah-ah!", pensei. "Até que enfim foi do meu jeito."

Às oito horas, fui ver o prestidigitador. O público se reuniu quando já ia para as nove, e a apresentação começou. Reconheci os laçaios e as camareiras de Vera e da princesa, sentados nas fileiras de trás. Estavam todos ali. Gruchnítski se instalara na primeira fileira com seu lornhão. O prestidigitador se dirigia a ele cada vez que precisasse de um lenço, de um relógio, de um anel e assim por diante.

Já faz algum tempo que Gruchnítski não me cumprimenta mais, e agorinha olhou para mim duas vezes, com bastante ousadia. Hei de me lembrar disso tudo quando chegarmos a acertar as contas.

Por volta das dez horas, levantei-me e saí.

Estava escuro lá fora, nem que me furassem o olho¹²⁷. As nuvens pesadas e frias jaziam sobre os topos das montanhas circunvizinhas; apenas de vez em quando é que um vento moribundo fazia rumorejarem as copas dos álamos que cercavam o restaurante. Uma multidão se espremia às suas janelas. Caminhei ladeira abaixo, virei-me passando por um portão e apertei o passo. De súbito, pareceu-me que alguém me seguia. Parei e olhei ao redor. Não se podia enxergar nada naquela escuridão, porém contornei por mera cautela, como quem estivesse passeando, a casa de Vera. Passando rente às janelas da princesinha, ouvi novamente passos atrás de mim, e eis que um homem envolto num capote passou correndo ao meu lado. Isso me deixou alarmado. Todavia, acerquei-me à sorrelfa do terraço de entrada e me apressei a subir uma escada escura. A porta se abriu; uma mãozinha pegou em minha mão...

— Ninguém o viu? — sussurrou Vera, apertando-se a mim.

— Ninguém!

— Agora acredita que eu amo você?... Oh, passei muito, mas muito tempo hesitando, sofrendo... Mas você faz de mim tudo o que quiser!

Seu coração pulsava bem forte, suas mãos estavam frias que nem gelo. Vieram seus reproches ciumentosos, suas lamúrias: ela exigia que eu lhe confessasse tudo, dizendo que suportaria submissa a minha traição, unicamente por desejar a minha felicidade. Quanto a mim, não acreditava tanto assim nisso, mas acabei por acalmá-la com juramentos, promessas, etc.

— Pois não se casará com Mary? Não a ama?... E ela anda pensando que... está loucamente apaixonada por você. Será que sabe disso?... Coitadinha!

Por volta das duas horas da madrugada, abri a janela e, atando dois xales juntos, desci da sacada superior para a inferior, segurando-me a uma coluna. A luz estava ainda acesa no quarto da princesinha. Algo me empurrou em direção à sua janela. A cortina não estava totalmente fechada, e consegui lançar um olhar curioso para dentro daquele quarto. Mary estava sentada em sua cama, cruzando as mãos sobre os joelhos; seus fartos cabelos se juntavam debaixo de uma touca de dormir adornada de rendas; um grande lenço escarlate cobria seus ombrinhos brancos; seus pezinhos se escondiam nos versicolores sapatos persas. Ela estava imóvel, deixando a cabeça pender sobre o peito; um livro ficava aberto em sua frente, sobre uma mesinha, porém seus olhos imóveis e cheios de inefável tristeza aparentavam percorrer a mesma página pela centésima vez, enquanto seus pensamentos estavam longe...

Naquele momento, alguém se moveu atrás de uma das moitas. Saltei da sacada sobre o relvado. Uma mão invisível me agarrou o ombro. "Ah-ah!", disse uma voz grossa. "Caiu como um pato!... Vai aprender a visitar as princesinhas à noite!..."

— Segure-o firme! — gritou mais um homem, ao sair correndo de trás da esquina.

Eram Gruchnítski e o capitão de dragões.

Dei um murro na cabeça deste último, fi-lo tombar e me arrojéi moitas adentro; todas as veredas do jardim, que cobria a encosta fronteira às nossas casas, eram-me bem familiares.

— Ladrões! Guarda! — vociferavam ambos; ouviu-se um tiro de rifle, e uma bucha caiu, fumegando, quase aos meus pés.

Um minuto depois, já estava em meu quarto; despi-me e fui para a cama. Mal meu laçao inseriu a tranca, Gruchnítski e o capitão vieram bater à minha porta.

— Petchórin! Está dormindo? Está aí? — gritava o capitão.

— Estou dormindo — respondi, zangado.

— Levante-se! Ladrões... circassianos...

— Estou com coriza — respondi —, tenho medo de me resfriar.

Eles se retiraram. Fora à toa que eu lhes respondera: teriam passado mais uma horinha a procurar por mim no jardim. Enquanto isso, houve um rebuliço horrível. Um cossaco veio galopando da fortaleza. Tudo se agitou: foram procurar pelos circassianos em todas as moitas, mas, naturalmente, não acharam coisa nenhuma. Contudo, muitos permaneceram, sem dúvida, firmemente convictos de que, se a guarnição tivesse demonstrado mais coragem e diligência, pelo menos duas dezenas de feras teriam sido abatidas.

16 de junho

Hoje de manhã não se falava de outra coisa perto do poço senão do ataque noturno dos circassianos. Ao tomar uma quantidade apropriada de copos de *narzan* e dar umas dez voltinhas pela comprida alameda de tílias, encontrei o marido de Vera, que acabara de retornar de Piatigorsk. O velhinho me segurou o braço, e fomos ao restaurante para desjejuar; ele estava preocupadíssimo com sua esposa. "Como ficou assustada essa noite!", dizia. "Pois teve uma coisa dessas de acontecer precisamente em minha ausência." Sentamo-nos junto à porta que levava para o cômodo de esquina, onde ficava uma dezena de jovens, inclusive Gruchnítski. O fado me forneceu, pela segunda vez, a oportunidade de escutar às escondas uma conversa que haveria de selar seu destino. Ele não me via, por conseguinte, eu mesmo não podia suspeitá-lo de premeditação, mas isso só aumentava sua culpa aos meus olhos.

— Mas foram mesmo os circassianos? — disse um dos jovens. — Será que alguém os viu?

— Vou contar-lhes a história toda — respondeu Gruchnítski —, mas vejam, por favor, se não me entregam. Foi o seguinte: ontem um homem, cujo nome não lhes direi, veio até mim e contou que tinha visto alguém entrar à socapa, lá pelas dez horas da noite, na casa das Ligovskáia. Tenho de notar para vocês que a princesa estava aqui, e a princesinha, em casa. Então fomos, ele e eu, ficar debaixo daquelas janelas para pegar o felizardo em flagrante.

Confesso que levei um susto, embora meu interlocutor estivesse todo absorto em seu desjejum: poderia ouvir certas coisas que lhe seriam assaz desagradáveis, se Gruchnítski tivesse casualmente adivinhado a verdade, porém, cego de tão enciumado, ele nem sequer a vislumbrava.

— Pois vejam vocês — prosseguiu Gruchnítski —: lá fomos nós dois,

levando um rifle carregado de uma bala de festim, só para assustá-lo. Ficamos aguardando no jardim até as duas horas, e finalmente, sabe lá Deus de onde, ele apareceu, só que não saiu pela janela, que se manteve fechada, mas, com certeza, pela porta envidraçada que fica atrás da coluna. Pois então, digo-lhes eu, vimos alguém descer finalmente daquela sacada... Como é a princesinha, hein? Confesso que aquelas donzelas moscovitas... em que é que se pode confiar depois disso? Quisemos pegá-lo, mas ele se livrou e correu, feito uma lebre, às moitas; foi então que atirei nele...

Um burburinho incrédulo se ouviu ao redor de Gruchnítski.

— Não acreditam? — continuou ele. — Pois lhes dou minha palavra de honra e nobreza de que tudo isso é uma verdade pura e acho que lhes direi, como prova, o nome daquele senhor.

— Então diga, diga quem é ele! — ouviu-se de todos os lados.

— É Petchórin — respondeu Gruchnítski.

Nesse momento, ergueu os olhos: eu estava postado às portas, logo em sua frente; ele ficou todo rubro. Aproximei-me dele e disse lenta e nitidamente:

— Lamento muito ter entrado depois de o senhor dar sua palavra de honra para confirmar a calúnia mais asquerosa possível. Minha presença o teria eximido dessa vileza desnecessária.

Gruchnítski se levantou, num pulo, do seu assento, prestes a ficar exaltado.

— Peço-lhe — continuei, no mesmo tom —, peço-lhe que retire imediatamente essas palavras suas, por saber muito bem que são uma mentira. Não acho que a indiferença de uma mulher pelos seus méritos brilhantes mereça uma vingança tão horrorosa assim. Pense direito: insistindo em sua opinião, o senhor perde seu direito ao nome de um homem nobre e fica arriscando sua vida.

Gruchnítski estava plantado em minha frente, de olhos baixos, tomado de uma forte emoção. Todavia, a luta de sua consciência com seu amor-próprio não foi longa. O capitão de dragões, que estava sentado ao seu lado, empurrou-o com o cotovelo; ele estremeceu e me respondeu depressa, sem reerguer os olhos:

— Quando digo alguma coisa, meu prezado senhor, penso a mesma coisa e estou pronto a repeti-la... Não tenho medo de suas ameaças e me disponho ao que der e vier.

— Já provou o último — respondi-lhe, com frieza, e, segurando o braço do capitão de dragões, saí do cômodo.

— O que deseja? — perguntou o capitão.

— O senhor é um dos companheiros de Gruchnítski e provavelmente será o padrinho dele?

O capitão me saudou com uma mesura bem imponente.

— O senhor adivinhou — respondeu —: até mesmo tenho a obrigação de ser o padrinho dele, porque a ofensa que se referir a ele também se refere a mim. Estivemos juntos ontem à noite — acrescentou, endireitando seu tronco um tanto encurvado.

— Ah, mas foi o senhor que bati, tão desastradamente assim, na cabeça?...

Ele amarelou, azulou; foi uma raiva oculta que se manifestou em seu rosto.

— Terei a honra de enviar meu padrinho à sua casa ainda hoje — adicionei, despedindo-me dele mui gentilmente e fazendo de conta que nem reparava em sua raiva.

Uma vez à saída do restaurante, deparei-me com o marido de Vera. Parecia que ele esperava por mim.

Pegou em minha mão com algo semelhante a um êxtase.

— Meu jovem nobre! — disse, com lágrimas nos olhos. — Ouvi tudo: que canalha, como é ingrato!... Acolha-os, depois disso, numa casa decente! Graças a Deus, não tenho filhas! Mas aquela por quem o senhor arrisca sua vida vai recompensá-lo. Tenha a certeza de que por ora ficarei calado — prosseguiu —: eu mesmo já fui jovem e estive no serviço militar; sei que não se deve intrometer numa coisa dessas. Adeus.

Coitado! Está feliz por não ter filhas...

Fui direto à casa de Werner, encontrei-o presente e lhe contei tudo, tanto das minhas relações com Vera e a princesinha como da conversa que tinha ouvido às escondas, pela qual sabia que aqueles senhores tencionavam caçoar de mim, obrigando-me a duelar com balas de festim. Só que agora passávamos dos limites de uma brincadeira, e eles não esperavam, sem dúvida, por semelhante desfecho.

O doutor consentiu em ser meu padrinho; dei-lhe alguns conselhos acerca das condições do nosso duelo: ele deveria insistir em organizá-lo da maneira mais secreta possível, pois estou disposto, quando for de meu agrado, a enfrentar a morte, mas, de modo algum, a estragar, para todo o sempre, meu futuro neste mundo.

Feito isso, fui para casa. Uma hora depois, o doutor voltou da sua expedição.

— De fato, há um complô contra o senhor — disse. — Encontrei, na casa de Gruchnítski, o capitão de dragões e mais um senhor, de cujo sobrenome não me lembro; detive-me, por um minuto, na antessala, para tirar as galochas; ali com eles, havia uma algazarra horrível e uma discussão... "Não concordarei por nada no mundo!", dizia Gruchnítski. "Ele me ofendeu em público... então era bem diferente..." — "O que tem a ver com isso?", respondia o capitão. "Eu me encarrego de tudo. Fui padrinho em cinco duelos e bem sei como arranjar as coisas. Pensei em tudo. Só veja, por favor, se não me atrapalha. Não faz mal

meternos um pouco de medo. Mas por que se expor ao perigo, se for possível evitá-lo?...” Entrei naquele momento. De repente, eles se calaram. Nossas negociações duraram bastante tempo; afinal, tomamos a resolução seguinte: há um desfiladeiro deserto a umas cinco verstas daqui; eles irão lá amanhã, às quatro horas da manhã, e nós partiremos meia hora depois deles; vocês vão duelar a seis passos de distância – foi Gruchníski em pessoa quem o exigiu. Se alguém for morto, a culpa será dos circassianos. Agora minhas suspeitas são estas: eles, quer dizer, os padrinhos, devem ter alterado de leve seu plano anterior e querem colocar uma bala apenas na pistola de Gruchníski. Isso se parece um pouquinho com um assassinio, mas, em tempos de guerra e, sobretudo, de uma guerra asiática, os estratagemas são permitidos; só que Gruchníski parece um tanto mais nobre do que seus companheiros. O que o senhor acha disso? Temos de lhes mostrar que adivinhamos?

— Por nada no mundo, doutor! Fique tranquilo, que não me renderei a eles.

— O que é, pois, que pretende fazer?

— É um segredo meu.

— Veja se não cai na armadilha... a distância é de apenas seis passos!

— Doutor, vou esperar pelo senhor amanhã, às quatro horas; os cavalos ficarão prontos... Adeus.

Fiquei em casa até a noite, trancado em meu quarto. Um laçao veio para me convidar a visitar a princesa, mandando eu responder que estava adoentado.

Duas horas da madrugada. Estou sem sono. E precisaria dormir, para minha mão não tremer amanhã. De resto, é difícil errar o alvo a seis passos de distância. Ah, senhor Gruchníski! Sua mistificação não dará certo... vamos trocar de papéis: agora me caberá a mim procurar pelos indícios de um medo oculto em seu rosto pálido. Por que o senhor mesmo sugeriu esses seis passos fatais? Está achando que lhe oferecerei a testa sem disputa alguma... só que vamos tirar a sorte, e então... então... e se a sorte dele preponderar sobre a minha? Se minha estrela me trair, afinal de contas?... E não seria de admirar: por tanto tempo é que ela serviu lealmente aos meus caprichos, e não há mais constância nos céus do que na Terra.

Pois bem... se for morrer, morrerei! A perda não será grande para o mundo; aliás, eu mesmo já estou bastante entediado. Sou como alguém que fica bocejando num baile, mas não vai dormir apenas porque sua carruagem não chegou ainda. Mas enfim: a carruagem está pronta? Então adeus!

Recapitulo depressa, em minha memória, todo o passado meu e me pergunto involuntariamente: por que vivi, com que desígnio é que nasci?... E tal desígnio

existiu, com certeza, e certamente me coube um destino sublime, já que sinto forças imensuráveis em minha alma, porém não o adivinhei, aquele destino, empolgando-me com os chamarizes das paixões inúteis e ingratas; saí do seu crisol duro e frio que nem ferro, mas fiquei para sempre privado daquele ardor das aspirações nobres, do melhor que houve em minha vida. E, desde então, já desempenhei tantas vezes o papel de machado nas mãos do fado! Como um instrumento de execução, tenho caído sobre a cabeça das vítimas condenadas, frequentemente sem zanga, sempre sem lamento... Meu amor não trouxe felicidade a ninguém, porque não sacrifiquei nada por quem amasse; amei por mim mesmo, para meu próprio prazer, satisfazendo apenas uma estranha necessidade do meu coração, devorando, com avidez, os sentimentos dos outros, sua ternura, seus gozos e sofrimentos, e nunca soube ficar saciado. Assim, quem for atormentado pela fome adormece, exausto, e vê pratos exuberantes e vinhos espumantes em sua frente: devora, extasiado, tais dons aéreos de sua imaginação, e lhe parece que está aliviado... mas, tão logo acorda, seu sonho se esvai... e ficam sua fome duplicada e seu desespero!

E pode ser que amanhã eu morra! E não restará na Terra ninguém que me tenha compreendido por inteiro. Uns me consideram pior, os outros, melhor do que sou na realidade... Uns dirão: foi um bom sujeito; os outros: foi um canalha!... Ambas as coisas serão falsas. Vale mesmo a pena viver depois disso? Ainda assim, a gente continua vivendo por curiosidade, à espera de algo novo... É ridículo e deplorável!

Já faz um mês e meio que fico na fortaleza de N.; Maxim Maxímtych foi à caça. Estou sozinho, sentado perto da janela; as nuvens cinza cobriram as montanhas até o sopé; o sol parece, através daquela neblina, uma mancha amarela. Faz frio, o vento silva e sacode os contraventos. Estou com tédio. Vou levar adiante meu diário interrompido por tantos acontecimentos estranhos.

Fico relendo a última página: é ridícula! Achava que fosse morrer, mas era impossível; ainda não tinha esvaziado a copa dos sofrimentos e agora sinto que ainda tenho uma vida longa pela frente.

Como todo o passado ficou clara e nitidamente moldado em minha memória! O tempo não apagou sequer um traço, uma nuance sequer.

Lembro que não dormi, nem por um minuto, ao longo daquela noite que precedeu meu duelo. Não consegui escrever por muito tempo: fora uma inquietude discreta que me dominara. Passei cerca de uma hora andando pelo quarto, depois me sentei e abri um romance de Walter Scott¹²⁸, que estava em cima da minha mesa: era *Os Puritanos Escoceses*. De início, li com esforço, mas

depois me esqueci, empolgado com aquela ficção fabulosa...

Será que não pagam ao bardo escocês, lá no além, por cada minuto agradável que seu livro vem ofertando?...

Enfim amanheceu. Meus nervos se acalmaram. Mirei-me no espelho: uma baça palidez me cobria o rosto, que guardava ainda os rastros de minha insônia torturante, porém meus olhos, embora cercados de uma sombra marrom, brilhavam orgulhosos e implacáveis. Fiquei contente comigo mesmo.

Mandando selar os cavalos, vesti-me e desci correndo até as piscinas. Ao mergulhar naquela água de Narzan, fervente, mas fria, senti minhas forças corporais e espirituais retornarem. Saí da piscina refrescado e enérgico, como se estivesse para ir a um baile. Diga-se depois disso que a alma não depende do corpo!

Voltando para casa, encontrei o doutor. Ele usava um calção de montar cinza, um *arkhaluk*¹²⁹ e uma *chapka* circassiana. Dei uma gargalhada ao ver aquela figurinha debaixo de uma enorme *chapka* felpuda: o rosto dele, nada bélico, estava, daquela feita, ainda mais comprido do que de costume.

— Por que está tão triste, doutor? — disse-lhe. — Será que já não mandou cem vezes, e com a maior indiferença possível, as pessoas para o outro mundo? Imagine que eu tenha uma febre biliosa: posso convalescer, também posso morrer — ambas as coisas fazem parte da ordem universal! Tente olhar para mim como se fosse um paciente acometido por uma doença que lhe é ainda desconhecida, então sua curiosidade ficará excitada no mais alto grau, e o senhor poderá, agora mesmo, fazer umas importantes observações fisiológicas no tocante a mim... A espera por uma morte violenta não seria, em si, uma verdadeira doença?

Essa ideia surpreendeu o doutor, e ele ficou alegre.

Montamos nossos cavalos; Werner se agarrou às rédeas com ambas as mãos, e fomos cavalgando. Num instante, passamos pelo arraial, ao lado da fortaleza, e adentramos o desfiladeiro ao longo do qual serpenteava um caminho coberto, pela metade, de altas ervas e atravessado, a cada minuto, por um riacho ruidoso que se devia cruzar a vau, para grande desespero do doutor, cujo cavalo se detinha, todas as vezes, ao entrar n'água.

Não me recordo de uma manhã que fosse mais azul nem mais fresca! O sol mal se mostrara por detrás dos cimos verdes, e a fusão do primeiro calor de seus raios com o friozinho noturno, que estava morrendo, trazia uma doce languidez a todos os sentidos da gente. O lépido raiar do dia nascente não penetrava ainda naquele desfiladeiro, dourando apenas os topos dos penhascos suspensos, de ambos os lados, acima de nós; as moitas espessas e cheias de folhas, que cresciam em suas frestas profundas, derramavam sobre nós, com o mínimo sopro do vento,

uma chuva prateada. Lembro que naquela ocasião, mais do que nunca antes, amava a natureza. Com quanta curiosidade é que fitava cada gotícula de orvalho a tremelicar sobre uma larga folha de vinha, refletindo milhões de raios irisados! Com quanta avidez é que meu olhar buscava penetrar a imensidão fumegante! Lá nosso caminho se tornava cada vez mais estreito, os penhascos eram mais azuis e medonhos, aparentando juntar-se, no fim das contas, como um paredão impenetrável. Avançávamos em silêncio.

— O senhor escreveu seu testamento? — perguntou repentinamente Werner.

— Não.

— E se for morto?...

— Os herdeiros aparecerão por si mesmos.

— Será que não tem amigos a quem gostaria de endereçar sua palavra de despedida?...

Abanei a cabeça.

— Será que não há, neste mundo, uma mulher à qual o senhor gostaria de deixar algo como lembrança?...

— O senhor deseja, doutor — respondi eu —, que lhe revele minha alma?... Veja bem: não estou mais naquela idade em que se morre pronunciando o nome da sua amada e legando ao seu amigo um tufo de cabelos empomados ou não empomados. Quando penso numa morte próxima e possível, penso apenas em mim mesmo: há quem não faça nem isso. Sejam os amigos, que amanhã se esquecerão de mim ou, pior ainda, botarão sabe lá Deus quais histórias da carochinha em minha conta, sejam as mulheres que rirão de mim, abraçando um outro qualquer, para não atizar seus ciúmes em relação ao defunto, que Deus esteja com eles! Tirei apenas umas ideias dessa tempestade da vida, mas nenhum sentimento. Já faz muito tempo que não vivo mais com meu coração e, sim, com minha cabeça. Fico ponderando e analisando minhas próprias paixões e ações com uma curiosidade rigorosa, mas sem compaixão. Há dois homens em mim: um está vivendo em plena acepção desta palavra, o outro está pensando e julgando o primeiro; dentro de uma hora, este primeiro se despedirá talvez do senhor e do mundo para todo o sempre, e o segundo... o segundo, hein?... Olhe, doutor: está vendo aqueles três vultos que negrejam ali, no penhasco do lado direito? Parece que são nossos adversários...

Seguimos a trote.

Ao sopé de um penhasco, três cavalos estavam amarrados às moitas; amarramos os nossos lá mesmo e subimos, por uma senda estreita, até um terraço onde Gruchnitski esperava por nós, com o capitão de dragões e outro padrinho seu, chamado Ivan Ignátievitch, de cujo sobrenome eu jamais ouvira falar.

— Já faz tempos que esperamos pelos senhores — disse o capitão de dragões, com um sorriso irônico.

Tirei meu relógio e mostrei-o ao capitão.

Ele pediu desculpas, alegando que seu relógio estava adiantado.

Um silêncio embaraçoso durou alguns minutos; afinal, o doutor interrompeu-o, dirigindo-se a Gruchnitski.

— Parece-me — disse — que, demonstrando ambos sua prontidão para o duelo e pagando assim seu tributo às condições da honra, os senhores poderiam explicar-se um com o outro e concluir essa desavença de forma amigável.

— Estou pronto — disse eu.

O capitão piscou para Gruchnitski, o qual, pensando que eu estava com medo, assumiu um ar soberbo, se bem que até esse momento uma palidez baça lhe cobrisse as faces. Pela primeira vez desde que tínhamos chegado, ele ergueu os olhos e olhou para mim, porém havia, em seu olhar, certa inquietude a revelar uma luta interior.

— Explique suas condições — disse — e pode ter a certeza de que farei pelo senhor tudo quanto puder...

— Minhas condições são as seguintes: o senhor se retratará hoje mesmo, em público, da sua calúnia e me pedirá desculpas...

— Fico surpreso, meu prezado senhor, de que se atreva a oferecer-me tais coisas!

— O que poderia ter-lhe oferecido, além disto?

— Vamos duelar...

Dei de ombros.

— Vamos... Pense apenas que um de nós será morto sem falta.

— Desejo que seja o senhor...

— E eu tenho tanta certeza do contrário...

Ele se confundiu, enrubescceu, depois soltou uma gargalhada forçada.

O capitão segurou-lhe o braço e levou-o para o lado; ambos passaram muito tempo cochichando. Eu tinha chegado num estado de espírito assaz pacífico, mas aquilo tudo já começava a enraivecê-me.

O doutor se aproximou de mim.

— Escute — disse com uma inquietude patente —: decerto o senhor se esqueceu daquele complô deles... Não sei carregar uma pistola, mas, nesse caso... É um homem estranho! Diga-lhes que está a par da sua intenção, e eles não ousarão... Que vontade é a sua? Vão abatê-lo como um pássaro...

— Por favor, não se preocupe, doutor, e fique esperando... Arranjarei tudo de tal sorte que não haverá nenhuma vantagem do lado deles. Deixe-os cochicharem

ali...

— Cavalheiros, isso se torna entediante! — disse-lhes em voz alta. — Se formos duelar, vamos duelar: os senhores tiveram bastante tempo para conversar ontem...

— Estamos prontos — respondeu o capitão. — Em posição, cavalheiros! Digne-se a medir seis passos, doutor...

— Em posição! — repetiu Ivan Ignátievitch com uma voz guinchante.

— Esperem! — disse eu. — Mais uma condição: como vamos duelar até a morte, temos a obrigação de fazer tudo o que for possível para manter isto em segredo e para nossos padrinhos não serem responsabilizados. Os senhores concordam?

— Perfeitamente!

— Pois então, eis o que inventei. Estão vendo um terraço estreitinho no topo daquele penhasco abrupto, do lado direito? Sua altura é de umas trinta braças, se não for ainda maior, e há pedras agudas lá embaixo. Cada um de nós se postará à beira daquele terraço: destarte, até mesmo um ferimento leve será mortal, o que deve corresponder ao desejo dos senhores, porquanto estipularam aqueles seis passos. Quem ficar ferido cairá sem falta penhasco abaixo e se arrebentará todo; nosso doutor vai retirar a bala. Então se poderá mui facilmente explicar essa morte inesperada com um salto malsucedido. Tiraremos a sorte para saber quem será o primeiro a atirar. Anuncio-lhes, em conclusão, que de outra maneira não vou duelar.

— Pode ser! — disse o capitão, olhando de modo expressivo para Gruchnítski, o qual inclinou a cabeça em sinal de anuência. Sua expressão facial mudava a cada minuto. Eu o pusera numa situação complicada. Duelando em condições normais, ele poderia alvejar-me na perna, causar-me um ferimento leve e assim consumir essa sua vingança sem ter onerado demais a consciência, mas agora deveria atirar pelos ares ou tornar-se um assassino, ou, finalmente, abandonar seu vil plano e correr o mesmo perigo que eu. Não me apeteceria, naquele momento, ficar em seu lugar. Ele levou o capitão para o lado e se pôs a dizer-lhe algo com muito ardor; vi seus lábios azulados tremerem, porém o capitão lhe virou, com um sorriso desdenhoso, as costas. "Você é bobo!", disse a Gruchnítski, bastante alto. "Não entende patavina! Vamos então, cavalheiros!"

Uma senda estreita levava, por entre os arbustos, escarpa acima; destroços de rochedos formavam os degraus instáveis daquela escada natural; agarrando-nos às moitas, começamos a escalá-la. Gruchnítski ia à nossa frente, seguido pelos seus padrinhos; nós dois, o doutor e eu, subíamos atrás deles.

— Fico pasmado com o senhor — disse o doutor, apertando, com força, meu

braço. — Deixe apalpar seu pulso!... Oh-oh, mas está febril!... Só que não se percebe nada no rosto... apenas seus olhos brilham mais do que de costume.

De súbito, as pedrinhas rolaram ruidosamente debaixo dos nossos pés. O que seria? Fora Gruchnítski que dera um passo em falso; o galho ao qual se agarrara ficou quebrado, e, se seus padrinhos não o arrimassem, ele acabaria caindo de costas e rolando para baixo.

— Tome cuidado! — gritei-lhe. — Não caia antes do prazo, que é mau sinal. Lembre-se de Júlio César!¹³⁰

Eis que subimos ao topo daquele penhasco que se destacava dos demais: o terraço estava coberto de uma areia fina, como que de propósito para quem fosse duelar nele.

Ao nosso redor, perdendo-se numa dourada neblina matinal, espremiavam-se os cimos das montanhas, iguais a um rebanho inumerável, e o gigante branco do Elborus se erguia no sul, arrematando uma cadeia de cimos gélidos em meio aos quais já perambulavam as nuvens filamentosas que tinham ocorrido do leste. Acheguei-me à beira do terraço e olhei para baixo; minha cabeça por pouco não ficou estonteada: ali embaixo, tudo parecia escuro e frio como num caixão, e os rochedos denteados, cobertos de musgo, lá arremessados pelas tempestades e pelo passar do tempo, esperavam pela sua presa. O terraço sobre o qual íamos duelar representava um triângulo quase perfeito. Medimos seis passos a partir do ângulo saliente e decidimos que quem fosse o primeiro a enfrentar o fogo inimigo ficaria postado bem naquele ângulo, de costas para o precipício: se não tivesse sido morto, os adversários trocariam de lugar.

Resolvi conceder todas as vantagens a Gruchnítski, querendo pô-lo à prova: uma centelha de magnanimidade podia acender-se em sua alma, e tudo se arranjaría então para melhor, mas... seu amor-próprio e a fraqueza de seu caráter haveriam de triunfar! Quis conceder a mim mesmo pleno direito de não o poupar, se o fado tivesse piedade de mim: quem já não fizera tal pacto com sua consciência?

— Tire a sorte, doutor — disse o capitão.

O doutor tirou uma moeda de prata do seu bolso e ergueu a mão.

— Coroa! — bradou Gruchnítski apressadamente, como quem acordasse, de supetão, com um empurrão amistoso.

até ela.

— Cara! — disse eu.

A moeda alçou voo e caiu retinindo; todos se arrojaram

— Está com sorte — disse eu a Gruchnítski —: será o primeiro a atirar! Mas lembre que, se o senhor não me matar, eu cá não errarei o alvo! Dou-lhe a minha

palavra de honra.

Ele enrubescceu: estava com vergonha de matar um homem desarmado; olhei para ele com atenção, achando, por um minuto, que ele se atiraria aos meus pés, implorando pelo perdão, mas como é que confessaria um desígnio tão baixo assim?... Só lhe restava um recurso, o de atirar pelos ares, e eu tinha a certeza de que atiraria pelos ares, sim! Só uma coisa podia impedi-lo de fazer isso: o receio de que eu acabasse exigindo mais um duelo.

— Está na hora — cochichou o doutor, puxando-me pela manga —; se não disser agora que sabemos das suas intenções, estará tudo perdido... Olhe: ele já está carregando... se o senhor não disser nada, então eu mesmo...

— Por nada no mundo, doutor! — respondi, detendo-o pelo braço. — Vai estragar tudo: o senhor me jurou que não ia atrapalhar... O que tem a ver com isso? Talvez eu queira ser morto...

Ele me fitou com espanto.

— Oh, mas é outra coisa!... Só veja se não se queixa de mim lá no outro mundo...

Enquanto isso, o capitão carregou suas pistolas e entregou uma delas a Gruchnítiski, cochichando-lhe algo com um sorriso. Entregou-me a outra pistola.

Fiquei postado no ângulo do terraço, apoiando-me firmemente, com o pé esquerdo, numa pedra e inclinando-me um pouco para a frente, a fim de não cair, se tivesse um ferimento leve, para trás.

Gruchnítiski se postou diante de mim e, com o sinal dado, começou a erguer sua pistola. Seus joelhos estavam tremendo. Ele me mirava bem na testa.

Era uma fúria inexprimível que fervilhava em meu peito.

De súbito, ele abaixou o cano de sua pistola e, branco como um pano, voltou-se para seu padrinho.

— Não consigo — disse, com uma voz surda.

— Covarde! — respondeu o capitão.

O tiro soou. A bala me arranhou o joelho. Involuntariamente, dei alguns passos para a frente, querendo afastar-me logo do precipício.

— Pois bem, meu irmão Gruchnítiski: é pena que tenha errado — disse o capitão. — Agora é sua vez: fique em posição! Mas veja se me abraça antes: não nos veremos mais! — Eles se abraçaram; o capitão mal conseguia conter o riso. — Não tenha medo — acrescentou, olhando maliciosamente para Gruchnítiski. — É tudo uma bobagem neste mundo! A natureza é tola: a sorte se esfolia, a vida se dá de esmola!

Após essa frase trágica, dita com uma imponência apropriada, ele retornou ao seu lugar; Ivan Ignátievitch também abraçou Gruchnítiski, com lágrimas nos

olhos, e eis que ele se quedou sozinho em minha frente. Até agora procuro explicar a mim mesmo que tipo de sentimento fervilhava então em meu peito: eram o desgosto de meu amor-próprio ultrajado e o desprezo e a zanga a nascer com a ideia de que aquele homem, o qual agora me encarava com tanta segurança e tanta ousadia tranquila, quisera dois minutos antes, sem se expor a nenhum perigo, matar-me feito um cachorro, pois, se meu ferimento na perna fosse um tanto mais grave, eu teria inevitavelmente caído daquele penhasco.

Por alguns minutos, olhei com atenção para seu rosto, tentando perceber, pelo menos, um leve rastro de seu arrependimento. Todavia, pareceu-me que ele estava contendo um sorriso.

— Aconselho ao senhor que reze a Deus antes de morrer — disse-lhe então.

— Não se preocupe com minha alma mais do que com a sua própria. Só lhe peço uma coisa: atire logo!

— E não se retrata da sua calúnia? Não me pede perdão?... Pense direito: será que sua consciência não lhe diz algo?

— Senhor Petchórin! — bradou o capitão de dragões. — Não está aí para as confissões: permita o senhor que lhe diga isto... Vamos acabar logo; se alguém passar, por acaso, pelo desfiladeiro, vai ver a gente.

— Está bem. Venha cá, doutor.

O doutor se aproximou de mim. Coitado! Estava mais pálido do que Gruchnítски estivera dez minutos antes.

Foi de propósito que pronunciei as palavras seguintes pausadamente, alto e bom som, como se pronunciasse uma sentença de morte.

— Doutor, esses senhores se esqueceram, provavelmente às pressas, de colocar uma bala em minha pistola. Peço ao senhor que a carregue de novo e direitinho!

— Não pode ser! — gritou o capitão. — Não pode ser mesmo! Carreguei ambas as pistolas, a não ser que a bala tivesse rolado para fora da sua... A culpa não é minha! E o senhor não tem o direito de recarregá-la... nenhum direito... isso é totalmente contra as regras... não vou permitir!

— Está bem! — disse eu ao capitão. — Se for assim, vamos duelar nós dois, com as mesmas condições...

Ele ficou gaguejando.

Postado ali, Gruchnítски deixava a cabeça pender sobre o peito, confuso e sombrio.

— Deixe-os em paz! — disse finalmente ao capitão, que queria arrancar minha pistola das mãos do médico. — É que você mesmo sabe que eles têm razão.

Debalde o capitão lhe fazia diversos sinais: Gruchnítски não queria sequer

olhar para ele.

Nesse ínterim, o médico carregou a pistola e entregou-a a mim.

Ao ver isso, o capitão cuspiu e bateu o pé. "Mas você é bobo, maninho", disse, "um reles bobo!... Confiou em mim, então veja se me obedece em tudo... Bem feito para você! Morra aí feito uma mosca..." Virou-nos as costas e se afastou murmurando: "Ainda assim, é totalmente contra as regras".

— Gruchnítski! — disse eu. — Ainda há tempo: retrate-se da sua calúnia, e lhe perdoarei tudo. Você não conseguiu burlar-me, e meu amor-próprio está satisfeito... Lembre-se de termos sido outrora amigos...

Seu rosto enrubesceu, seus olhos fulgiram.

— Atire! — respondeu ele. — Desprezo a mim mesmo e odeio o senhor. Se não me matar, vou degolá-lo à noite, atrás de uma esquina. Não há lugar na Terra para nós dois...

Atirei.

Quando a fumaça se dissipou, Gruchnítski não estava mais no terraço. Apenas um leve jato de poeira ainda se espiralava à beira do precipício.

Todos gritaram numa voz só.

— *Finita la comedia!*³¹ — disse eu ao doutor.

Ele não respondeu e me virou, apavorado, as costas. Dei de ombros e cumprimentei os padrinhos de

Gruchnítski.

Descendo pela senda, avistei, em meio às fendas dos rochedos, o cadáver ensanguentado de Gruchnítski. Fechei, sem querer, os olhos.

Ao desamarrar meu cavalo, fui a passo para casa. Era uma pedra que me pesava sobre o coração. O sol me parecia embaciado, seus raios não me aqueciam.

Antes de chegar ao arraial, dobrei à direita pelo desfiladeiro. O aspecto humano me era penoso: queria ficar sozinho. Largando as rédeas e abaixando a cabeça sobre o peito, avancei por muito tempo e me vi finalmente num lugar que desconhecia em absoluto; virei o cavalo para trás e fui procurando pelo caminho; o sol já se punha quando me acerquei de Kislovodsk – um homem exausto num cavalo exausto.

Meu laçao me disse que Werner tinha passado pela minha casa e me entregou dois bilhetes: um dele mesmo, e o outro... de Vera.

Deslacrei o primeiro bilhete, cujo conteúdo era o seguinte:

"Tudo se arranjou da melhor maneira possível: o corpo foi trazido, desfigurado como está, e a bala, retirada do peito. Estão todos seguros de a causa dessa morte ter sido um acidente; apenas o comandante, que está provavelmente a par da sua briga, balançou a cabeça, mas não disse nada. Não há nenhuma

prova contra o senhor, de sorte que pode dormir sossegado, *se puder*. Adeus."

Passei muito tempo sem me atrever a abrir o segundo bilhete... O que ela podia ter escrito para mim? Era um pressentimento funesto que me perturbava a alma.

Ei-la, pois, aquela carta, cada palavra da qual ficou inapagavelmente gravada em minha memória:

"Escrevo-lhe com plena certeza de que jamais nos veremos de novo. Há alguns anos, despedindo-me de você, pensei o mesmo, porém a vontade do céu foi a de me pôr à prova pela segunda vez; não aguentei essa provação, e meu coração fraco se rendeu novamente à voz familiar... você não vai desprezar-me por isso, não é verdade? Esta carta será, ao mesmo tempo, meu adeus e minha confissão: cumpre-me dizer a você tudo o que se acumulou em meu coração desde que ele o ama. Não vou acusá-lo: você me tratou como me teria tratado qualquer outro homem; você me amou como uma propriedade sua, como uma fonte de alegrias, de inquietações e de tristezas que se revezavam mutuamente, sem as quais a vida é tediosa e monótona. Tenho compreendido isso desde o começo... Mas você estava infeliz, e me sacrifiquei na esperança de que, algum dia, você chegasse a apreciar esse meu sacrifício, de que viesse a compreender, algum dia, minha profunda ternura independentemente de quaisquer condições; muito tempo se passou desde então, e penetrei todos os mistérios da sua alma... e me convenci de ter sido uma esperança baldia. Como fiquei amargurada! Entretanto, meu amor escureceu, em sua concrecência com minha alma, mas não se extinguiu.

Despedimo-nos para sempre, porém você pode ter a certeza de que nunca amarei outro homem: minha alma esgotou por você todos os seus tesouros, todas as lágrimas e esperanças. Aquela que o amou uma vez não pode mais olhar para os demais homens sem certo desprezo, não porque você é melhor do que eles – oh, não! –, mas por haver, em sua natureza, algo peculiar, próprio tão só de você, algo orgulhoso e enigmático; em sua voz, diga você o que disser, há um poder invencível; ninguém sabe querer tão constantemente ser amado; em ninguém o mal chega a ser tão atraente assim; ninguém promete tanta beatitude com seu olhar; ninguém sabe melhor aproveitar as suas vantagens – e ninguém pode ser tão realmente infeliz como você, porque ninguém se esforça tanto para se convencer do contrário.

Agora tenho de lhe explicar o motivo da minha partida apressada: você vai achá-lo pouco importante, porque ele só diz respeito a mim.

Esta manhã, meu marido entrou em meu quarto e me contou sobre sua briga com Gruchnítski. Decerto mudei muito de cor, pois ele olhou, longa e

atentamente, em meus olhos; por pouco não desmaiei com a ideia de que você haveria de duelar neste dia e de ter sido eu mesma a causa disso: pareceu-me que acabaria enlouquecendo... No entanto, agora que posso raciocinar, estou segura de que você continuará a viver: é impossível que morra em minha ausência, é impossível! Meu marido andou, por muito tempo, pelo quarto; não sei o que ele me dizia nem me recordo do que eu lhe respondia... decerto lhe disse que amava você... Lembro apenas que, pelo fim da nossa conversa, ele me ofendeu com uma palavra horrível e saiu. Ouvi-o mandar prepararem a carruagem... já faz três horas que fico sentada à janela, esperando pelo seu regresso... Mas você está vivo, você não pode morrer! A carruagem está quase pronta... Adeus, adeus... Estou perdida, mas... que importância é que tem isto? Se eu pudesse ter a certeza de que sempre se lembraria de mim... nem falo em você me amar, não, apenas em lembrar-se de mim... Adeus: já estão vindo, e devo esconder a carta...

Não é verdade que você não ama Mary nem se casará com ela? Escute: você tem de fazer esse sacrifício por mim! Perdi tudo neste mundo por você..."

Corri, como um louco, portas afora, saltei ao lombo do meu Circassiano, que passeavam pelo pátio, e parti galopando, a toda brida, pela estrada que levava para Piatigorsk. Fustigava inclementemente meu cavalo extenuado, o qual, roncando e todo coberto de espuma, voava por aquela estrada pedregosa comigo no lombo.

O sol já se escondera num nimbo preto que repousava na crista da serra ocidental; o desfiladeiro estava escuro e úmido. Fluindo pelas pedras, o Podkúmok rugia de modo surdo e monótono. E eu cavalgava, ofegante de tanta impaciência. A ideia de que não a encontraria mais em Piatigorsk batia em meu coração qual um martelo: vê-la por um minuto, por um minuto a mais, despedir-me dela, apertar-lhe a mão!... Eu rezava e praguejava, chorava e ria... não: nada expressaria minha ansiedade nem meu desespero! Com essa possibilidade de perdê-la para sempre, Vera se tornara para mim mais cara do que tudo neste mundo, mais cara do que minha vida, minha honra e minha felicidade! Só Deus sabe quais planos estranhos e furiosos enxameavam minha cabeça... Enquanto isso, ainda cavalgava e fustigava implacavelmente meu cavalo. E eis que passei a notar que ele respirava com dificuldade, havendo já tropeçado, umas duas vezes, num lugar plano... Restava-me percorrer cinco verstas até Yessentuki, uma vila de cossacos em que eu poderia mudar de cavalo.

Tudo seria salvo se meu cavalo tivesse forças para galopar por ainda dez minutinhos. Mas de repente, subindo a encosta de uma pequena ravina à saída da serra, ele tombou numa curva abrupta. Apeei destramente, quis levantá-lo, puxei-lhe a brida, mas foi tudo em vão: um gemido mal perceptível jorrou por entre

seus dentes cerrados, e, minutos depois, ele morreu, ficando eu sozinho numa estepe, perdendo minha última esperança. Tentei seguir adiante a pé, mas as pernas me falharam: exaurido pelos reveses do dia e pela insônia, caí na relva molhada e rompi a chorar como uma criança.

E passei muito tempo deitado, imóvel, e chorei amargamente, nem tentando conter meus prantos e soluços; achei que meu peito fosse estourar; toda a minha firmeza e todo o meu sangue-frio esvaíram-se como uma fumaça; minha alma esmoreceu, meu juízo ficou calado, e, se alguém me tivesse visto naquele momento, ter-me-ia virado, com desprezo, as costas.

Quando o orvalho noturno e o vento serrano refrescaram minha cabeça ardente, quando meus pensamentos reouveram sua ordem normal, compreendi que era inútil e insensato correr atrás da minha felicidade morta. O que mais me seria preciso: vê-la? Mas para quê? Não estaria tudo acabado entre nós dois? Um só beijo de despedida, amargo como ele haveria de ser, não enriqueceria as minhas recordações, apenas seria mais difícil que nos separássemos depois dele.

Contudo, sinto prazer em poder chorar! De resto, pode ser que a causa disso resida nestes meus nervos desarranjados, naquela noite insone, nos dois minutos passados na mira de uma pistola e em meu estômago vazio.

É tudo para melhor! Aquele novo sofrimento, valendo-me do linguajar militar, efetuou uma diversão bem-sucedida em mim. Chorar é salutar, e depois é provável que, se não tivesse dado um passeio equestre nem sido forçado a caminhar, em meu regresso, por quinze verstas, não conseguisse pregar olho nem naquela outra noite.

Voltei para Kislovodsk às cinco horas da manhã, atirei-me sobre a cama e dormi como Napoleão após Waterloo¹³².

Quando acordei, já estava escuro lá fora. Sentei-me perto da janela aberta, desabotoei meu *arkhaluk*, e eis que o vento serrano refrescou meu peito ainda não acalmado pelo sono pesado de meu cansaço. Ao longe, do outro lado do rio, as luzes bruxuleavam, através das copas daquelas tílias espessas que o sombreavam, nas construções da fortaleza e do arraial. Estava tudo silencioso em nosso pátio, e a casa da princesa estava escura.

Entrou o médico. Veio franzindo a testa e, contra seu hábito, não me estendeu a mão.

— O senhor vem de onde, doutor?

— Da casa da princesa Ligovskáia; sua filha está doente: uma debilidade nervosa! Aliás, não se trata disso, mas do seguinte: a chefia está adivinhando, e, posto que não se possa provar nada positivamente, aconselho o senhor a ficar mais prudente. A princesa me disse agorinha que estava ciente de o senhor ter

duelado por causa da sua filha. Foi aquele velhinho – qual é mesmo o nome dele? – quem lhe contou tudo. Havia testemunhado sua rixa com Gruchnítiski no restaurante. Vim para avisá-lo. Adeus. Talvez não nos vejamos mais, já que vão mandá-lo para algum lugar...

Deteve-se à soleira: queria apertar-me a mão... e, caso eu lhe mostrasse a mínima disposição para tanto, acabaria por se atirar ao meu pescoço, mas permaneci frio que nem uma pedra, e ele saiu.

Que pessoas são essas? São todas iguais: conhecem de antemão todos os lados negativos de uma ação e ajudam, e aconselham, e até mesmo a aprovam por verem que nenhum outro meio seria possível, e depois lavam as mãos e viram, com indignação, as costas a quem tiver tido a coragem de assumir todo o peso da responsabilidade. São todas iguais, sim, até mesmo as mais bondosas e as mais inteligentes!...

Na manhã seguinte, ao receber a ordem de ir para a fortaleza de N. expedida pela chefia superior, passei pela casa da princesa a fim de me despedir.

Ela ficou surpresa quando, à sua pergunta se tinha algo de especial importância a dizer-lhe, respondi que lhe desejava felicidades e assim por diante.

— Pois eu preciso falar bem seriamente com o senhor.

Sentei-me, calado.

Era óbvio que ela não sabia por onde começar; seu rosto ficou rubro, seus dedos roliços tamborilavam na mesa; afinal, ela começou assim, com uma voz entrecortada:

— Escute, *Monsieur* Petchórin! Acredito que seja um homem nobre.

Incline a cabeça.

— Até mesmo tenho a certeza disso — prosseguiu ela —, muito embora sua conduta venha a ser algo duvidosa; aliás, o senhor pode ter alguns motivos que desconheço, e são bem eles que agora lhe cumpre confiar a mim. O senhor defendeu minha filha de uma calúnia e duelou por ela... consequentemente, arriscou sua vida. Não responda: eu sei que não vai confessá-lo, porque Gruchnítiski está morto (ela fez o sinal da cruz). Que Deus lhe perdoe a ele e, espero eu, ao senhor também! Quanto a mim, não ousou condená-lo, pois foi minha filha, ainda que de forma inocente, a causa daquilo. Ela me disse tudo... acho que foi tudo mesmo: o senhor lhe expressou seu amor, e ela lhe confessou o seu (dito isso, a princesa deu um suspiro penoso). Mas está doente, e tenho a certeza de não ser uma doença qualquer! É uma tristeza oculta que a mata; ela não o reconhece, mas estou segura de o senhor ser a causa disso... Escute: talvez o senhor ache que eu ande à procura de títulos, de uma enorme riqueza... dissuadase, pois, que desejo apenas a felicidade da minha filha. Sua situação atual não é

nada invejável, mas pode melhorar. O senhor tem uma fortuna, minha filha o ama e foi criada de maneira que há de tornar seu marido feliz... eu mesma sou rica, e ela é minha filha única. Diga então o que o retém! Está vendo: não deveria dizer tudo isso ao senhor, mas confio em seu coração, em sua honra; lembre-se de ser minha filha única... única...

Ela ficou chorando.

— Princesa — disse eu —, não me é possível responder à senhora. Permita-me falar com sua filha... a sós.

— Nunca! — exclamou ela, levantando-se, muito emocionada, da sua cadeira.

— Como quiser — respondi, aprontando-me para ir embora.

Ela se quedou pensativa, fez-me um sinal com a mão para que aguardasse e saiu.

Passaram-se uns cinco minutos; meu coração batia forte, mas meus pensamentos estavam calmos, e minha cabeça, fria: por mais que buscasse em meu peito ao menos uma faísca de amor pela charmosa Mary, meus esforços eram baldios.

Eis que as portas se abriram, e ela entrou. Meu Deus, como havia mudado desde que eu a vira pela última vez! Mas será que a vira há tanto tempo assim?

Chegando ao meio do cômodo, ela cambaleou; levantei-me num pulo, estendi-lhe a mão e conduzi-a até as poltronas.

Fiquei postado em sua frente. Calamo-nos por muito tempo; parecia que seus grandes olhos procuravam, cheios de infável tristeza, por algo semelhante a uma esperança nos meus; seus lábios descorados tentavam sorrir, mas em vão; suas mãos ternas, cruzadas sobre os joelhos, estavam tão magras, tão translúcidas, que senti pena dela.

— Princesa — disse —, a senhorita sabe que a tenho escarnecido! Deve desprezar-me...

Foi um rubor doentio que surgiu em suas faces.

Continuei:

— Destarte, a senhorita não pode amar-me...

Ela me virou as costas, acotovelou-se na mesa, tapou os olhos com a mão, e pareceu-me que neles brilhavam as lágrimas.

— Meu Deus! — pronunciou ela, quase inaudivelmente.

Aquilo vinha ficando insuportável: um minuto a mais, e eu cairia aos seus pés.

— Assim, a senhorita mesma está vendo — disse, com a voz mais firme possível e com um falso sorriso —: está vendo que não posso desposá-la; nem que

o quisesse agora, haveria de se arrepender em breve. Minha conversa com sua mãe fez que me explicasse com a senhorita tão sincera e tão brutalmente; espero que ela esteja iludida: a senhorita mesma vai desiludi-la com facilidade. Bem vê que estou desempenhando o papel mais deplorável e abominável aos seus olhos, e até mesmo o reconhecimento: é tudo o que posso fazer pela senhorita. Seja qual for a opinião desfavorável que tiver a meu respeito, submeto-me a ela... Sou um vilão aos seus olhos, está vendo?... Mesmo se já me amou, a senhorita me despreza a partir deste momento, não é verdade?...

Ela se voltou para mim, branca que nem mármore; apenas seus olhos irradiavam um brilho maravilhoso.

— Eu o odeio... — disse.

Agradei, saudei-a com uma mesura respeitosa e saí.

Uma hora depois, uma troica de posta me levava rapidamente embora de Kislovodsk. A algumas versts de Yessentuki, ao lado da estrada, reconheci o cadáver de meu feroso cavalo: sua sela fora retirada (provavelmente por um cossaco que passara por lá), e dois corvos estavam pousados em seu lombo, no lugar da sela. Suspirei e virei o rosto!...

E agora que estou aqui, nesta fortaleza entediante, pergunto-me amiúde, ao percorrer meu passado com um pensamento, por que não quis enveredar por aquele caminho que o fado abrira em minha frente, onde esperavam por mim várias alegrias pacatas e a paz de espírito... Não! Eu não me daria bem com aquele destino... Sou como um marujo nascido e crescido no convés de um brigue pirata: sua alma se habituou às tempestades e batalhas, e, uma vez largado em terra firme, ele se entedia e fica angustiado, por mais que o atraia um bosque sombroso, por mais que lhe brilhe um plácido sol; o dia inteiro, ele anda pela areia da praia, ouvindo o monótono rumorejo das ondas que acorrem, olhando para a imensidão nevoenta: será que vai surgir lá, naquela pálida linha a separar o abismo azul das nuvenzinhas acinzentadas, a vela cobiçada que se assemelha, de início, à asa de uma gaivota marinha, porém se aparta, pouco a pouco, daquela espuma das rochas costeiras e se aproxima, veloz, mas compassadamente, de um cais deserto?

1. Cidade das Cinco Montanhas (em russo): cidade balneária, fundada em 1780, e um dos principais centros da expansão colonial russa no Cáucaso. ↩

2. Alexandr Púchkin. *A Nuvem*, 1. ↩

3. Nome arcaico do monte Elbrus, o mais alto da Europa, que se encontra na parte ocidental do Cáucaso, próximo à fronteira da Rússia com a Geórgia. ↩

4. Par de lentes munido de um cabo longo e usado, na época descrita, como óculos. ↩

5. Jogo de baralho tido como ancestral do bridge, disputado por duas duplas de jogadores que recebem ao todo 52 cartas (Dicionário Caldas Aulete). ↩

6. Cinza de pérolas (em francês). ↔
7. Da cor castanha avermelhada (literalmente "da cor da pulga" em francês). ↔
8. À moda do mujique (em francês). ↔
9. Odeio os homens, meu caro, para não os desprezar, pois, do contrário, a vida seria uma farsa por demais repulsiva (em francês). ↔
10. Desprezo as mulheres, meu caro, para não as amar, pois, do contrário, a vida seria um melodrama por demais ridículo (em francês). ↔
11. A Igreja Ortodoxa russa festeja o Batismo de Cristo no dia 6 de janeiro, segundo o antigo calendário Juliano, e esse período é considerado o mais frio do ano. ↔
12. "O mais russo" de todos os sobrenomes russos. ↔
13. Alusão ao personagem da mitologia grega Endimião, lindo mortal pelo qual se apaixonou Selene, a deusa da Lua. ↔
14. Estudioso do crânio humano, cuja conformação era amiúde considerada, na época descrita, indicativa das qualidades morais e intelectuais de uma pessoa. ↔
15. Um dos nomes do diabo (veja, por exemplo, o drama *Fausto*, de Goethe). ↔
16. Sacerdotes que prediziam o futuro ao observarem o voo e o canto das aves, não raro vistos como charlatães na Roma antiga (Cícero fala sobre os adivinhos, que mal confiavam uns nos outros, em seu tratado *Da Adivinhação*). ↔
17. Fala abundante, confusa e ininteligível. ↔
18. Alusão ao engenheiro e cientista grego Arquimedes (cerca de 287-212 a.C.) que se teria declarado capaz de deslocar a Terra com a ajuda de uma alavanca adequadamente posicionada. ↔
19. Febre lenta (em francês): uma das denominações arcaicas da tuberculose pulmonar. ↔
20. Homem que se veste com uma elegância ostensiva e, muitas vezes, exagerada. ↔
21. Para fazer piquenique (em francês). ↔
22. Montanha das Serpentes, [montanha] Férrea e [montanha] Calva (em russo). ↔
23. Vestidos específicos que as mulheres usavam para montar. ↔
24. Grande cidade industrial e comercial, situada às margens do rio Volga, a leste de Moscou. ↔
25. Meu Deus, um circassiano (em francês). ↔
26. Não tema nada, minha senhora: não sou mais perigoso do que seu cavaleiro (em francês). ↔
27. Carroção rústico de duas rodas, bastante comum no Cáucaso ao longo do século XIX. ↔
28. Trata-se do povo *nogai* que habita o território do Daguestão. ↔
29. Dança de origem polonesa, muito popular, ao longo do século XIX, tanto na Rússia quanto no mundo inteiro. ↔
30. Armações de arame ou almofadas que se destinavam a avolumar os vestidos de gala usados no século XVIII, sob o "antigo regime". ↔
31. Fecho de um vestido (em francês). ↔
32. É impagável! (em francês). ↔
33. Obrigada ao senhor (em francês). ↔
34. A voz musical mais aguda, também denominada "soprano". ↔
35. Permita... (em francês). ↔
36. Para mazura (em francês macarrônico). ↔
37. Tédio profundo, melancolicamente poético, de que padeciam os heróis românticos do século XIX. ↔
38. Encantador! Delicioso! (em francês). ↔
39. Cidade das Águas Ácidas (em russo): balneário caucasiano fundado em 1803. ↔
40. Antiga medida de comprimento russa, equivalente a 4,445 centímetros. ↔
41. Trata-se do hussardo Piotr Kavêrin, amigo de Púchkin, que o mencionou no primeiro capítulo de seu "romance em versos" *Yevguêni Onéguin*. ↔
42. Apelido pejorativo dos judeus na Rússia. ↔
43. Revista mensal de conteúdo universal, editada em São Petersburgo de 1834 a 1865. ↔
44. Os servidores civis e militares do Império Russo dividiam-se em 14 classes consecutivas, sendo a 1ª

- (chanceler, marechal de exército ou almirante) a mais alta. ↔
45. Defronte [a ela] (em francês). ↔
46. Fonte de homônima água mineral, próxima a Kislovodsk e explorada desde a década de 1820. ↔
47. Guerreiros lendários, dotados, segundo a tradição folclórica russa, de força e bravura descomuns. ↔
48. Alexandr Griboiédov. *A Desgraça de Ser Inteligente*, Ato III, Cena 3 (citação alterada pelo autor). ↔
49. Trecho da dedicatória de *Yevguêni Onéguin*. ↔
50. Torquato Tasso. *Jerusalém Libertada*, Canto XIII. ↔
51. Protagonista da homônima novela publicada em 1819 (atribuída a Byron, mas, na verdade, escrita por John Polidori, seu médico particular), o qual era muito popular, apesar de sua crueldade patológica, junto ao público europeu. ↔
52. Pessoa encarregada de organizar um duelo. ↔
53. Seu coração e sua fortuna (em francês). ↔
54. Ditado russo que alude a uma escuridão absoluta. ↔
55. Sir Walter Scott (1771-1832): escritor britânico, de origem escocesa, cujos romances de cunho histórico (*Ivanhoe*, *Rob Roy*, *O Pirata*, *Quentin Durward*, *A Noiva de Lammermoor*, *A Lenda de Montrose*, entre outros) eram extremamente populares, mundo afora, na época descrita. ↔
56. Casação masculino de gola alta e rígida (arcaísmo russo). ↔
57. Reza a lenda que o ditador romano Caio Júlio César (100-44 a.C.) tropeçou a caminho do Senado, em cuja reunião seria atacado e morto pelos conspiradores republicanos. ↔
58. Acabou-se a comédia (em italiano). ↔
59. Alusão à batalha de Waterloo, perdida por Napoleão Bonaparte no dia 18 de junho de 1815. ↔

III. O FATALISTA

Aconteceu-me, certa feita, passar duas semanas morando numa vila de cossacos em nosso flanco esquerdo. Ali mesmo ficava um batalhão de infantaria; os oficiais se reuniam, alternadamente, uns nas casas dos outros e jogavam baralho à noite.

Certa vez, entediados com o bóston¹³³ a ponto de atirar as cartas para baixo da mesa, quedamo-nos por muito tempo na casa do major S., e nossa conversa não foi como de praxe, mas interessante. Discutíamos aquela crença muçulmana de que o destino do homem estaria escrito nos céus, a qual encontra também muitos adeptos em nosso meio cristão; cada um contava diversos casos extraordinários do pró ou do contra.

— Tudo isso, cavalheiros, não prova nada — disse o velho major. — É que nenhum dos senhores foi testemunha daqueles casos estranhos com os quais estão comprovando as suas opiniões...

— Nenhum, com certeza! — disseram vários homens. — Mas ouvimos pessoas confiáveis os relatarem...

— Tudo isso é uma bobagem! — disse alguém. — Onde estão essas pessoas confiáveis que viram a lista da qual consta a hora da nossa morte?... E, se houver mesmo alguma predestinação, então para que nos foram dadas a vontade e a razão? Por que é que nos cumpre prestar conta das nossas ações?

Nesse meio-tempo, um oficial que estava sentado no canto daquele cômodo ficou em pé e, achegando-se devagar à mesa, correu um olhar calmo e solene por todos. Era de ascendência sérvia, conforme indicava seu nome.

A aparência do tenente Vulić correspondia plenamente à sua índole. Sua estatura alta e tez morena, seus cabelos negros, seus olhos negros e penetrantes, seu nariz grande, mas harmonioso, característico da sua nação, um sorriso tristonho e frio que sempre tremeluzia em seus lábios — aquilo tudo parecia ajustado para lhe dar o aspecto de um ente incomum, incapaz de compartilhar suas ideias e paixões com quem o fado destinasse a ser seu companheiro.

Era corajoso, falava pouco, mas num tom brusco, não confiava os segredos de sua alma e de sua família a ninguém; quase não tomava vinho e nunca fazia a corte àquelas jovens cossacas cuja graça é difícil de conceber a quem não as tivesse visto. Diziam, porém, que a esposa do coronel não estava indiferente aos seus olhos expressivos, e ele se zangava para valer quando lhe aludiam a tanto.

Só tinha uma paixão que não ocultava, a do jogo. Uma vez à mesa verde,

esquecia-se de tudo e costumava perder, se bem que tais perdas contínuas não fizessem outra coisa senão atizar a sua obstinação. Contava-se que uma noite, durante uma expedição, ele fazia banca em cima de um travesseiro e tinha muitíssima sorte. De repente, ouviram-se tiros, foi dado o alarme, e todos se levantaram depressa e correram às armas. "Faça a última aposta!", gritou Vulić, sem se levantar, a um dos apostadores mais ardorosos. "O sete está saindo!", respondeu este, correndo para fora. Apesar da confusão generalizada, Vulić finalizou a cartada: a carta saiu.

Quando chegou à sua fileira, já havia um tiroteio intenso ali. Vulić não se importava nem com as balas nem com as *chachkas* chechenas: procurava pelo apostador sortudo.

— O sete saiu! — gritou, ao vê-lo enfim numa fileira de atiradores que começavam a expulsar o inimigo da floresta, e, aproximando-se dele, tirou seu porta-níqueis e sua carteira para entregá-los ao felizardo, por mais que este objetasse a tal pagamento inoportuno. Cumprido esse dever desagradável, arrojou-se para a frente, levando os soldados consigo, e ficou até o fim do combate, com total sangue-frio, trocando tiros com os chechenos.

Quando o tenente Vulić se achegou à mesa, todos se calaram esperando por algum rasgo original da sua parte.

— Cavalheiros... — disse ele (sua voz estava tranquila, embora um tom abaixo do som ordinário). — Cavalheiros, para que servem essas discussões ocas? Os senhores querem provas, e lhes proponho experimentarmos em nós mesmos se um homem pode voluntariamente dispor da sua vida ou se o momento fatal é destinado de antemão a cada um de nós... Quem se digna a tentar?

— Eu, não; eu, não! — ouviu-se de todos os lados. — Que esquisitão! Vem à cabeça uma ideia dessas...

— Proponho uma aposta — disse eu, gracejando.

— Qual é?

— Afirmo que a predestinação não existe — disse, espalhando umas duas dezenas de *tchervônets* (tudo quanto houvesse em meu bolso) por sobre a mesa.

— Aceito — respondeu Vulić com uma voz surda. — O senhor será nosso árbitro, major: aqui estão quinze *tchervônets*; o senhor me deve mais cinco e vai adicioná-los, por amizade, a estes.

— Está bem — disse o major. — Apenas não entendo, palavra de honra, de que se trata... nem como o senhor resolverá a disputa...

Calado, Vulić foi ao quarto do major. Fomos atrás dele. Vulić se aproximou da parede sobre a qual pendiam as armas e tirou de um prego, a esmo, uma das pistolas de diversos calibres; ainda não o compreendíamos, mas, quando ele a

engatilhou e derramou pólvora em sua escorva, muitos de nós, com um grito involuntário, seguraram-lhe as mãos.

— O que você quer fazer? Escute: é uma sandice! — gritaram-lhe.

— Cavalheiros! — disse ele, devagar, livrando as mãos. — Quem se dignaria a pagar vinte *tchervônets* por mim?

Todos se afastaram, calados.

Vulíć retornou ao outro cômodo e se sentou à mesa. Todos o seguiram. Ele nos convidou, com um gesto, a ficarmos sentados ao seu redor. Obedecemos em silêncio: naquele momento, ele adquiriu certo poder misterioso sobre nós. Fitei-o olho no olho, mas ele encontrou meu olhar perscrutador com o seu, calmo e imóvel, e seus lábios pálidos me sorriram. Contudo, apesar daquele seu sangue-frio, pareceu-me que percebia o selo da morte estampado em seu rosto pálido: tenho observado, e muitos velhos guerreiros têm confirmado esta observação minha, que o rosto de quem há de morrer dentro de poucas horas traz amiúde uma marca estranha de seu destino inevitável, de sorte que é difícil um olho acostumado errar quanto àquilo.

— O senhor vai morrer hoje — disse-lhe eu. Ele se virou depressa para mim, mas respondeu lenta e tranquilamente:

— Talvez sim, talvez não...

A seguir, dirigindo-se ao major, perguntou se a pistola estava carregada. Confuso como ficara, o major não se lembrava direito.

— Chega aí, Vulíć! — gritou alguém. — Decerto está carregada, já que pendia à cabeceira... Que vontade de brincar é a sua?

— Que brincadeira estúpida — replicou um outro.

— Aposto cinquenta rublos contra cinco que a pistola não está carregada! — gritou o terceiro homem.

Novas apostas foram feitas.

Aborreci-me com essa longa cerimônia.

— Escute — disse então —: ou o senhor se mata logo a tiro, ou pendura a pistola naquele lugar de antes, e vamos dormir.

— É claro — exclamaram vários homens —: vamos dormir mesmo!

— Cavalheiros, peço-lhes que permaneçam em seus lugares — disse Vulíć, aplicando o cano da pistola em sua testa. Todos se quedaram como que petrificados.

— Senhor Petchórin — acrescentou ele —, pegue uma das cartas e jogue-a para cima.

Lembro-me disso como se fosse hoje: peguei um ás de copas, que estava em cima da mesa, e joguei-o para cima; todos prenderam a respiração; todos os

olhares foram correndo, com uma expressão de medo e de certa curiosidade indefinida, entre a pistola e o ás fatal, que descia bem devagar, oscilando no ar. Naquele momento em que tocou na mesa, Vulić puxou o gatilho... a arma falhou!

— Graças a Deus! — exclamaram muitos de nós. — Não está carregada...

— Vejamos, pois — disse Vulić.

Tornou a engatilhar a pistola, mirou um casquete pendurado acima da janela... e o disparo soou, e a fumaça encheu o cômodo. Quando ela se dissipou, tiramos aquele casquete: estava furado bem no meio, e a bala ficara cravada na parede.

Por uns três minutos, ninguém conseguiu articular uma só palavra. Vulić colocou, tranquilíssimo, meus *tchervónets* em seu porta-níqueis.

Começou-se a discutir por que a pistola não disparara da primeira vez: uns afirmavam que a escorva estava provavelmente entupida, outros diziam cochichando que antes a pólvora estava úmida, e que depois Vulić teria adicionado um pouco de seca, porém eu mesmo declarei que a última suposição era injusta, porquanto não tirara, nesse tempo todo, os olhos da tal pistola.

— Tem sorte no jogo... — disse a Vulić.

— Pela primeira vez nesta vida — respondeu ele com um sorriso vaidoso. — É melhor do que a banca e o faraó¹³⁴.

— Mas um pouquinho mais perigoso.

— Pois enfim: o senhor passou a acreditar na predestinação?

— Acredito, sim... apenas não entendo agora por que me parecia que o senhor deveria sem falta morrer logo...

Repentinamente, o mesmo homem que acabara de mirar, tão calmo assim, sua própria testa enrubescceu e se confundiu.

— Todavia, já basta — disse, levantando-se. — Nossa aposta está terminada, e agora suas objeções me parecem inoportunas... — Pegou sua *chapka* e foi embora. Achei aquilo estranho, e não foi à toa!

Logo todos foram para casa, comentando, de várias maneiras, as esquisitices de Vulić e, provavelmente, chamando-me em coro de egoísta por ter apostado contra um homem que queria matar-se a tiro, como se fosse incapaz de encontrar uma oportunidade mesmo sem mim...

Voltando para casa, eu caminhava pelas ruelas desertas da vila; cheia e vermelha como o clarão de um incêndio, a lua se entremostrava de trás do horizonte denteado das casas; as estrelas brilhavam, plácidas, no firmamento azul-escuro, e pareceu-me engraçada a lembrança de ter havido outrora pessoas mui sábias a acharem que os astros celestiais viessem tomando parte em nossas contendas pírias por um pedacinho de terra ou por alguns direitos inventados...

Pois então? Aquelas lamparinas, acesas, na opinião delas, apenas para iluminarem as suas batalhas e festas, ardem com o mesmo brilho, enquanto suas paixões e esperanças se extinguíram, há muito tempo, junto com elas próprias, iguais a uma fogueirinha acesa por um peregrino despreocupado à ourela de um matagal. Mas, em compensação, que força de vontade é que lhes dava aquela certeza de o céu inteiro, com seus inúmeros habitantes, olhar para elas com uma compaixão invariável, embora muda!... E nós, seus míseros pósteros a vaguear pela Terra sem convicção nem orgulho, sem prazer nem medo, apenas com aquele receio involuntário que nos preme o coração ante a ideia de nosso fim inevitável, não somos mais capazes de grandes sacrifícios em prol da humanidade nem sequer pela nossa felicidade própria, por sabermos que ela é impossível, e assim seguimos caindo, indiferentes, de dúvida em dúvida, como nossos ancestrais iam caindo de ilusão em ilusão, mas sem termos, como eles, nenhuma esperança, nem sequer aquele deleite indefinido, embora verdadeiro, que a alma encontra em qualquer luta com as pessoas ou com o fado.

E eram muitos os outros pensamentos similares que transcorriam em minha mente; não os detinha, porque não gosto de me ater a qualquer ideia abstrata... aliás, para onde é que isso me levaria? Fui um sonhador em minha primeira juventude: gostava de fruir alternadamente as imagens ora sombrias, ora fulgentes, que pintava minha imaginação ansiosa e ávida. Mas o que foi que sobrou para mim daquilo tudo? Apenas um cansaço, como após um combate noturno contra um fantasma, e uma recordação vaga e cheia de lamentos. Naquela luta inútil, esgotei tanto o calor de minha alma quanto a constância de minha vontade, necessária para uma vida real; ingressei nesta vida, já depois de vivenciá-la em minha mente, e senti tédio e asco, como quem lesse uma imitação ruim de um livro conhecido havia tempos.

O incidente daquela noite me causara uma impressão assaz profunda e me excitara os nervos; não sei ao certo se acredito agora na predestinação ou não, mas, naquela noite, acreditava firmemente nela: a prova tinha sido contundente, e, apesar de ter zombado dos nossos ancestrais com sua solícita astrologia, eu mesmo segui, sem querer, o caminho deles, porém me detive, a tempo, naquele caminho perigoso e, tendo por regra não rejeitar nada em definitivo nem me fiar cegamente em nada, deixei a metafísica de lado e passei a olhar para o solo debaixo dos meus pés. E tal precaução veio bem a calhar: por pouco não caí ao tropeçar em algo grosso e macio, mas, pelo visto, morto. Inclinei-me – a lua já alumia o caminho em cheio – e o que foi que vi?... Era um porco cortado ao meio com uma *chachka* que jazia em minha frente. Mal tive tempo de examiná-lo quando ouvi o barulho de passos: dois cossacos saíram correndo de um beco

qualquer, e um deles se aproximou de mim e perguntou se eu não tinha visto um cossaco bêbado correr atrás de um porco. Anunciei-lhes que não encontrara um cossaco desses e apontei para a vítima desgraçada de sua valentia desenfreada.

— Mas que facínora! — disse o outro cossaco. — Quando se enche de *tchikhir*¹³⁵, sai logo picando tudo o que vir pela frente. Vamos atrás dele, Yereméitch: temos de amarrá-lo, senão...

Eles se afastaram, e eu continuei andando, com uma cautela maior, e finalmente alcancei, sem mais problemas, meu apartamento.

Morava na casa de um velho *uriádnik*, de quem gostava pela sua índole bondosa e, sobretudo, por ter uma filha bonitinha, chamada Nástia.

Como de ordinário, ela esperava por mim à portinhola do pátio, envolta numa peliçazinha; a lua iluminava seus labiozinhos, bonitos e azulados por causa do frio noturno. Ela sorriu ao reconhecer-me, porém não me interessei por ela. "Adeus, Nástia!", disse, passando ao seu lado. Ela quis responder algo, mas apenas deu um suspiro.

Fechei a porta do meu quarto atrás de mim, acendi uma vela e me atirei sobre a cama; entretanto, daquela vez, o sono me fez esperar mais do que de costume. O nascente já começava a branquejar quando peguei no sono, mas, pelo visto, estava escrito nos céus que não dormiria direito naquela noite. Às quatro horas da madrugada, dois punhos se puseram a bater à minha janela. Saltei da cama: o que era, hein?... "Levante-se, vista-se!", gritaram-me várias vozes. Vesti-me às pressas e saí. "Sabe o que aconteceu?", disseram-me, todos juntos, três oficiais que tinham vindo buscar-me; estavam pálidos como a morte.

— O quê?

— Vulić está morto.

Fiquei petrificado.

— Sim, assassinado — prosseguiram eles. — Vamos logo!

— Mas aonde?

— Saberá pelo caminho.

Fomos indo. Eles me contaram tudo o que acontecera, com certa mistura de observações variadas a respeito daquela estranha predestinação que o salvara de uma morte iminente meia hora antes que acabasse morrendo. Vulić caminhava sozinho por uma rua escura; foi aquele cossaco bêbado que cortara o porco em pedaços quem se deparou com ele e passaria, talvez, direto, sem o avistar, se Vulić não parasse de súbito nem dissesse: "Estás procurando por quem, maninho?" — "*Por ti!*", respondeu o cossaco, golpeando-o com sua *chachka* e rachando-o desde o ombro quase até o coração... Os dois cossacos que me tinham encontrado, ao passo que perseguiam o assassino, chegaram logo em seguida, levantaram o

ferido, mas este já estava nas últimas e disse apenas três palavras: "Ele tem razão!"¹³⁶. Só eu entendi o significado obscuro dessa frase, que se referia a mim mesmo: predissera, sem querer, seu destino àquele coitado. Meu instinto não me enganara, tendo eu, de fato, percebido o selo da próxima morte em seu rosto alterado.

O assassino se trancara numa casinha vazia, à margem da vila. Íamos bem ali. Muitas mulheres corriam, chorando, na mesma direção. De vez em quando, algum cossaco atrasado irrompia portas afora, prendendo, às pressas, seu punhal ao cinturão, e nos ultrapassava correndo. A confusão era terrível.

Chegamos, enfim, e vimos uma multidão rodear aquela casinha, cujas portas, assim como os contraventos, estavam trancadas por dentro. Os oficiais e cossacos discutiam calorosamente entre si; as mulheres berravam, pranteando e lamuriando. No meio delas, saltou-me aos olhos o semblante notável de uma velha, que manifestava um desespero maluco; ela estava sentada num grosso madeiro, acotovelando-se nos joelhos e apoiando a cabeça em ambas as mãos: era a mãe do assassino. Por momentos, seus lábios se moviam — sussurravam uma prece ou uma maldição?

Enquanto isso, precisava-se tomar alguma decisão para prender o criminoso. Ninguém ousava, porém, ser o primeiro a atacá-lo. Acheguei-me a uma das janelas e olhei pela fresta do contravento: pálido, ele estava deitado no chão, segurando uma pistola com a mão direita; sua *chachka* ensanguentada estava ao seu lado. Seus olhos expressivos giravam pavorosamente; de vez em quando, ele estremecia e agarrava a sua cabeça, como se relembresse vagamente o que ocorrera na véspera. Não li muita firmeza em seu olhar inquieto e disse ao major que não mandava à toa os cossacos arrombarem a porta e invadirem a casa, pois era melhor fazê-lo agora do que mais tarde, quando ele se tivesse completamente recobrado.

Entrementes, um velho capitão de cossacos acercou-se da porta e chamou-o pelo nome; o assassino respondeu.

— Pecaste, mano Yefímytch — disse o capitão —; assim, não tens mais o que fazer: rende-te!

— Não me renderei — respondeu o cossaco.

— Vê se temes a Deus, que não é um maldito checheno e, sim, um cristão honesto! Já que teu pecado te confundiu, não tens nada a fazer mesmo: não se foge do seu destino.

— Não me renderei! — bradou o cossaco, num tom ameaçador, e se ouviu o estalo da sua arma engatilhada.

— Ei, tia — disse o capitão àquela velha —: vai falar com teu filho, talvez ele

te ouça... Assim é só chamar pela ira de Deus. E olha só: esses senhores também já esperam há duas horas.

A velha olhou para ele com atenção e balançou a cabeça.

— Vassíli Petróvitch — disse o capitão de cossacos, achegando-se ao major —, ele não se renderá: eu o conheço; e, se arrombarmos a porta, matará muitos dos nossos. Talvez seja melhor o senhor mandar atirar nele: a fresta do contravento é larga.

Naquele momento, uma ideia estranha surgiu de relance em minha cabeça: igual a Vulić, tive a veneta de experimentar meu destino.

— Espere — disse ao major —: vou prendê-lo vivo.

Mandando o capitão travar uma conversa com ele e posicionando, junto à porta, três cossacos prontos a arrombá-la, com o sinal dado, e a socorrer-me, contornei a casinha e me aproximei da janela sinistra. Meu coração batia bem forte.

— Ah, maldito! — gritava o capitão. — Estás rindo da gente, hein? Será que pensas aí que não te pegaremos de jeito? — Começou a esmurrar a porta com a força toda; quanto a mim, apertei o olho à fresta para espiar os movimentos do cossaco, que não esperava por um ataque daquele lado... e, de repente, arranquei o contravento e me atirei, de ponta-cabeça, janela adentro. Um disparo soou bem acima da minha orelha, a bala me arrancou uma das dragonas. No entanto, a fumaça que encheu o quarto impediu meu inimigo de encontrar a *chachka*, que estava ao seu lado. Agarrei-lhe as mãos; os cossacos invadiram a casa, e mal se precisou de três minutos para amarrar o criminoso e levá-lo embora escoltado. O povo se dispersou. Os oficiais me parabenizaram, e houve, de fato, por quê!

Como não me teria tornado um fatalista depois daquilo tudo? Mas quem é que sabe ao certo se está convencido de alguma coisa ou não? E quão frequentemente é que tomamos uma ilusão de nossos sentidos ou uma falha de nosso juízo por uma convicção nossa?...

Gosto de pôr tudo em dúvida: esta disposição da minha mente não tem impedido meu caráter de ser resoluto — pelo contrário, no que me concernir a mim, sempre estou mais corajoso em ir para a frente quando não sei o que espera por mim. É que não se dará comigo nada pior do que a morte, e a morte é inevitável!

Voltando para a fortaleza, contei a Maxim Máxímytch tudo o que me acontecera e tudo quanto eu testemunhara, desejando saber que opinião ele mesmo tinha acerca da predestinação. De início, ele não entendeu essa palavra, mas eu a expliquei como pude, e ele me disse então, abanando a cabeça de modo significativo:

— Pois é, com certeza é um troço meio complicado! Aliás, esses gatilhos asiáticos falham com frequência, se estiverem mal lubrificados ou se a gente os apertar com pouca força... Confesso que também não gosto de espingardas circassianas; não convêm, de certa forma, à nossa estirpe: a coronha é pequena... já, já o nariz fica queimado! Por outro lado, as *chachkas* deles têm simplesmente todo o meu respeito!

Depois arrematou ao pensar um pouco:

— Pois é, a gente tem pena daquele coitado... Foi o demônio que o levou a conversar de noite com um bêbado!... Aliás, pelo visto, aquilo já estava escrito desde seu nascimento...

Não consegui mais nada com ele: de modo geral, Maxim Maxímytch não gosta de discussões metafísicas.

Fim.

-
1. Certo jogo com quatro baralhos de 52 cartas e fichas, disputado entre quatro parceiros (Dicionário Michaelis). ↵
 2. Antigo jogo de azar em que o banqueiro paga duplamente ao jogador que conseguir acertar a carta mais alta entre duas abertas; em caso de cartas iguais, as duas são recolhidas e o jogo recomeça (Dicionário Michaelis). ↵
 3. Vinho tinto artesanal, consumido, em proporções gigantescas, pelos cossacos aquartelados no Cáucaso. ↵
 4. Esta frase tem duas palavras no original russo. ↵

DA CÓLQUIDA ANCESTRAL À NOSSA ÉPOCA: OS CAMINHOS DE UM HERÓI VERDADEIRO

O romance *Herói da Nossa Época*, de Mikhail Lêrmontov, acaba de receber a tradução para o português, diretamente do russo, de Oleg Almeida. O texto, lançado em bom tempo pela Editora Lume, vem acrescido de notas explicativas do erudito tradutor.

Como filólogo e linguista, eu gostaria de começar o percurso da leitura da obra justamente por seus aspectos de história da língua, atrelados indissolivelmente à sua tessitura, tanto no plano do conteúdo (onde, quando e por que se passa o romance) quanto no plano da expressão (os aspectos filológico-linguísticos que precedem e atravessam o texto). É claro que a língua, como ponta de lança de qualquer cultura, joga luzes sobre cognições, comportamentos, atitudes, valores e éticas compartilhados, o que proporei como perspectiva possível para uma primeira ancoragem no texto.

O livro se inicia com a marcação muito precisa de seu local. Diz o primeiro narrador: "Eu regressava de Tiflis. Ia mudando de cavalos, e toda a carga da minha charrete consistia numa só mala, não muito grande, que estava cheia, pela metade, de minhas notas sobre a viagem pela Geórgia". (Lêrmontov, 2024, p. 15)

Em nota explicativa, Oleg nos instrui que Tiflis é uma "grande cidade transcaucasiana (atual Tiblissi, a capital da Geórgia)". Oleg nos ensina ainda que "os topônimos constantes do texto autoral são citados majoritariamente em sua forma arcaica, da qual os russos se valiam na primeira metade do século XIX".

Ou seja, é sabido, logo de saída, que, na obra, damos nossos primeiros passos na Geórgia da primeira metade do século XIX, num mundo de arcaísmos e arquétipos.

O que move a atenção imediata do filólogo é a situação geográfica e histórica que essa constatação constrói, enriquecida com as observações sobre uso arcaico de topônimos. Isso se dá pelo fato de que a formação étnica, antropológica e linguística desse povo em particular é da maior relevância para os estudos de humanidades e ciências humanas, sobretudo os de viés culturalista; e, ainda mais especificamente, aqueles cujo embasamento busca a filologia e a antropologia como lastros.

Quando falamos em *filologia românica*, precisamos entender que a episteme

abraçada pelo conjunto de disciplinas encampadas pelo conceito vai muito além do gentílico descrito: "românica", que significa também (mas não somente) [filologia] "relativa à Roma antiga".

O fato é que todo o estudo romanista precisa partir, na verdade, de uma pesquisa apurada a respeito da parte oriental da atual Rússia – incluindo a Geórgia, citada logo na primeira frase do romance –, onde os migrantes pioneiros da atual civilização do Ocidente pisaram quando se fala de formação de povo e de povoamento originário do solo europeu, começando dali a forjarem-se as questões etnoculturais que envolvem a arqueologia e a antropologia românicas espalhadas posteriormente não só por toda a Europa, como também por África, Ásia, América, Oceania.

Em sentido estrito, quando falamos em filologia românica, é certo que logo pensamos, sim, na língua do Latium, o latim. Como eu costumo dizer, a proto-história do latim aponta como uma língua quase mítica, que não deixa de aparecer na noite dos tempos dos relatos orais da tradição de Homero (*Iliada* e *Odisseia*), à qual retornarei, e no texto escrito de Virgílio (*Eneida*); entre tantos outros. Em todos eles há, em algum ponto, menções à nascente do povo e da língua latinos.

Porém, muito antes dessa proto-história mítica, cerca de 5000 anos antes de Cristo (portanto já dentro da Revolução Agrícola ou Neolítica estabelecida em quase todo o mundo dito civilizado), há elementos materiais, empíricos e cheios de historicidade, apontando para um povo cujos membros se chamavam *áriais*. Esse povo falava um idioma que recebe os nomes de indo-europeu, indo-germânico ou mesmo, simplesmente, árico.

Tal idioma é considerado extinto: a extinção de uma língua se dá quando não há disponível nenhum registro escrito direto; diferentemente de línguas mortas, que são aquelas que, embora não mais adquiridas por meio vernacular ou materno por uma comunidade falante, guardam ainda documentos escritos ou registros de sua existência, ainda que rudimentares, como é o caso das inscrições nas paredes de Pompeia (eternizadas pelo Vesúvio) ou mesmo nas lápides da România. Assim, o indo-europeu é língua extinta, ao passo que o latim é língua morta.

O indo-europeu ostenta essa nomenclatura pelo fato de ser usado, então, em praticamente toda a atual Europa e também na atual região da Índia. Como não há evidência escrita de nenhuma espécie dessa protolíngua e desse protopovo, dá-se-lhes, com frequência, um tratamento quase mitológico, não faltando, nem mesmo nos relatos escritos e orais sobre a origem, por exemplo, do império romano, supostas explicações que tangenciam ou cruzam em cheio as lendas e as

narrativas divinas, heroicas e míticas, que, com efeito, povoam as margens e as entrelinhas do texto de *Herói da Nossa Época* (por exemplo, com o encontro com o Rouxinol do Mal, personagem do folclore russo, ou a lenda da cruz erguida pelo imperador Piotr I, ou a presença de *russalkas*).

Essa ligação com o épico da Antiguidade é explicitada no romance: "Então, olhando um nos olhos do outro de modo significativo, como faziam, no dizer de Cícero, os áugures romanos, rompíamos a gargalhar e nos separávamos, ao gargalharmos à farta, contentes com nossa tertúlia". (Lêrmontov, 2024, p. 116)

Esse protopovo eslavo era tão importante e reconhecido como precursor, que o Império Romano lhe chamava particularmente por um título: Cólquida, região exata e precisa de onde parte o romance, que na mitologia grega era o local onde o Velocino de ouro repousava.

Mostro, em livro meu, que "Meillet, Benveniste e Martinet situam as origens desse povo no Sudeste da atual Rússia, mais de 5000 anos antes da nossa era. Esse povo não deixou documentos, como foi dito, mas deixou resquícios arqueológicos significativos" (Caetano, 2018, pp. 41-42, grifo meu¹³⁷).

O sudeste da atual Rússia é exatamente a região da Geórgia e as cercanias do mar Negro e do Cáucaso (a Cólquida), espaço citado no romance para cravar o amor e o ódio ancestrais (inconscientes) dos personagens e do autor em relação àquela origem. Alguns exemplos:

"A sentinela, um daqueles cossacos do mar Negro, ouviu o tilintar da sineta e bradou, mal acordado, com uma voz selvagem: 'Quem está aí?'. Saíram o *uriádnik* e o *deciátnik*." (Lêrmontov, 2024, p. 85)

"— A coisa não está limpa aqui! Encontrei hoje um *uriádnik* daqueles cossacos do mar Negro; eu o conheço, que esteve, no ano passado, em nossa tropa." (Lêrmontov, 2024, p. 91)

Esse protopovo (os indo-europeus ou árias), estabelecido primeiramente nesses arrabaldes do sudeste do mar Negro, ainda com características nômades, apesar de já ter havido então o Holoceno e a Revolução Agrícola ou Neolítica, deflagrou sua cultura por toda a Europa e Ásia e, secundariamente, para além desses domínios. Tais movimentos migratórios caldearam-se com povos e culturas de outros locais, havendo amálgamas (ou adstratos, para usar terminologia filológica) entre eles. Isso explica grande parte dos idiomas falados hoje no Ocidente e no Oriente, como o hitita, o tocário, o indo-iraniano, o grego, o ítalo-celta, o germânico, o báltico, o eslavo, o albanês e o armênio.

Na deflagração, portanto, daquele protoidioma indo-europeu ou árico, subjaz a formação do ramo índico, do ramo iraniano, do grego e dos subramos celta, setentrional (nórdico), germânico ocidental, eslavo meridional, eslavo ocidental,

eslavo oriental e itálico.

Vemos assim por que o estudo da filologia românica, como concebida por exemplo por Friedrich Diez, Wilhelm Meyer-Lübke, Arsène Darmesteter, Hugo Schuchardt, Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Manuel Said Ali, Antenor Nascentes e outros, pode perfeitamente fincar seu marco miliário na região em que *Herói da Nossa Época* se constrói, com sua fusão antropológica à área e ao tempo específicos – não se trata de um herói qualquer, mas de um herói da *nossa* época.

Darcy Ribeiro, etnógrafo capaz de explicar e entender (*erklären e verstehen*, no binômio de Freud) a formação de povos originários e sincréticos, autóctones e alóctones, nos dá notícias dos russos ao tratar do que ele nomeia sabiamente, no âmbito europeu, como "povos germinais", no capítulo 3 ("O Processo Civilizatório") de *O Povo Brasileiro: a formação e o sentido de Brasil*, quando retoma a questão europeia que antecede a chegada de ibéricos e outros povos ao Brasil:

Nações germinais, como Roma no passado, foram os iberos, os ingleses e os russos no mundo moderno. Cada um deles deu origem a uma variante ponderável da humanidade – a latino-americana, a neobritânica e a eslava –, criando gentes tão homogêneas entre si, como diferenciadas de todas as demais. Estranhamente, a Alemanha, a França e a Itália, tão realizadas e plenas como ramos da civilização ocidental, não foram germinais. Fechadas em si, feudalizadas, ocupadas em dissensões com suas variantes internas, elas não se organizaram como Estados nacionais nem exerceram papel seminal (Ribeiro, 2006, p. 59¹³⁸, grifos meus).

Reitero que eu desejei esboçar esse panorama étnico e linguístico para realçar o caráter arcaico de verdadeiro povo originário que pode classificar os russos, sobretudo os que aportaram precisamente naquele lugar que abre o romance de Lêrmontov. Podemos mesmo compreender que os aborígenes americanos e os autóctones australianos ou neozelandeses estão, do ponto de vista antropológico, no mesmo escaninho que a filologia reserva ao povo russo em geral e ao georgiano em particular: todos são povos originários.

Isso diz muito do estrato de cosmovisão que subjaz à leitura da obra. E a própria descrição iterada do Cáucaso (de onde vem a etnia caucasiana) é guindada de simples espaço cenográfico ou geográfico para a condição de uma verdadeira cosmovisão, modo de ser e estar no mundo, *Weltanschauung*, ou, para seguir na seara da epistemologia alemã, *Geist* (com e sem *Zeit*).

Fornecidas essas bases antropológicas do povo em questão, gostaria agora de partir a uma possibilidade de itinerário pela obra. Não farei, portanto, uma paráfrase ou sinopse – tampouco uma resenha – do livro, mas, sim, um convite, no terreno do ensaio, para um conjunto de possibilidades de aparato crítico que,

a meu ver, podem se unir à riqueza do texto de Lêrmontov, e apontar-lhe prismas possíveis. Quero, modestamente, fornecer elementos que desejo como complementares à leitura de uma obra loquaz, que fala perfeitamente bem por si mesma, não necessitando, portanto, de quem a explicite ou explique, mas, como almejo, apenas de proposições que possam (ou consigam) enaltecê-la.

Deixo de antemão avisado, ecoando com o prefácio presente na abertura do próprio livro, que essa parte metatextual pode se prestar a ser lida no início ou no fim. Desejável me seria, como ao autor, que, num ou noutro caso, ele ao menos o fosse. Diz assim o prefácio da obra:

Em qualquer livro que houver, o prefácio é a primeira e, ao mesmo tempo, a última coisa, a qual se destina ora a explicar o propósito da obra, ora a justificá-la e a servir de resposta às críticas. Mas, de ordinário, os leitores não se interessam pelo propósito moral nem pelas invectivas das revistas e, portanto, não leem prefácios. É pena que seja assim, sobretudo aqui conosco. Nosso público está ainda tão jovem e ingênuo que não compreende uma fábula se não encontrar uma moralidade que a conclua (Lêrmontov, 2024, p. 11).

A primeira grande questão que me confronta é, para ser bem pedagógico, o título da obra: *Herói da Nossa Época*.

Há uma interpretação que poderia ocorrer de modo mais, digamos, cômodo (para não ser indelicado e dizer: *preguiçoso*); qual seja a tentativa de chancelar Petchórin, o *herói* a que alude o título, não como um *herói*, mas como um *anti-herói*, concluindo, assim, que se trata de uma simples ironia presente no título.

O problema desse primeiro passo interpretativo não está exatamente na sua proposta, mas em fechar-se em si mesma de tal modo, que condicionasse a leitura de toda a obra por um trajeto unívoco e uníssono que nem de longe ocorre de fato nas camadas mais profundas que jazem nas linhas do romance. Essa profundidade, com efeito, é a razão que primeiramente explica o porquê de eu ter iniciado este meu texto suplementar com a reconstrução antropológica *ab ovo* da população à qual pertence o nosso herói Petchórin. Logo de saída, como mostrei, vemos que ele provém de um povo originário e, pois, o impacto de suas ações, omissões e pensamentos na obra fala através da máscara de uma ancestralidade que enraíza as éticas e estéticas de parte significativa de nossa civilização ocidental – a caucasiana.

O primeiro grande equívoco que ocorre, com efeito, é a tentativa de se separar de modo cartesiano o herói do anti-herói, como se fossem categorias antagônicas e antípodas. E, decorrendo desse pensamento, propor que, em sendo um anti-herói, toda a leitura dos atos de Petchórin haveria de ganhar, pela lente do leitor, um contorno, um halo condescendente, irônico, permissivo, patético, inercial, cético, cínico.

Cabe perguntarmos, então: o que significa ser um *herói* na narrativa ficcional? E, no esteio do que vem sendo dito: o que significa ser um *anti-herói* no mesmo gênero?

Mais uma vez, recorro ao prefácio da obra, que já deixa semiaberta a porta por onde pretendo entrar: "*Nosso público está ainda tão jovem e ingênuo que não compreende uma fábula se não encontrar uma moralidade que a conclua*".

Seguindo essa lamúria exalada no prefácio da obra, admitimos: o que diferencia um herói de um anti-herói, nessa métrica simplória, seria apenas, e exatamente, uma fantasmática "moralidade", que nos seria apresentada como um recurso fácil para fornecer zona de conforto a um público ainda "tão jovem e ingênuo".

Quero dizer o seguinte: Petchórin é o representante completo de um verdadeiro *herói*, e *épico* – de uma determinada *época*, fique claro –, uma vez que preenche todos os requisitos para a construção heroica que o cria e encerra, sem haver desnecessária monumentalização desse processo. O herói, como proponho, não precisa ser grandioso, catedralesco, suntuoso, exemplar; muito menos "moral".

O que o herói precisa é seguir um caminho que é perfeitamente seguido por Petchórin, do início de sua saga ao fim de suas façanhas nada extraordinárias e até mesmo mezinhas, o que o torna representante de toda uma época, transcendendo sua individualidade, como sói ocorrer aos heróis.

Primeiramente, é importante mostrar que o terreno privilegiado do herói moderno (o herói de nossa época, literalmente) não está no gênero lírico ou dramático, nem, tampouco, na arquitetura do verso, mas, sim, no gênero épico (percorrendo a primeira tripartição proposta por Aristóteles), revestido da sementeira da prosa, como concorda Lukács:

Se a atividade do escritor é uma exumação do sentido soterrado, se seus heróis têm primeiro de romper seu cárcere e conquistar a almejada pátria de seus sonhos, livre do fardo terrestre, à custa de duros combates ou em penosas peregrinações, então o poder do verso não basta para transformar essa distância – cobrindo o abismo com um tapete de flores – em caminho transitável (Lukács, 2007, p.57¹³⁹).

Para Aristóteles, o herói é alguém que primeiramente precisa ser arremessado no vale dos conflitos (que ele chamava de catábase), percorrer intrépido e destemido esse vale, para uma ascensão redimida no cume de montanhas e constelações laudatórias (a anábase). É assim que Vasco da Gama contempla do alto a "máquina do mundo" em Camões (que Drummond relê em seu poema homônimo); que Hércules se transforma em constelação, assim como Macunaíma.

Mas não podemos esquecer que um dos heróis homéricos de maior potência prototípica no imaginário ocidental não é outro senão Odisseu¹⁴⁰, cujo heroísmo não está em ter vencido ou perdido a guerra de Troia (na *Iliada*), mas exatamente em ter conseguido retornar para o relento do lar, incólume, no livro que lhe presta um louvor tão intenso, que chega a ter seu nome como título – *Odisseia*. O próprio heroísmo do Quixote não foi a busca por Dulcineia del Toboso, que ele nunca achou de fato, nem as modificações na urdidura do mundo, em que ele também fracassou. O heroísmo quixotesco se encontra na lucidez, consciência derradeira de que tudo o que ele recolhera dos livros não passava senão, como diria Derrida séculos depois, de "rastros de rastros". O mesmo se deu com a heroína Emma Bovary, a propósito.

Portanto, esses são heróis que evidenciam e encarecem o nosso Petchórin, cuja grande empreitada, ascensão e anábase, anunciada no capítulo derradeiro do livro, foi ter alcançado o grandioso mérito e laurel de se tornar tão somente – "O fatalista". Nesse apogeu de nosso herói, ele diz: "Discutíamos aquela crença muçulmana de que o destino do homem estaria escrito nos céus, a qual encontra também muitos adeptos em nosso meio cristão; cada um contava diversos casos extraordinários do pró ou do contra" (Lêrmontov, 2024, p. 209).

Mais adiante, ele prossegue:

Fui um sonhador em minha primeira juventude: gostava de fruir alternadamente as imagens ora sombrias, ora fulgentes, que pintava minha imaginação ansiosa e ávida. Mas o que foi que sobrou para mim daquilo tudo? Apenas um cansaço, como após um combate noturno contra um fantasma, e uma recordação vaga e cheia de lamentos (Lêrmontov, 2024, p. 216).

Num ato supremo de heroísmo, Petchórin vence a própria morte, ao compreender e aceitar, sem retroceder:

Gosto de pôr tudo em dúvida: esta disposição da minha mente não tem impedido meu caráter de ser resoluto – pelo contrário, no que me concernir a mim, sempre estou mais corajoso em ir para a frente quando não sei o que espera por mim. É que não se dará comigo nada pior do que a morte, e a morte é inevitável! (Lêrmontov, 2024, p. 221).

Desçamos, agora, à catábase de nosso herói, ao vale de suplícios e contendas que ele precisa enfrentar para sair, como de fato saiu, transformado em outra pessoa. Ou, melhor dizendo, com a força de Píndaro, o vale de onde ele saiu *tornado aquele que ele sempre foi*.

Antes, um outro princípio frequentemente negligenciado de Aristóteles quando desejamos, por alguma razão, reconhecer heróis ou ao menos traços de heroísmo na literatura. Trata-se do que o mestre de Estagira chamava de Ethos, que é a capacidade que um personagem precisa deter para alçar ao posto de herói,

de conseguir falar não apenas por si, enquanto indivíduo ou sujeito, mas por sua comunidade.

É isso que, mais uma vez, vem explicitado por Lukács:

O herói da epopeia nunca é, a rigor, um indivíduo. Desde sempre, considerou-se traço essencial da epopeia que seu objeto não é um destino pessoal, mas o de uma comunidade. E com razão, pois a perfeição e completude do sistema de valores que determina o cosmos épico cria um todo demasiado orgânico para que uma de suas partes possa tornar-se tão isolada em si mesma, tão fortemente voltada a si mesma, a ponto de descobrir-se como interioridade, a ponto de tornar-se individualidade. A onipotência da ética, que põe cada alma como única e incomparável, permanece alheia e afastada desse mundo (Lukács, 2007, p. 67).

Isso fica compreensível quando observamos que a narração do romance, mesmo mudando de voz, de timbre e de dicção, é reiterativa ao estabelecer tantas vezes as características étnicas, antropológicas, linguístico-filológicas, religiosas etc. dos povos que se encontram no desenrolar da epopeia romanesca. Aqui, mais uma vez, vale ressaltar o motivo pelo qual decidi começar este texto remontando às origens antiquíssimas – e mesmo primordiais, seminais, germinais, arcaicas e originárias – da comunidade que se vê presentificada na voz e na vez de Petchórin: os indo-europeus ou áricos recém-aportados ao mundo ocidental pelo grande portal caucasiano dos arredores do sudeste da atual Rússia e circunvizinhança. A Cólquida, lar do Velocino de ouro.

Sobre o Ethos russo, levado às costas por nosso herói sobre seu cavalo (mesmo que de modo manirrotto), retornando agora ao plano da expressão da língua (dessa vez por um viés da estilística), podemos recorrer à ideia de Chklovski ao desenvolver hipóteses que levam o trivial e corriqueiro ao nível do notável e sublime, ou vice-versa, no espaço linguístico eslavo em particular:

Ánnenski, por exemplo, atribuía à língua eslava um caráter particularmente poético; Andrei Biéli admira nos poetas russos do século XVIII um procedimento que consiste em colocar os adjetivos depois dos substantivos. Biéli maravilha-se com esse procedimento como se fosse artístico, ou, mais precisamente, considera-o artístico e intencional, quando, na verdade, não era mais do que uma particularidade geral da língua (influência do eslavo eclesiástico). O objeto pode ser então: 1) criado como prosaico e percebido como poético; 2) criado como poético e percebido como prosaico. Isso indica que o caráter estético de um objeto – o direito de ser vinculado à poesia – é fruto de nossa percepção. Chamaremos de objetos estéticos, no sentido estrito da expressão, somente os objetos criados mediante procedimentos especiais, cuja finalidade consiste em, sempre que possível, atingir uma percepção estética (Chklovski, 1973, p. 157¹⁴¹).

Por fim, a descida ou catábase – ética e estética – de nosso herói se dá, prioritariamente (mas não exclusivamente), no seu convívio canhestro com as mulheres que lhe cruzam o caminho.

No clássico *O Herói de Mil Faces*, Joseph Campbell descreve minuciosamente

o descenso do homem comum, o qual lhe concede, a partir do enfrentamento de múltiplos perigos, reais ou imaginários, físicos ou metafísicos, a possibilidade de metamorfosear-se em herói. Nesse âmbito, podemos concluir, a frase de Freud que nos é tão conhecida sintetiza parte do que vimos mostrando. Diz Freud: "Todo neurótico é Édipo ou Hamlet" – um aforismo de *Herr Doktor* que escolhe dois heróis dramáticos que têm em comum uma relação de inconsciência, Eros e Tânatos, pulsão de vida e de morte com o mais arcaico, prototípico e arquetípico das mulheres: a mãe. As rainhas Jocasta e Gertrudes são as grandes causadoras das feridas sagradas, como diria Castañeda ou mesmo Nietzsche, capazes de fazer aflorar o heroísmo em forma de humanidade e consciência em Hamlet e Édipo.

O próprio contexto de Latino, herói que deu nome ao povo que vigoraria por séculos, é fruto de uma trama de encontros, desencontros, assassinatos, magias e incestos envolvendo Odisseu, Penélope, Circe, Telêmaco e Telêgono.

Campbell trata assim o herói em nós em sua seção "A mulher como tentação":

O inocente deleite de Édipo, em sua primeira posse da rainha, torna-se agonia de espírito quando ele descobre quem a mulher é. Tal como Hamlet, ele se encontra acossado pela imagem moral do pai. E, tal como aquele, deixa os agradáveis contornos do mundo para buscar, nas trevas, um reino mais elevado que o da mãe luxuriosa e incorrigível, afetada pelo incesto e pelo adultério. Aquele que busca a vida além da vida deve labutar por ultrapassar a mãe, superar as tentações do seu chamado e lançar-se ao éter imaculado que se acha além (Campbell, 1997, p. 69¹⁴²).

Trazendo, antes, o herói ficcional à estrutura do Inconsciente (*Unbewusste*) ou do que há de inconsciente (*unbewusst*) em nós, Campbell elucida:

No consultório do psicanalista moderno, os estágios da aventura do herói ainda vêm a lume nos sonhos e alucinações dos pacientes. Camada após camada de falta de autoconhecimento é penetrada, exercendo o analista o papel de auxiliar, de sacerdote iniciatório. E, sempre, passados os primeiros percalços da jornada, a aventura se desenvolve, seguindo uma trilha de trevas, horror, desgosto e temores fantasmagóricos (Campbell, 1997, p. 68).

Em obra de minha autoria, trato do herói introjetado e de seu papel na ficção-realidade que caracteriza a recriação psicanalítica:

Nesse tom é que o terapeuta é um pedagogo, no sentido de que não impõe verdades prontas ao paciente, mas caminha ao seu lado dando-lhe lunetas, mapas e bússolas que lhe mostrem suas responsabilidades, suas escolhas (não como imaginários fardos ou culpas de um passado, quase como se fossem "carmas"), seu Inconsciente desnudado para que não "volte como destino", como lembra Jung, suas ressignificações saudáveis, suas reflexões acerca de uma coerência que é só dele, paciente, e que, por essa particularidade, faz dele um herói ou heroína de sua própria jornada (Caetano, 2022, pp. 65-66¹⁴³).

A presença das mulheres no romance acusa uma espécie de fastio em

Petchórin, certo fascínio (emoção que se encontra entre o Consciente e o Inconsciente) e certo desdém ao mesmo tempo. Esse fastio, ou "cansaço", como ele próprio expressou há pouco, como mostrei, no capítulo derradeiro da obra *O Fatalista*, não poderia ser encarado como o de um herói moderno (afinal, de nossa época) que já não cai mais nas artimanhas arcaicas das supermães projetadas na figura da mulher e atualizadas em arapucas recicladas da grande época?

Para não parafrasear o romance ou sintetizá-lo, como disse desde o início que não o faria, posso apenas bosquejar as principais mulheres do texto e fragmentar suas relações com nosso herói.

A personagem Bela (num antropônimo que é ao mesmo tempo um adjetivo vago e lírico) é frágil, distante, muçulmana e lívida. Petchórin lhe devota inicialmente seu suposto desejo, um possível amor àquela fragilidade languescente, apenas para descobrir que sua morte acidental lhe fora, de certa forma, um alívio:

"Escuta, minha querida, minha bondosa Bela!", continuou Petchórin. "Tu vês como eu te amo; estou pronto a gastar tudo para te alegrar; quero que sejas feliz e, se ficares triste de novo, vou morrer. Diz-me se ficarás mais alegre!" Ela se quedou pensativa, sem despregar seus olhos negros dele, depois sorriu carinhosamente e inclinou a cabeça como quem consentisse. Ele segurou sua mão e se pôs a exortá-la para que o beijasse; ela se defendia, fraquinha, e repetia apenas: "Pod favod, pod favod... na façás, na façás!". Ele passou a insistir; ela ficou tremendo, chorando. "Sou tua cativa", dizia, "tua escrava... é claro que tu podes forçar-me", e chorava de novo (Lêrmontov, 2024, pp. 40-41).

Também o episódio com a jovem menina que o seduz e o leva, numa barca, ao imo do mar Negro aponta conflito inerente entre Petchórin e as mulheres, como causadoras do mal (necessário) através do qual a sagração do herói precisa germinar, ao permitir que este atinja consciência de si mesmo e do fatalismo da vida:

E sua face se apertou à minha, e senti seu alento fogo sobre meu rosto. De súbito, algo caiu, com um baque, n'água; rápido, apalpei meu cinturão, mas a pistola não estava mais nele. Oh, foi então que uma suspeita terrível se insinuou em minha alma, e o sangue me afluíu à cabeça. Olho ao redor: estamos a cerca de cinquenta braças da costa, e não sei nadar! Quero afastá-la com um empurrão, mas ela se agarra, feito uma gata, às minhas roupas, e eis que um empurrão repentino e forte por pouco não me arremessa ao mar. A barca ficou balançando, mas eu me equilibrei, e foi uma luta desesperada que começou entre nós; a fúria me provia de forças, porém logo percebi que minha adversária me excedia em destreza... "O que tu queres?", gritei, apertando, com muita força, suas mãozinhas. Os dedos da moça estalejavam, mas ela não chegou a gritar: sua natureza viperina aguentou essa tortura (Lêrmontov, 2024, pp. 97-98).

Quando Petchórin finalmente consegue se desvencilhar da menina com imensa dificuldade, apesar de ele ser um soldado e ela uma franzina moça de pouco mais de dezoito anos de idade, observamos que a "tentação da mulher", de

que nos falou Campbell, aparece aqui ecoando as armadilhas do canto da sereia de que o próprio Odisseu, de outra forma, também se desvencilhou, vencendo-a.

Ele próprio reflete consigo mesmo acerca de suas habilidades, mostrando, desde o início, sua vocação heroica de seguir o oráculo de Apolo que ensina "Conhece-te a ti mesmo" como grande apanágio da jornada heroica de cada um de nós. Diz Petchórin ao fim da primeira parte do romance, num balanço de suas atitudes, num exame de consciência já lúcido: "E não seria ridículo reclamar à minha chefia de ter sido roubado por um garoto cego e quase afogado por uma moça de dezoito anos?" (Lêrmontov, 2024, p. 100)

A relação com Mary, uma *princesa*, por quem nosso herói parece apaixonado, não é menos malfadada. Temendo que algum leitor tenha optado por ler este ensaio antes do livro, direi apenas que, mais uma vez, o amor de nosso herói, sua ferida aberta e sua fragilidade não são capazes de vencer, destruir e superar seu verdadeiro heroísmo: o fatalismo por meio do qual ele sai vitorioso diante de todas as tentações que se lhe deparam.

A própria Vera desperta em Petchórin sentimentos e sensações ambíguas que não são, tampouco, capazes de demovê-lo de sua jornada heroica e épica para dentro de si mesmo, fazendo, mais uma vez, convergir o herói da epopeia e o herói do *setting* psicanalítico a que aludiu Campbell há alguns instantes.

A pretensa "misoginia" de Petchórin (conclusão que me parece, mais uma vez, cômoda ou preguiçosa) não seria uma forma de revelar uma relação arcaica reconstruída com o feminino e mais especificamente com a mulher? Não seria a narrativa isotópica de uma relação polissêmica que vimos em Jocasta e Gertrudes (mas também em Penélope e Circe), atualizada para a *nossa época* com o nosso herói em Bela, "a sereia" do Cáucaso, Mary, Vera?

Toda essa jornada e série de façanhas de Petchórin são emolduradas por aquela longínqua advertência no prefácio com que o autor (um dos narradores ontológicos da obra) abre o romance:

Todavia, não pensem depois que o autor deste livro tenha tido, nalgum momento, aquele sonho ativo de se tornar um corretor de vícios humanos. Deus o livre de uma bronquite dessas! Apenas se comprova em pintar um homem moderno, tal como ele o compreende e tal como o tem encontrado, para nossa desgraça comum, com demasiada frequência. Basta apenas ter apontado a doença, mas de que maneira se pode curá-la... só Deus é que sabe disso! (Lêrmontov, 2024, p. 12)

No mais, o texto fala por si próprio, e leva nossa alma a longas jornadas noite adentro ou a jornadas ao redor de nossos próprios quartos, em busca de tempos perdidos em nossa própria época, que, no fundo, é tudo o que temos. Como quer que seja, a leitura cria estranhamentos e perspicácias a que não conseguiríamos chegar sem a destreza de Lêrmontov neste seu *Herói da Nossa Época*. Um texto

fundamental, que, não à toa, inspirou profundamente, de forma definitiva, seus pósteros da literatura.

Marcelo Caetano

-
1. CAETANO, Marcelo Moraes. *Morfologia da Língua Portuguesa: breve história filológica do latim ao século XX*. Seattle: Amazon, 2018. ↵
 2. RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. ↵
 3. LUKÁCS, Georg. *A Teoria do Romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 2007. ↵
 4. Em latim, Ulisses, nome também utilizado em diversas edições nos países de línguas latinas. [N.E].
↵
 5. CHKLOVSKI, Victor. *A Arte Como Procedimento*. In: TOLEDO, Dionísio de (org.). *Teoria da literatura: formalistas russos*. Porto Alegre: Globo, 1973. ↵
 6. CAMPBELL, Joseph. *O Herói de Mil Faces*. Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Editora Pensamento, 1997. ↵
 7. CAETANO, Marcelo Moraes. *Freud e Psicanálise: Primeiros Contatos com a Teoria e a Prática Clínica*. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2022. ↵

SOBRE O AUTOR

Contemporâneo e sucessor literário de Alexandr Púchkin, Mikhail Yúrievitch Lêrmontov (1814-1841) nasceu numa antiga família fidalga de ascendência escocesa. Órfão de mãe na primeira infância, foi criado pela avó materna, a fazendeira Yelisaveta Arsênieva. Ao estudar, por algum tempo, na Universidade de Moscou, formou-se por uma prestigiosa escola militar e se tornou oficial de um dos regimentos mais brilhantes da Guarda Imperial. O poema *A Morte de Um Poeta*, escrito em 1837, inspirado pelo fim trágico de Púchkin e voltado contra a elite dominante e o governo do Império Russo, provocou uma mudança drástica em sua vida. Transferido para as tropas que operavam no Cáucaso recém-conquistado pelos russos, Lêrmontov ficou lá até sua morte precoce e absurda. Assassinado num duelo, por um dos seus desafetos pessoais, entrou na História como um poeta rebelde de cunho byroniano e, ao mesmo tempo, um dos maiores líricos de expressão russa. Seus poemas extensos, tais como *O Prisioneiro do Cáucaso* (1828), *Canto do Mercador Kaláchnikov* (1837), *O Demônio* e *Mtsyri* (ambos de 1839), assim como seu drama em verso *A Mascarada* (1835) e seu romance *Herói da Nossa Época* (1840), garantiram-lhe um lugar de honra no panteão das letras pátrias.

SOBRE O TRADUTOR

Nascido em 1971, na Bielorrússia, e radicado no Brasil desde 2005, Oleg Almeida é poeta, ensaísta e tradutor multilíngue, autor dos livros de poesia *Memórias dum Hiperbóreo* (2008), *Quarta-feira de Cinzas e Outros Poemas* (2011), *Antologia Cosmopolita* (2013), *Desenhos a Lápis* (2018) e de numerosas traduções do russo (Dostoiévski, Tolstói, Púchkin) e do francês (Baudelaire).

SOBRE O ENSAÍSTA

Carioca nascido em 1976, Marcelo Moraes Caetano é psicanalista, pesquisador e professor de Língua Portuguesa e Filologia Românica na UERJ, além de escritor e pianista clássico, vencedor de concursos nacionais e internacionais. Autor de mais de 50 livros publicados e premiados no Brasil e no mundo (*Análise Histórica e Estilística das Funções da Linguagem*/2008, *Caminhos do Texto*/2010, *Desafios da Redação*/2012, *Gramática Reflexiva da Língua Portuguesa*/2015, entre outros). Membro da Academia Fluminense de Letras, da Academia Brasileira de Filologia, do PEN Club Rio-Londres e da Académie des Arts, Sciences et Lettres de Paris.

Coordenação Editorial: Frederico Machado

Conselheira Editorial: Arlete Nogueira da Cruz Machado

Tradução: Oleg Almeida

Revisão: Ricardo Marques

Posfácio: Ronaldo Cagiano

Capa: Antáres Anderson

Pintura da capa: “*Viajante observa um mar de bruma*”, de Caspar David Friedrich

Diagramação: Kerly Ferreira

Produção do livro digital: Booknando

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Catalogação na Fonte

Lêrmontov, Mikhail. (1814-1841)

L616h AHerói da nossa época / Mikhail Lêrmontov.

Tradução e notas de Oleg Almeida. – 1ª edição. – Teresina: Halley
S/A Gráfica e Editora, 2024. (Coleção Terrae Incognitae)

248 p.: il. 12,5 x 19 cm

ISBN: 978-65-86569-32-2

1. Literatura Russa – Romances 2. Literatura Russa – Século XIX I. Título

CDD – 891.71

Ficha Catalográfica: Bibliotecária Larissa Andrade CRB – 3/1179

Todos os direitos reservados. De acordo com a Lei nº. 9.610, de 19/02/1998, nenhuma parte deste livro pode ser fotocopiada, gravada, reproduzida ou armazenada num sistema de recuperação de informação ou transmitida sob qualquer forma, por meio eletrônico ou mecânico, sem prévio consentimento do autor.